

Melquisedeque



A Ordem
dos
Reis Sacerdotes

Melquisedeque

F. T. Wright

Estes artigos foram originalmente publicados em:

The Messenger and News Review,
Janeiro a Setembro 1990,

Sob o título “Orai Por Chuva Serôdia”,
(Parte 50 a 58)

“Ordem Evangélica”,
(Parte 18 a 26)

JFernandes
PORTUGAL
Julho 2020

Índice

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 9 |
| Contexto histórico..... | 9 |
| Quem é Ele?..... | 9 |
| Não é o Espírito Santo | 10 |
| Não Era Sem (Filho de Noé)..... | 11 |
| 2. As Qualificações de Melquisedeque..... | 12 |
| Um homem | 12 |
| Um Sacerdote Celestial..... | 12 |
| Duas Naturezas | 13 |
| Quantos? | 17 |
| 3. A Ordem de Melquisedeque | 21 |
| A Ordem de Deus não é Opressora..... | 21 |
| A Contrafacção Papal | 22 |
| Liberdade no Caminho de Deus..... | 23 |
| Alturas a Alcançar | 23 |
| 4. A Governação no Reino de Cristo..... | 31 |
| Não Como os Reis da Terra..... | 33 |
| Não Uma Terra Vazia | 33 |
| Não Átomos Individuais | 35 |
| A Realeza Significa Serviço | 36 |
| 5. O Sacerdócio no Reino de Cristo | 39 |
| A Dor de Lidar com o Pecado..... | 39 |
| Liderança na Adoração | 42 |
| Mestres dos Princípios da Justiça | 44 |
| 6. O Testemunho do Amor Redentor de Deus | 50 |
| Deus É a Fonte de Toda a Luz | 50 |
| O Testemunho de Deus em Comparação com o Nosso Testemunho..... | 52 |
| Uma Verdadeira Avaliação das Nossas Experiências..... | 52 |
| Mesmo Cristo É Ensinado Pelo Pai | 53 |
| O Papel das Nossas Experiências Pessoais | 54 |

| | |
|--|-----------|
| Livre da Mortalidade | 58 |
| 7. Qualificações Adicionais | 61 |
| Rodeado de Fraqueza..... | 61 |
| A Expição Pelos Seus Pecados | 65 |
| Chamado Por Deus | 67 |
| Aprendendo a Obediência Através do Sofrimento..... | 70 |
| 8. A Identidade de Melquisedeque | 72 |
| Quem É Ele?..... | 74 |
| Sem Pai e Sem Mãe | 76 |
| Sem Descendência | 78 |
| Sem Princípio de Dias Nem Fim de Vida | 79 |
| 9. O Número de Melquisedeque | 82 |
| As Tribos de Israel..... | 90 |
| Os Discípulos e os Anciãos | 90 |
| A Santa Cidade | 91 |
| O Período Patriarcal..... | 91 |

1. Introdução

Deus tem um propósito muito mais maravilhoso para a família humana do que meramente salvar-nos do pecado, e dotar-nos com a vida eterna, apesar de maravilhosas como estas bênçãos são. E Ele tem um objectivo ainda maior do que nomear os remidos para preencher as vagas deixadas em aberto depois da deserção de Lúcifer e seus seguidores.

Ele pretende que cada alma salva do abismo do pecado se torne um mensageiro do evangelho para toda a existência eterna futura do reino. O Seu propósito muito certamente se realizará.

Para entender o cumprimento do propósito de Deus de comunicar todas as Suas bênçãos através de muitos mensageiros, precisamos de estar completamente familiarizados com o sacerdócio real de Melquisedeque, e a relação dele com o sacerdócio de Levi. Precisamos de saber quem era Melquisedeque, de onde veio, quais são as suas qualificações, e como ele e o seu ministério são uma revelação daquilo que o Todo-Poderoso tem guardado para os remidos.

Contexto histórico

Melquisedeque aparece pela primeira vez na história, quando ele saiu para encontrar-se com Abraão no regresso vitorioso da sua batalha contra a confederação de reis cananeus.

“E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo.

“E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra;

“E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo.” *Génesis* 14:18-20.

Sobre este incidente está ainda escrito:

“Outro que viera para dar as boas-vindas ao patriarca vitorioso, foi Melquisedeque, rei de Salém, que trouxe pão e vinho para alimento de seu exército. Como ‘sacerdote do Deus altíssimo,’ pronunciou uma bênção sobre Abraão, e deu graças ao Senhor que operara um tão grande livramento por meio de Seu servo. E Abraão ‘deu-lhe o dízimo de tudo.’” *Patriarcas e Profetas*, 136.

Não há nenhuma menção do nascimento desse homem, nem há qualquer declaração directa revelando de onde veio ou para onde ele foi. Em vez disso, somos informados de que ele era... “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.” *Hebreus* 7:3.

Quem é Ele?

Tem havido muita especulação sobre a identidade deste sacerdote real. Precisamos examinar uma ou duas das possibilidades mais importantes, a fim de eliminar pistas falsas.

Era ele Jesus Cristo? O testemunho que se segue mostrará que não era:

“Deus nunca Se deixou ficar sem testemunhas sobre a Terra. Uma vez Melquisedeque representou o Senhor Jesus Cristo em pessoa, para revelar a verdade dos céus, e perpetuar a lei de Deus.” *The SDA Bible Commentary*, vol. 1, p. 1092-1093.

Se ele era o representante de Cristo, então ele não poderia ter sido o próprio Cristo.

“Foi Cristo que falou através de Melquisedeque, o sacerdote do Deus Altíssimo. Melquisedeque não era Cristo, mas ele era a voz de Deus no mundo, o representante do Pai.” *Review and Herald*, 18 de Fevereiro de 1890.

Claramente, então, Melquisedeque não era Cristo. No entanto, apesar da clareza inequívoca das declarações que acabamos de citar no sentido de que Cristo não era Melquisedeque, os discípulos de Cristo, falando sob inspiração divina, declararam que Cristo era de facto esse homem maravilhoso.

A sua afirmação foi feita perto do fim da jornada triunfal de Cristo em Jerusalém, em resposta à pergunta: “Quem é este?” colocada aos discípulos pelos fariseus muito alarmados.

“Quando o cortejo está para descer o Monte das Oliveiras, é interceptado pelos principais. Indagam a causa do tumultuoso regozijo. Ao perguntarem: “Quem é Este?” os discípulos possuídos de inspiração, respondem. Em eloqüentes acentos, repetem as profecias concernentes a Cristo:

“Adão vos dirá: É a semente da mulher que há de esmagar a cabeça da serpente.

“Perguntai a Abraão, ele vos afirmará: ‘É Melquisedeque, Rei de Salém’ (Gênesis 14:18), Rei de Paz.” {DTN 405}, *O Desejado de Todas as Nações*, 578.

Somos, então, informados num lugar que Cristo não era Melquisedeque, e noutro que era Ele. Pode esta aparente contradição ser resolvida com o argumento de que os discípulos foram levados pelo grande entusiasmo, e que na intensidade do momento fizeram essas afirmações extravagantes, mas irreais acerca do seu amado Mestre?

Tal solução para o problema deve ser sumariamente rejeitada à luz da verdade que aqueles homens devotos estavam cheios, quando falaram, com o Espírito de inspiração. Eles não foram mais do que os instrumentos através dos quais o Espírito Santo falou.

Portanto, o que eles disseram é a verdade – Cristo era Melquisedeque, mas Ele não foi o Melquisedeque que se encontrou com Abrão. Essa é a chave para o problema. Há dois Melquisedeqes: a cópia e o original. O primeiro apareceu na Terra nos dias de Abrão; e o último é Jesus Cristo.

Não é o Espírito Santo

Há uma outra teoria que o Espírito Santo era Melquisedeque. Mas quando estudamos as qualificações necessárias para ser um sacerdote real, vamos descobrir que o Espírito Santo não possui todas as especificações necessárias. É impossível Ele ser rei de Salém.

No entanto, aparece em circulação de vez em quando um relato impresso supostamente escrito por um pioneiro do advento altamente respeitado, que é apresentado como declarando que Ellen White disse ter ouvido que o Espírito Santo era Melquisedeque. Este é um documento bastante impressionante porque, se a profetiza o disse, deve ser verdade. Seríamos rotulados de falso testemunho de um venerado pioneiro advento, pois ele era um homem de grande integridade.

No entanto, os factos são que a profetiza nunca o disse, nem o relato do pioneiro do advento diz que ela o disse. Posso dizer isso com a máxima confiança, pois, se o relato fosse verdadeiro,

então ela teria falado em contradição directa com o Espírito Santo quando Ele falou através do apóstolo Paulo.

Isso será visto com clareza convincente quando, no próximo capítulo estudarmos as qualificações para o sacerdócio real de Melquisedeque e vejamos como o Espírito Santo não poderia ter as qualificações.

O Espírito Santo deu-nos instruções claras a respeito de como nos relacionarmos com os relatos daquilo é suposto o Senhor ter dito através da Sua mensageira. Não devemos dar-lhes qualquer crédito. Aqui está o conselho:

“A todos os que sentem desejo pela verdade, eu gostaria de dizer: Não dêem crédito a relatórios não-autorizados sobre o que a irmã White fez, disse ou escreveu. Se desejam saber o que o Senhor revelou por meio dela, leiam suas publicações. Há alguns pontos de interesse concernentes aos quais ela não escreveu; não apanhem avidamente e veiculem rumores sobre o que ela disse.” *Testemunhos Para a Igreja*, 5:696.

Este é o último parágrafo do capítulo intitulado: “Boatos infundados”, em que é dada uma explicação de como até mesmo pessoas honestas podem, por descuido, interpretar mal o que a irmã White disse ou fez.

Outras almas, não tão honestas, permitiram que o preconceito colorisse a sua recepção das declarações feitas pela profetiza, e colocaram em circulação representações do que ela disse que eram decididamente enganosas. No capítulo que começa na página 693, são dados exemplos específicos dessas actividades maliciosas. É altamente recomendável que o capítulo inteiro seja lido (*Testemunhos Para a Igreja* 5:692-696.)

Se, ao lerdes, acolheis a instrução no coração, nunca estareis em perigo de ser enganados por relatos distorcidos sobre o que a profetiza realmente disse, nem dareis qualquer credibilidade à alegação de que a irmã White disse que Melquisedeque era o Espírito Santo.

Não Era Sem (Filho de Noé)

Agora, antes de deixar que as Escrituras nos ensinem quem Melquisedeque era realmente, vamos descartar uma última teoria sobre a sua identidade. Alguns dizem que ele era Sem, o filho justo de Noé, que viveu de antes do dilúvio e para cima de vinte e cinco anos depois da morte de Abraão.

Mas Sem tinha um pai e uma mãe que Melquisedeque não tinha. Além disso, o sacerdote real, ao contrário de Sem, não tinha fim da vida. Sem não é a pessoa maravilhosa que recebeu díizimos de Abraão, pois foi outro que preencheu esse papel. No próximo capítulo a sua identidade será estabelecida para além de qualquer dúvida.

Precisa ser evidenciado que na nossa busca para descobrir quem foi esse homem, não estamos a procurar satisfazer a nossa curiosidade, porque fazer isso não seria mais do que vaidade. O ministério do rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, contém ricas reservas de verdade essencial para a compreensão daqueles que vivem nestes últimos dias. É um estudo que irá fortalecer a nossa fé, e enriquecer a nossa experiência. É por estas razões que fazemos a pergunta, “Quem é ele?”

2. As Qualificações de Melquisedeque

Essencial para a descobrir a identidade, *origem* e obra de Melquisedeque, e para a conhecer a sua posição e obra, é um conhecimento das qualificações que tinham de ser possuídas por este homem para ocupar a sua divinamente designada posição.

Estas são listadas em:

- *Hebreus* 5:1-14;
- *Hebreus* 6:1-20;
- *Hebreus* 7:1-28.

Vamos examinar cada especificação, por sua vez, tendo sempre em mente que o que é encontrado no tipo é uma revelação do que é verdadeiro no antítipo.

Um homem

A primeira condição exige que ele seja um homem tomado dentre os homens.

“Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados.” *Hebreus* 5:1

Esta é uma expressão muito significativa do propósito divino que elimina qualquer possibilidade de Melquisedeque ser o Espírito Santo, ou mesmo um anjo. Ele era um homem e, para cumprir o propósito divino, só podia ser um homem.

Ao mesmo tempo, ele não poderia ser um homem qualquer, mas tinha que ser um homem justo, o que ele era, pelo que era “rei de justiça” e “rei de paz” (*Hebreus* 7:2).

Mas por que não poderia ele ser o Espírito Santo, ou mesmo um anjo poderoso? Por que tem ele de ser um homem santo? As respostas a estas perguntas são muito importantes, e são encontradas na mensagem da ordem de Melquisedeque.

Um Sacerdote Celestial

Nos dias de Abraão, o Melquisedeque que se encontrou com o patriarca no seu regresso da batalha com os reis pagãos, era um membro da ordem sacerdotal da qual Cristo é o Sumo Sacerdote. De nosso Salvador nessa posição porque está escrito:

“Porque ele assim testifica: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.” *Hebreus* 7:17.

Portanto, no tempo em que Abraão estava na Terra, havia dois membros da ordem:

Cristo, o Sumo sacerdote que ministrava no Céu, e o Melquisedeque que vemos ministrando a Abraão na Terra.

Todavia, podeis dizer, isso é impossível, pois, nos dias de Abraão, Cristo ainda não era um homem. Isso é verdade, mas, também é verdade que, enquanto no tempo de Paulo Ele tinha que

ser Deus e homem caído e foi, nos dias de Abraão Ele precisava ser mais do que Deus e anjo, que Ele então foi.

Em suma, em ambos os períodos foi Criador e criatura numa pessoa, como Ele tinha que ser desde a eternidade no passado à eternidade no futuro, a fim de fornecer os meios pelos quais toda a criatura poderia encontrar acesso a Deus, e Ele a eles.

Este ministério sacerdotal tornou-se muito mais necessário quando o homem pecou, uma eventualidade que exigiu a Melquisedeque Sumo Sacerdote, Jeová Emanuel, que descesse de ser Deus habitando em forma de anjo, para ser Deus habitando na humanidade pecadora, mortal.

Cada membro dessa ordem sagrada é um mensageiro, não no nível do terreno, como Moisés; mas no nível celestial onde Cristo é o mensageiro principal. Lá em cima no Céu, cada rei-sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque é um mensageiro e cada mensageiro é um rei e um sacerdote da ordem de Melquisedeque.

É por isso que estamos a entrar no estudo da ordem de Melquisedeque. É por isso que a nossa compreensão do que significa ser um mensageiro de Deus pode ser aprofundada e alargada.

O número de membros da ordem tem sido aumentado cada vez que um ou mais dos remidos são levados para o Céu, a mais recente e maior expansão única foi na ascensão de Cristo. Estes juntamente com aqueles que foram antes deles são mostrados no santuário celestial ministrando como reis e sacerdotes depois do supremo sacrifício de Cristo no Calvário.

Esta revelação deles, as suas qualificações, e ministério, está registrado em *Apocalipse* 4:1-11, e *Apocalipse* 5:1-14, onde eles são apresentados como vinte e quatro anciãos e como quatro seres viventes.

Duas Naturezas

Para serem mensageiros ao nível celestial, eles têm de ter duas naturezas:

- A natureza do Criador, e
- A natureza da criatura.

O facto dos santos que subiram o Céu serem representados como os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes, serem tão qualificados, é claramente revelado nestes dois capítulos no *Apocalipse*, onde, por um lado, eles são vistos como tendo a natureza de Deus, enquanto por outro têm a natureza de uma criatura.

Estar na posse da natureza de Deus, *não* significa que alcançamos a Divindade, tornando-nos Deus como Ele é. Este é um mistério que entenderemos melhor quando chegarmos ao Céu. Aqueles que têm a vida divina de Cristo gerada em si terão a capacidade ilimitada para entrar à directa Presença Divina, e, sentarem-se no trono do Pai e do Filho, reinando com Cristo e Deus para todo o sempre.

Vamos primeiro examinar as evidências encontradas em *Apocalipse* 4 e 5, que eles são seres criados – tabernáculos humanos para morada da vida e natureza divina. O que mais poderiam eles ser senão seres criados quando são apresentados como anciãos e criaturas vivas? Que eles são anciãos e criaturas humanas vivas é confirmado pelo seu próprio testemunho:

“E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.” *Apocalipse* 5:9.

Há apenas uma categoria de seres criados que foi redimida, isto é, comprada de volta da propriedade do pecado e da morte, e eles são os membros da família humana. Assim, estas

Escrituras deixam bem claro que os anciãos e os seres vivos têm a qualificação de serem homens chamados dentre os homens.

Mas o que dizer da outra qualificação necessária: a posse da vida gerada do Criador? Dá a Escritura sob consideração a revelação de que eles também possuem isso? Certamente que sim!

Nesta referência somos informados de que os anciãos estavam sentados em vinte e quatro tronos ao redor do trono do Onnipotente. Cada um estava vestido com uma veste branca, e usava o símbolo da realeza: uma coroa de ouro.

“E ao redor do trono [de Deus] havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.” *Apocalipse 4:4*.

Dos remidos representados pelos quatro seres viventes, está escrito:

“E havia diante do trono [de Deus] um mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.” *Apocalipse 4:6*.

Sentar-se sobre os tronos ao redor do trono de Deus, e estar no meio do trono de Deus, requer capacidades tão especiais que nenhum anjo possui. Nós não temos nenhum conceito hoje de quão incrível seja um lugar no meio do trono de Deus, apesar dos profetas terem tentado descrever para nós o que lhes tinha sido mostrado sobre ele. Veja-se as seguintes revelações do incrível lugar de autoridade e poder: *Isaías 6:1-5; Ezequiel 1:1-28; Daniel 7:9, 10*.

Estas referências deixam claro que um rio de fogo de proporções imensas está continuamente fluindo em todas as direcções a partir do Altíssimo sobre o Seu trono para sustentar todo o Universo momento a momento. Fôssemos nós capazes de avaliar as necessidades de energia necessárias para manter o Universo e teríamos uma ideia da infinidade de poder que caracteriza a Fonte de onde vem aquela saída de energia. Então nós saberíamos que apenas aqueles com excessivamente altas qualificações poderiam permanecer no meio do trono, no coração desse centro de energia de fogo.

Há só uma classe de pessoas cujos membros são capazes de entrar directamente no meio daquele trono de fogo, e estas são aqueles cuja existência começou como seres criados – Adão e Eva e os seus filhos gerados – e que entretanto foram posteriormente dotados da vida gerada de Deus.

Enquanto na sua condição original, eles, como todos os seres criados, eram totalmente incapazes de estar naquele rio de fogo. Quando pecavam, eram ainda menos capazes como foi demonstrado por Nadabe e Abiú, os dois filhos do sacerdote Arão que tentaram entrar na presença de Deus no santuário terrestre, desprotegidos pelo incenso convencional. Ambos foram consumidos (*Levítico 10:1-11*.)

Mas, para o arrependido entre a família humana, Cristo não somente deu a Sua vida por eles, mas deu-lhes a Sua própria vida. Essa vida é completamente capaz de compartilhar o trono do Pai. Ela tem a capacidade, mesmo habitando em carne e sangue humanos sem pecado, de entrar na presença real de Deus sem ser consumida.

Assim, em *Apocalipse 4 e 5*, é revelado um grande grupo de almas redimidas que entram na directa presença de Deus, mesmo sem Cristo no meio. Alguns podem sentir que isto é ultrapassar limite, mas, podem ter certeza que eu não estaria a dizer isto sem provas incontestáveis para o efeito.

Os que lerem e entendam o nosso livro, *Os Vivos e os Mortos*, não terão dificuldade com esta afirmação. Eles sabem que os remidos em quem está a vida gerada de Cristo, que são co-herdeiros com Ele, e que compartilham o Seu trono com Ele, terão acesso ilimitado ao Altíssimo, sem passar por Cristo. Eu recomendo fortemente que reestudeis aquele pequeno

livro, com especial atenção para o capítulo: “Uma Linhagem Superior”. É dado aqui um breve resumo das provas ali apresentadas.

Que os redimidos serão capazes de chegar diante de Deus sem ter de passar por Cristo é revelado no santuário do Antigo Testamento. Ali verificamos que Arão não ficou a servir sozinho no santuário. O trabalho era feito pelo sumo sacerdote e seus filhos.

Os filhos aproximavam-se da Presença divina no santuário através do pai excepto durante o serviço de expiação final, mas eles mesmos faziam isso directamente. Arão não poderia estar continuamente em serviço. Havia momentos em que ele tinha de se afastar. Em tais ocasiões, um ou mais dos seus filhos serviam no pátio e no lugar santo mesmo sem a presença do sumo sacerdote.

O que era verdade no tipo também é verdade no antítipo. No santuário celestial, Cristo não ministra sozinho como anteriormente fazia. Chegou o tempo em que Ele passou a ser acompanhado por um filho: Enoque era o seu nome. Mais tarde veio Moisés, em seguida, Elias, e, em seguida, a multidão de cativos que ascendeu com Cristo após a sua ressurreição. Todos estes foram para o Céu para ministrar como filhos do Sumo Sacerdote no santuário celestial onde João os viu oferecendo as orações dos santos, como está escrito:

“E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.” *Apocalipse* 5:8.

Assim como Arão não podia ministrar continuamente no santuário, também Cristo não podia. Houve ocasiões em que a Sua presença era necessária noutros lugares, como nas Suas visitas a Abraão, Jacó, Moisés, Israel, Josué e outros. Enquanto Ele estava ausente, não poderia realizar o trabalho de sacerdote no santuário. Isto nunca foi tão verdadeiro como quando Ele era apenas um pequeno embrião no ventre da sua mãe, e andou na Terra confinado à mortal, carne pecadora, ou estava morto no sepulcro de José.

A solução foi Ele deixar três filhos, Enoque, Moisés, Elias, três membros da ordem de Melquisedeque, no templo acima para receber as orações dos crentes arrependidos, misturá-las com o incenso da própria justiça de Cristo, e apresentá-las na imaculada perfeição ao Pai, enquanto Ele próprio estava ausente noutros lugares.

Estes filhos do Sumo Sacerdote não faziam isso sob qualquer mérito em si próprios, ou por seu próprio sangue. Era pelo sangue de Cristo e Sua justiça que eles eram capazes de ministrar diante do Pai Eterno. Era também pelos méritos de Cristo que eles administravam em nome do pecador diante do Pai em cuja presença tinham o mesmo acesso que Cristo, quando Este estava no Céu.

Para esses filhos do Sumo Sacerdote serem capazes de realizar este ministério essencial durante a Sua ausência, tinham que ser capazes de entrar plenamente na directa presença de Deus, mesmo sem Cristo de permeio. E isso é o que eles fizeram e ainda estão fazendo, e continuarão a fazer por toda a eternidade.

Que maravilhoso futuro aguarda os filhos de Deus que hoje estão a preparar-se para serem ministros no santuário celeste. O Céu será certamente aquilo pelo qual vale a pena lutar.

Há um testemunho que parece contradizer isso, como se lê:

“O Céu é um contínuo aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo.” {DTN 230}, *O Desejado de Todas as Nações*, 331.

Parece que estou dizendo que o Céu é um incessante aproximar a Deus através de Cristo e os remidos. Em certo sentido, isso é verdade. Mesmo agora, as almas estão a ser conduzidas a Deus através do ministério dos verdadeiros cristãos e a partir deles por meio de Cristo a Deus.

Mas, no tempo próximo em que os santos forem estabelecidos no seu eterno lar será um aproximar de Deus sem Cristo fisicamente no meio, a sua directa entrada na Presença de Deus continuará a ser através de Cristo. Será através do Seu sacrifício, dos Seus méritos, da Sua vitória, da Sua justiça, e da Sua vida que eles farão isso. Assim será eternamente verdadeiro que:

“O Céu é um contínuo aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo.”

Esta capacidade por parte dos resgatados filhos de Deus para percorrer todo o caminho para Deus e todo o caminho para os filhos de Deus criados, também os qualifica para serem mensageiros. Existem dois níveis de mensageiros: o celestial e o terrestre.

Nos dias de Moisés, Cristo e Enoque foram os mensageiros a nível celestial. Acaba de ser demonstrado que, depois do imortalizado, glorificado, e trasladado Enoque ter sido levado para o Céu, Cristo não se interpunha entre ele e o Pai, porque não era necessário. Isso não diminui a glória de mediação de Cristo, mas sim é uma revelação das alturas a que o Seu ministério vai elevar a família humana.

A nossa salvação depende de Cristo ter-Se ausentado do Céu durante trinta e três anos e meio. Mas isso não teria sido possível se os serviços no santuário não pudessem ter sido efectivamente continuados durante o tempo da Sua ausência.

Isso por sua vez exigia os serviços de filhos que não precisassem de ter Cristo fisicamente entre eles e Deus. Assim, pois, Enoque não só tem o poder de entrar à presença de Deus, mas mais do que isso, ele, Moisés e Elias tinham que ter essa capacidade, para que o plano da salvação se tornasse viável.

Assim, no nível celestial, Enoque tornou-se um mensageiro, porque ninguém, nem mesmo Cristo, estava entre ele e a Fonte infinita. O mesmo será verdade a respeito de cada alma redimida. Ninguém, nem mesmo o próprio Cristo, ficará entre os mensageiros e Deus no Céu.

De maneira semelhante, ao nível terrestre, ninguém fica entre o mensageiro humano e Cristo, embora Cristo fique entre ele e Deus.

Vimos agora que os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes são seres humanos que foram resgatados da Terra. Eles têm a humanidade imortal sem pecado, na qual habita a vida imortal sem pecado, de Cristo. Possuidores dessas duas naturezas, eles são capazes de fazer todo o caminho até ao mais humilde dos seres criados no lado humano, e todo o caminho até Deus no lado divino. Assim, eles estão totalmente qualificados para serem mensageiros no Céu ao mais alto nível.

João ouviu eles testemunharem sobre o que Cristo havia feito por eles, que... “para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra.” *Apocalipse* 5:10.

Um rei que tem um estatuto tão exaltado que se sinta com Deus e Cristo no Seu trono, enquanto, como um santo e justo sacerdote ministra no santuário na presença de Deus, não pode ser outro senão um membro da ilustre ordem de Melquisedeque. Nessa ordem sagrada, Cristo é o Rei dos reis, e Sumo Sacerdote de todos os outros sacerdotes.

Agora é o momento de afirmar a declaração feita anteriormente neste capítulo, que cada membro dessa ordem sagrada é um mensageiro, não no nível terreno onde Moisés era um mensageiro, mas no nível celestial onde Cristo é o Mensageiro principal.

Lá em cima no Céu, cada rei-sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque é um mensageiro, e cada mensageiro é um rei e um sacerdote da ordem de Melquisedeque. O estudo

desta ordem fornece revelações inestimáveis da ordem evangélica e das alturas incríveis à qual Cristo, por meio do evangelho, acabará por nos elevar. Isto não será a nossa glória e honra, mas a d'Ele.

É um privilégio que deveria ter sido dado aos anjos, ou pelo menos a alguns deles, e teria sido se Lúcifer e os seus seguidores se arrependessem. Mas, quando eles perderam a sua pureza, criaram vidas através da transgressão, recusaram a oferta amorosa de perdão, a aceitação da qual teria permitido Cristo gerar a Sua própria divina vida sem pecado, imortal, e justa neles.

Em seguida, após o necessário período de provação, eles se tornariam mensageiros diante do Pai, onde ninguém, nem mesmo o próprio Cristo, teria ficado entre eles e o Todo-Poderoso.

Como observado antes, quando os anjos caíram e recusaram a levantar-se novamente, Deus através de Cristo criou o homem com a intenção de que ele se multiplicasse e preenchesse as vagas deixadas pelos anjos que partiram.

Apresentaram-se então três possibilidades:

1. Toda a multiplicada família humana permanecesse fiel a Deus. Nesse caso, as vagas seriam todas preenchidas, mas não teria havido nenhum aumento da ordem de Melquisedeque. Ela teria permanecido com um único membro que teria sido Rei sem reis da ordem de Melquisedeque.
2. O pecado ter vencido a família humana, como aconteceu, mas depois, como Satanás e os seus seguidores, os seus membros se recusassem a arrepender-se e voltar para o Senhor. Nesse caso, as vagas entre os anjos teriam permanecido por preencher, e novamente, não teria havido nenhum aumento da ordem de Melquisedeque, que teria permanecido com um único membro. Ele teria sido Rei sem reis da ordem de Melquisedeque.
3. O homem pecar, mas muitos se arrependerem, e outros mais ainda o fizessem. Isso proporcionaria a Deus os meios não só de preenchimento das vagas no Céu, mas de ampliar a ordem de Melquisedeque exactamente no mesmo número. Tudo o que é necessário para preencher as vagas no Céu, são seres criados justos, humanos ou angélicos.

Para juntar-se à ordem de Melquisedeque, o candidato deve ter mais do que é necessário para preencher os cargos vagos pelos anjos. Ele tem que ter duas naturezas: a natureza do homem e a natureza gerada de Cristo. Todos os que têm isto são membros dessa ordem ilustre, reis e sacerdotes para Deus.

Quantos?

Sabemos quão grande a ordem era no começo quando consistia apenas num membro, Jeová Emanuel. Vimo-la crescer com um membro adicional com a trasladação de Enoque, outro com a ressurreição de Moisés, e ainda outro com a trasladação de Elias. Assim, no momento em que Cristo devia aparecer em Belém, havia quatro na ordem incluindo o Salvador.

O aumento seguinte foi na ascensão de Cristo. Nós não somos informados sobre o número exacto dos que foram ressuscitados nessa altura, mas apenas é dito que eles eram uma multidão como diz o testemunho seguinte:

“Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abriu-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Ele, ressurgiram juntamente. Eram os que haviam colaborado com Deus, e que à custa da própria vida tinham dado testemunho da verdade. Agora deviam ser testemunhas dAquele que os ressuscitara dos mortos...

“Aqueles, porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Ele, como troféus de Sua vitória sobre a morte e o sepulcro. Estes, disse Cristo, não mais são cativos de Satanás. Eu os redimi. Trouxe-os da sepultura como as primícias de Meu poder, para estarem comigo onde Eu estiver, para nunca mais verem a morte nem experimentarem a dor.” {DTN 555}, *O Desejado de Todas as Nações*, 786.

Mas qual será o número total dos membros da ordem de Melquisedeque na contagem final quando estiver concluído no fim da provação, como está escrito?

“Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, a misericórdia não mais pleiteará em favor dos culpados habitantes da Terra. . . .

“Todos os casos foram decididos para vida ou para morte. Cristo fez expiação por Seu povo, e apagou os seus pecados. O número de Seus súditos completou-se; ‘e o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu’, estão prestes a ser entregues aos herdeiros da salvação, e Jesus deve reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.” *O Grande Conflito*, 613-614.

Assim, quando Jesus deixar a Sua obra de intercessão pelos pecadores, o número necessário para preencher as vagas no Céu estará completo. Nenhuma posição será deixada vaga quando os santos ressuscitados e trasladados se juntarem àqueles que lhes antecederam.

Uma vez mais não somos neste momento informados quanto ao número exacto de pessoas que irão compor o sacerdócio de Melquisedeque, mas é-nos dada alguma indicação da seguinte maneira.

Sabemos com certeza que um terço dos anjos caiu, o que deixou dois terços dos que ficaram. Falando do diabo na forma de um grande dragão vermelho, está escrito que:

“E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra.” *Apocalipse* 12:4.

“Em sua rebelião, Satanás levou consigo a terça parte dos anjos.” *Testemunhos* 3:115.

Isto significa que dois terços foram deixados cujo número Daniel descreve como se segue:

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele.” *Daniel* 7:10.

Estes não têm de ser números literais, pois poderia ser simbólico, embora no momento em que escrevo isto, não posso perceber que eles sejam simbólicos. Assim, pelo menos por agora, vamos considerá-los como sendo literais.

O primeiro número é milhares de milhares, mas não nos é dito o quanto a palavra “milhares” significa. Se fomos informados de que havia milhares de anjos, o que poderia significar qualquer coisa de dois mil ou talvez cem mil e possivelmente mais. A quantidade é indefinida. Mas é-nos dito que há mil desses “milhares”. Se tomarmos “milhares” para dizer o mínimo de dois mil, e multiplicar isso por mil, temos dois milhões.

O próximo número é dez mil vezes dez mil, um total de cem milhões, o que, somado ao número acima ascende a um total de pelo menos cento e dois milhões de anjos servindo fielmente ao Senhor. Todavia este não é um terço que desertou, mas os dois terços que permaneceram. Uma vez que um terço é um meio de dois terços, então aqueles que ficaram seria pelo menos cinquenta e um milhões, o que é metade de cento e dois milhões.

Se esta interpretação de *Daniel* 7:10 está correcta, então foram pelo menos cinquenta e um milhões de anjos os que deixaram o Céu, deixando um mínimo de cinquenta e um milhões de vagas para serem preenchidas exactamente pelo mesmo número de seres humanos arrependidos, cada um dos quais é dado o seu lugar designado como rei e sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

As indicações são de que haverá, quando o reino estiver plena e finalmente estabelecido, pelo menos cinquenta e um milhões de membros dessa ordem ilustre, e provavelmente mais.

Esse é um vasto grupo de pessoas, aparentemente muito mais do que poderíamos esperar ver reunido para o reino durante os seis mil anos de colheita por meio do evangelho. Para onde quer que olhemos o povo de Deus ao longo da história, parecem tragicamente poucos em número.

Vemos, apenas oito no tempo do dilúvio, e, apesar de contados mais de mil almas na sua casa, vemos um Abraão relativamente solitário pouco depois.

Seguiram-se séculos de depressão espiritual no Egito, apostasias recorrentes no caminho para a Terra Prometida, e após a sua conquista.

O reino atingiu o seu auge de poder e prosperidade como um resultado do muito abençoado reinado de Davi, mas dos tempos de Salomão em diante cada vez menos se mantiveram fiéis a Deus.

Quão pequeno em número foram os fiéis durante o cativeiro em Babilônia, e que pequeno remanescente de uns meros cinquenta mil regressou na fé para reconstruir a cidade e o santuário.

Na época do nascimento de Cristo, os anjos foram capazes de encontrar apenas alguns pastores, e um número muito pequeno de homens sábios em terras estrangeiras, a quem puderam dar as boas-novas do aparecimento do Salvador. A respeito dessa decepção para os anjos está escrito:

“Um anjo visita a Terra a fim de ver quais os que se acham preparados para receber a Jesus. Não pode, porém, distinguir sinal algum de expectativa. Não ouve voz alguma de louvor e triunfo, anunciando que o tempo da vinda do Messias está às portas. O anjo paira por algum tempo sobre a cidade escolhida e o templo onde a presença divina tinha sido manifestada durante séculos; mas, mesmo ali, há idêntica indiferença. Os sacerdotes, em sua pompa e orgulho, estão oferecendo profanos sacrifícios no templo. Os fariseus estão em altas vozes discursando ao povo, ou fazendo jactanciosas orações nas esquinas das ruas. Nos palácios dos reis, nas assembléias dos filósofos, nas escolas dos rabis, todos, de igual maneira, se acham inconscientes do maravilhoso fato que encheu todo o Céu de alegria e louvor — o fato de que o Redentor dos homens está prestes a aparecer na Terra.

“Evidência alguma há de que Cristo seja esperado, e nenhuns preparativos para o Príncipe da Vida. Com espanto está o mensageiro celestial prestes a voltar para o Céu com a desonrosa notícia, quando descobre alguns pastores que, à noite, vigiam seus rebanhos e, mirando o céu bordado de estrelas, meditam na profecia do Messias a vir à Terra, anelando o advento do Redentor do mundo. Ali se encontra um grupo que está preparado para receber a mensagem celestial.

“E subitamente o anjo do Senhor aparece anunciando as boas novas de grande alegria. A glória celestial inunda a planície toda; aparece uma incontável multidão de anjos e, como se fora demasiado grande a alegria para um só mensageiro trazê-la do Céu, uma multidão de vozes irrompe em louvores que todas as nações dos salvos um dia entoarão: ‘Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens.’ Lucas 2:14.” *O Grande Conflito*, 314.

O triste padrão de desinteresse e rejeição pela maioria continuou durante o Seu ministério, até a Sua obra parecer um fracasso.

“Como Redentor do mundo, Cristo foi constantemente confrontado por aparentes fracassos. Ele, o Mensageiro da misericórdia ao nosso mundo, pouco parecia fazer da obra que anelava realizar em erguer e salvar.” {DTN 481}, *O Desejado de Todas as Nações*, 678.

Na cruz, dificilmente ficou uma alma que se identificasse com Ele, mas uma imagem mais brilhante surgiu com a chegada da chuva temporã. Alguém podia ficar confiante de que, depois deste período de poder, um grande contingente avançaria para completar o número necessário. Mas isso foi seguido por outra apostasia grave resultando no desenvolvimento da Idade das Trevas.

Depois veio a Reforma e o Grande Movimento do Segundo Advento, nenhum dos quais parecia grandemente produtivo de almas verdadeiramente resgatadas. Certamente, no momento presente, vemos apenas um pequeno número de pessoas muito dispersas que entende e segue a verdade.

Isso deixa-nos apenas o tempo da chuva serôdia, período durante o qual veremos a maior colheita de almas que jamais se reuniu. Mas, há fortes indícios de que o poderoso afluxo inicial de crentes será sucedido por um massivo afastamento quando a pressão da perseguição se tornar tão grave que se vêem confrontados com a morte de mártir.

Por isso, perguntar-se-á onde é que o Senhor vai encontrar pelo menos cinquenta e um milhões de pessoas para preencher todas essas vagas. No entanto, o número será preenchido.

“O Céu triunfará pois as vagas deixadas pelos anjos caídos de Satanás e seu exército serão preenchidas pelos remidos do Senhor.” *Review and Herald*, 29 de Maio de 1900.

No primeiro caso, como Elias, que pensou que só ele era fiel quando não pôde ver os sete mil que não tinham dobrado os joelhos a Baal, assim nós seremos totalmente incapazes de numerar Israel. Nós não podemos ver o grande exército lá fora, que ainda vai ser resgatado, mas ele no entanto está lá.

Mas, para além deste grupo muito grande, só os mártires contribuirão com milhões de almas para o total.

Além deles, haverá uma grande multidão, que ninguém pode contar como o seguinte parágrafo descrevendo a reunião de todos os fiéis na Cidade Santa, no final do milénio, mostra:

“Mais próximo do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa. Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé. E além está a ‘multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, . . . trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos.’ Apocalipse 7.” *O Grande Conflito*, 665.

Assim, pois, entre os milhões de mártires de todas as idades, e a grande multidão, podemos ter a certeza de que o evangelho de Jesus Cristo não vai alcançar resultados insignificantes. Milhões e milhões serão salvos.

É certo que a colheita de alguns lugares e algumas vezes pode ter sido pequena, mas noutros momentos e lugares, variará de moderada a altamente impressionante. O resultado global será suficiente para alcançar o propósito divino de preencher as vagas deixadas pelos anjos caídos, e de aumentar consideravelmente a ordem de Melquisedeque.

Assim, é revelado nas Escrituras a principal razão para Melquisedeque ter que ser um homem. Foi porque entre todos os seres criados, apenas a raça humana, em virtude do pecado, arrependimento, e recebimento do dom da salvação, se tornou desse modo o destinatário da própria vida divina de Cristo, qualificando-se para a posição.

3. A Ordem de Melquisedeque

O estudo do sacerdócio de Melquisedeque fornece uma maravilhosa e bela revelação dos princípios e procedimentos pelos quais Deus constrói o Seu reino tanto no Céu como na Terra. Através destas lições, o Ser Eterno torna claro que, nesta obra, não se desviará para a direita ou para a esquerda nem pela grossura de um cabelo para acomodar os desejos ou juízos de qualquer ser criado.

Isto significa que, se tivermos que ser participantes com o Altíssimo na obra da construção do reino, então teremos que chegar à perfeita conformidade com os Seus princípios e procedimentos. Temos que compreender que não nos é dado mesmo no mais pequeno grau decidir como o reino deve ser construído. Tudo isso e nada menos do que isso, pertence a Deus e Deus somente.

Portanto, é exigida uma submissão total à sabedoria do Omnisciente. O crente deve olhar para Deus e não para si próprio em busca das designadas especificações do reino no qual todos nós, tão ansiosamente desejamos ter parte.

A Ordem de Deus não é Opressora

Para a alma verdadeiramente convertida de quem o eu foi destronado, isto não constitui qualquer problema, tal como não houve dificuldade para Cristo em contraste com os importantes judeus do tempo em que Ele esteve na Terra como está escrito:

“Os sacerdotes e rabis estavam a repreender o Filho de Deus pela própria obra para cuja realização fora enviado ao mundo. Pelos seus pecados, tinham-se separado de Deus e estavam, por causa do seu orgulho, a agir independentemente d’Ele. Sentiam-se suficientes para tudo e não percebiam a necessidade de uma mais elevada sabedoria para lhes dirigir os actos. Mas o Filho de Deus era submisso à vontade do Seu Pai e dependente do Seu poder. Jesus era tão plenamente vazio do próprio eu, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai desdobrava-os dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que a nossa vida seja uma simples operação da Sua vontade.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 215.

Para a mente humana, uma tal submissão à vontade de outro é entendido como sendo um impedimento do uso das próprias capacidades pessoais, mesmo quando é à mente do Infinito em conhecimento, justiça e poder que são chamados a submeter-se. Para muitos é uma cruel, limitadora, impeditiva servidão, da qual são levados por poderosos desejos a libertarem-se.

Mas o nosso Salvador e Exemplo verificou que não era assim. Pelo contrário, “Glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade do Seu Pai.” *A Ciência do Bom Viver*, 19.

É o nosso privilégio não apenas aceitar isto como a verdade por ser a verdade, mas também compreender quanto é a verdade; como é que total submissão à mente e vontade divina é a glorificação daqueles que assim se relacionam a si mesmos com o Altíssimo. É o maior ganho em que nada é deixado que nos destrua.

A mente de Deus é um armazém infinito de conhecimento, verdade e sabedoria, de modo que não teremos nada se não vier dessa Fonte. Se o relacionamento de Deus connosco produz servidão como Ele é tão largamente acusado de fazer, ou nos eleva ao ilimitado desenvolvimento de todo o talento e faculdade como na verdade são os factos, depende de como Ele se relaciona connosco como Guardião da prosperidade do universo, e como nós, por nosso lado, Lhe respondemos.

Se Ele ficasse em relação a nós como um autocrata arbitrário que exige cega, irracional obediência às Suas ordens a fim de servir a Sua vontade pessoal, o resultado mais certo seria extremamente deprimente para aqueles a quem se pede obediência sob aquelas condições.

A Contrafacção Papal

Em lado algum em toda a história tem isto sido mais convincentemente demonstrado do que no reino do papado quando a absoluta obediência ao autocrata governante do mundo separou os homens da fonte da verdade. Os resultados foram absolutamente aterradores. As trevas cobriram a Terra e envolveram o mundo em ignorância, superstição, medo, pobreza e doença.

Foi uma incrível descida da elevação da justiça, para as submersas profundidades de iniquidade. O homem usurpou a posição de Deus e terríveis foram os resultados. Louvado seja Deus porque nunca mais as mesmas condições cairão sobre a Terra.

“O papado se tornou o déspota do mundo. Reis e imperadores curvavam-se aos decretos do pontífice romano. O destino dos homens, tanto temporal como eterno, parecia estar sob seu domínio. Durante séculos as doutrinas de Roma tinham sido extensa e implicitamente recebidas, seus ritos reverentemente praticados, suas festas geralmente observadas. Seu clero era honrado e liberalmente mantido. Nunca a Igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder.

“Mas ‘o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo’ — História do Protestantismo, de Wylie. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma da justiça — exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os homens não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade.

“A condição do mundo sob o poder romano apresentava o cumprimento terrível e surpreendente das palavras do profeta Oseias: ‘O Meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento: porque tu rejeitaste o conhecimento, também Eu te rejeitarei, ... visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também Eu Me esquecerei de teus filhos’ (Oseias 4:6). ‘Não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na terra. Só prevalecem o perjurar, e o mentir, e o matar, e o furtar e o adulterar, e há homicídios sobre homicídios’ (Oseias 4:1, 2), Foram estes os resultados do banimento da Palavra de Deus.” {GC 60}, *O Grande Conflito*, 51.

Banir a Palavra de Deus é expulsar os mandamentos de Deus de modo que as ordens dos homens e demónios podem tomar o seu lugar. É sempre um acto de substituição dos mandamentos de Deus e do modo como somos *convidados* a obedecer-lhes. Portanto, todas as trevas, sofrimento e privação descritos nesta citação, são um resultado directo do modo como as cabeças déspotas do papado deram as suas ordens.

Liberdade no Caminho de Deus

Mas saindo deste terrível resultado do abuso do poder, vemos uma imagem diferente no abençoado trato de Deus com os Seus filhos. Na Sua relação com eles como seu Comandante, Ele coloca-se em relação a eles, não como um déspota, mas como um Professor amoroso que não só fala a verdade mas Ele próprio é a Verdade. Consequentemente, todo o plano que Ele faz para nós, todo o mandamento que Ele ordena e toda a solução que Ele oferece, é uma expressão dessa verdade e é instrução nessa verdade. Se recebido em fé viva, serve para emancipar toda a faculdade da alma recebedora e para a elevar a cada vez mais elevados níveis de capacidade e desenvolvimento. A incrível exaltação final a que o sacerdócio de Melquisedeque elevará, é uma maravilhosa revelação destas verdades.

Para confirmar esta verdade, examinemos o nível de desenvolvimento dos reis e sacerdotes de Melquisedeque desde o ponto em que o evangelho os encontra até à sua posição, capacidades e poderes finais — até à altura em que serão literalmente reis e sacerdotes sentados nos tronos à volta e no meio do trono do Altíssimo. Desse glorioso nível elevado eles, com Cristo, serão mensageiros principais no mais alto grau.

Alturas a Alcançar

Não tentarei tratar todos os aspectos da sua transição desde o mais baixo até ao mais alto à semelhança de Cristo, o eterno Sumo-Sacerdote da ordem, mas seguirei por uma específica linha de pensamento.

No desenvolvimento da mensagem sobre a ordem evangélica, tenho salientado que a razão para Deus nada fazer senão através de um mensageiro, era devido à impossibilidade de Se comunicar directamente com qualquer das Suas criaturas ou obras criadas sem as destruir, tão grande é a corrente de fogo energético que sai d'Ele.

Nem por um momento significa isto que o Altíssimo é um destruidor, que faz desaparecer todos aqueles que manifestam desrespeito por Ele ao invadirem a área reservada com que Ele Se cercou. Pelo contrário, está tudo na natureza da situação e não é difícil de compreender. Tudo deriva do facto que o Universo não se sustenta a si mesmo, mas necessita da incessante provisão de uma ajustada corrente de energia vinda de uma fonte capaz de a fornecer.

Somente Deus tem a capacidade de ser essa Fonte. Unicamente Ele de Si próprio pode produzir o suprimento de energia necessária a todo o Universo para manter o seu normal funcionamento.

“Deus está continuamente ocupado em manter e empregar como servos as coisas que criou....

“Não é por um poder a ela inerente que ano após ano a terra produz suas fartas messes, e continua sua marcha ao redor do Sol. A mão do Infinito está em perpétua operação, guiando este planeta. É o poder de Deus em contínuo exercício que mantém a Terra em equilíbrio em sua rotação. É Deus que faz o Sol se erguer nos céus. Abre as janelas do céu e dá a chuva.

“Dá a neve como lã, e

“Esparge a geada como cinza.

“Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há arruído de águas no céu,

“E sobem os vapores da extremidade da terra:

“Ele faz os relâmpagos para a chuva,

“E faz sair o vento dos Seus tesouros.’ Salmo 147:16; Jeremias 10:13.

“É mediante Seu poder que a vegetação floresce, que aparece toda a folha, desabotoa cada flor, cada fruto se desenvolve.” *A Ciência do Bom Viver*, 416.

Que tremendo suprimento de energia deve ser necessário para abundante e continuamente suprir todas as necessidades de um Universo de biliões de galáxias, cada qual por sua vez, constituído por biliões de sistemas solares do qual o nosso é apenas um dos mais pequenos. Nem por um instante pode o Altíssimo Criador e Sustentador permitir que a corrente de energia diminua no mais pequeno grau, pois doutro modo todo o Universo sofreria. O derramamento da vitalidade necessária deve fluir continuamente na sua corrente total.

Nem mesmo pelos mais ligeiros termos podemos nós começar a avaliar o volume da corrente de fogo que emana do Ancião de Dias, mas foi revelado o suficiente para que nos certifiquemos que nenhum ser criado, a menos que muito especialmente preparado possa permanecer na presença de Deus sem ser instantaneamente destruído.

Este é um facto da vida ao qual temos que nos habituar — que ninguém pode aproximar-se de Deus sem protecção e sobreviver. O próprio Deus declarou este facto nestas palavras: “E disse mais: Não poderás ver a Minha face, porquanto homem nenhum verá a Minha face, e viverá.” *Êxodo 33:20*.

Ao mesmo tempo, apesar desta impossibilidade, tinha que ser estabelecida e mantida aberta comunicação entre o Criador e as Suas criaturas para que os habitantes de todos os cantos do reino pudessem ter ilimitado acesso aos tesouros de luz, vida e poder e gozassem a alegria e total desenvolvimento eternamente.

O problema era muito real porque havia apenas uma solução. Um escudo tinha que ser colocado entre o Criador e as criaturas de modo que luz e vida pudessem ser canalizados para estas sem serem destruídas.

A confirmação disto é dada nestas palavras: “Cristo, a luz do mundo, velou o ofuscante esplendor de Sua divindade, e veio viver como homem entre homens, para que, sem *serem destruídos*, pudessem relacionar-se com Seu Criador. Homem algum viu a Deus jamais, excepto na Sua revelação através de Cristo.” *Testemunhos Selectos 3:185*.

“Cristo revelou, acerca de Deus, tudo quanto seres humanos pecadores poderiam suportar sem serem destruídos. Ele é o divino Professor e Iluminador.” *Testemunhos Selectos 3:186*.

Um exame das manifestações visíveis da glória de Deus mostra que quanto mais fielmente uma pessoa vivesse em verdadeira justiça, maiores seriam as manifestações de Deus através de Cristo que ela podia suportar. Comparai, por exemplo, a capacidade de Moisés para entrar em segurança no fogo consumidor no Monte Sinai e permanecer ali durante quarenta dias e quarenta noites, com o afastamento do povo completamente assustado da base do monte, quando estremeceu ante o tremor da presença do Senhor.

Tanto o Pai como o Filho estavam presentes no monte quando a lei foi dada a Israel como declara o testemunho que se segue: “Quando a lei de Deus foi pronunciada, o Senhor, o Criador do Céu e da Terra, estava lado a lado com o Seu Filho, envolto no fogo e fumo no monte.” *The S.D.A. Bible Commentary 1:1103*.

Embora Deus, o Pai de Cristo, considerasse a ocasião de dar a Sua santa lei no Monte Sinai tão importante ao ponto de estar ali presente em Pessoa, não podia vir sozinho sem destruir todo o povo incluindo Moisés. De facto, toda a Terra teria sido destruída. Jesus tinha que estar ali como escudo para que Israel não fosse consumido e foi devido à eficaz protecção da presença de Cristo que Moisés foi capaz de entrar na nuvem e no fogo.

Consideremos agora a seguinte descrição da entrada de Moisés à presença de Deus, Cristo, e um séquito de brilhantes anjos.

“Moisés, e ‘Josué seu servidor’ foram agora chamados a encontrar-se com Deus.... ‘E, subindo Moisés ao monte, a nuvem cobriu o monte. E habitava a glória do Senhor sobre o monte de Sinai,’ Durante seis dias a nuvem cobriu o monte, como sinal da presença especial de Deus; contudo, não fez revelação alguma de Si, nem comunicação de Sua vontade. Durante este tempo Moisés permaneceu à espera de um chamado à audiência com o Altíssimo. Havia-lhe sido

determinado: ‘Sobe a Mim ao monte, e fica lá’; e, se bem que sua paciência e obediência fossem provadas, não se tornou cansado de esperar nem abandonou o posto.

“Este período de espera foi-lhe um tempo de preparo, de íntimo exame próprio. Mesmo este servo favorecido de Deus não poderia de pronto aproximar-se de Sua presença e resistir às manifestações de Sua glória. Seis dias deviam ser empregados em dedicar-se a Deus, mediante o exame próprio, meditação e oração, antes de poder estar preparado para comungar directamente com seu Criador.

“No sétimo dia, que era o sábado, Moisés foi chamado para dentro da nuvem. A espessa nuvem abriu-se à vista de todo o Israel, e a glória do Senhor irrompeu semelhante a um fogo devorador.” {PP 221}, *Patriarcas e Profetas*, 321.

Solene foi a manifestação do poder divino que repousava no Monte Sinai, mesmo apesar de estar tremendamente velada por um Escudo, Jesus Cristo. Foi um maravilhoso acto de amor da parte de Jeová dar esta revelação de Si próprio.

Lamentavelmente, embora as mentes do povo que testemunhou a cena fossem profundamente impressionadas nesse dia, falharam bastante em ver tudo o que podiam ter visto quando o monte foi coberto pela nuvem, pelo fogo consumidor que irrompeu, pelo brilho dos relâmpagos, soar dos trovões e estremecimento do monte. Alguns provavelmente viram nisso um esforço de Deus para os intimidar, tão distorcida estava a sua compreensão do verdadeiro carácter de Deus.

Tudo isto aconteceu há muito tempo e ninguém está vivo hoje na Terra que estivesse ali presente para testemunhar essa revelação da divina majestade. Portanto, é mais difícil para nós receber toda luz que o Senhor nos daria através desta mensagem. Porém, se devotássemos um maior, mais santificado, esforço reverente para vermos os acontecimentos como se tivéssemos estado presentes com olhos verdadeiramente iluminados, entenderíamos mais claramente a posição que preencheremos no Céu como sacerdotes e reis da ordem de Melquisedeque.

Com este objectivo em vista, que cada um de nós medite acerca da inspirada descrição dessa solene manifestação da presença divina quando os dez mandamentos foram proclamados no Monte Sinai.

“Na manhã do terceiro dia, volvendo-se os olhares de todo o povo para o monte, o cimo deste estava coberto de uma nuvem densa, que se tornou mais negra e compacta, descendo até que toda a montanha foi envolta em trevas e terrível mistério. Então se ouviu um som como de trombeta, convocando o povo para encontrar-se com Deus; e Moisés guiou-os ao pé da montanha. Da espessa treva chamejavam vívidos relâmpagos, enquanto os ribombos do trovão ecoavam e tornavam a ecoar por entre as culminâncias circunvizinhas. ‘E todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele um fogo: e o seu fumo subiu como fumo de um forno, e todo o monte tremia grandemente,’ à vista da multidão congregada. ‘E o sonido da buzina ia crescendo em grande maneira.’ Tão terríveis eram os sinais da presença de Jeová que as hostes de Israel tremeram de medo, e caíram prostrados perante o Senhor. Mesmo Moisés exclamou: ‘Estou todo assombrado, e tremendo.’ Hebreus 12:21.” {PP 214}, *Patriarcas e Profetas*, 310.

É importante que se compreenda que o Altíssimo não estava a fazer uma demonstração de “fogo de artifício”, para impressionar ou intimidar o povo. O que Ele estava a fazer era uma amorosa revelação de Si próprio a fim de lhes demonstrar que eles necessitavam de uma estrutura de reino que lhes fornecesse o acesso ao Pai Altíssimo sem serem consumidos. Para lhes transmitir esta vital e profunda compreensão espiritual, Ele desceu com o Seu Filho no Sinai para mostrar o suficiente de Si mesmo que lhes ensinasse estas verdades essenciais.

Ao fugirem da presença de Deus no monte, estavam desse modo a aprender que não podiam entrar em contacto directo com Jeová sem serem destruídos. Ao mesmo tempo tinham que ser

despertados para o facto que também pereceriam se fossem desligados de toda a comunicação com a Fonte Infinita de todo o suporte vital.

Era um problema para o qual parecia não haver solução até aprenderem a solução criada na mente do Omnisciente e assim verem a única estrutura do reino divino. Foi-lhes mostrado até ao ponto em que estavam espiritualmente iluminados e suficientemente receptivos para verem, que o Altíssimo nada faz excepto através de um mensageiro e em virtude disto, enquanto vivessem em obediência à estrutura, estavam perfeitamente salvos da destruição. O próprio facto de terem sobrevivido como súbditos de um Soberano de quem uma corrente de fogo flui constantemente é uma prova que uma solução foi encontrada e eficazmente aplicada.

Por causa dessa solução, Israel permaneceu em perfeita segurança na base do monte, mas, tão fraca era a sua compreensão da proposta divina para continuarem a viver e tão débil era a sua fé no Infinito Dador que, em vez de serem capazes de entrar na Sua amorosa presença, procuraram com receio e tremor fugir dela. Esta nunca devia ter sido a sua reacção, porque o amor divino, estava proclamando a mensagem de salvação, não de destruição.

Deus estava a demonstrar com maior força e clareza do que alguma vez havia feito, que, embora o potencial de destruição pendesse sobre todos aqueles que entravam na Sua presença, tinha feito total provisão para este problema. Portanto, estarem inseguros e temerosos no mesmo instante em que essa gloriosa luz brilhava sobre eles, devia trazer-lhes as mais fortes convicções da sua grande necessidade pessoal de compreensão, alcançada pela invencível fé e verdadeira vivência dos sagrados princípios da ordem evangélica. Por estas santas faculdades, teriam desenvolvido a capacidade de entrar progressivamente mais e mais perto da presença divina em perfeita segurança e assim tornarem-se cada vez melhor qualificados para serem reis e sacerdotes segundo a ordem de Melquisedeque.

Os israelitas reunidos em temor à volta do monte, estavam nos degraus mais baixos da escada. Eles deviam ter visto a sua verdadeira condição e subido do mais baixo onde a dúvida prevalecia e a iniquidade abundava, para o mais elevado onde eles e nós devíamos permanecer como mensageiros principais entre Deus e o Seu povo. À parte das posições ocupadas por estes membros da Divindade, não existem posições mais elevadas. Embora chegar a estas posições não seja fácil, contudo, tão possível é chegar a estas posições no Céu, que Deus não quer que apenas os poucos favorecidos as obtenham. Pelo contrário, todo o membro dos remidos, através do incrível poder do evangelho, ascenderá a esse exaltado plano.

À medida que alcançais algum vislumbre da glória que espera os vencedores através de Cristo sobre o pecado e a morte, encontrais algum elemento de incredulidade tomando domínio sobre vós? Sentis que as alturas a que Jeová disse que elevará os recebedores da salvação, é demasiado elevada para acreditardeis? Se esta for a vossa resposta, não desanimeis, porque esta é a reacção habitual. Israel com certeza não podia crer no que lhes estava a ser mostrado como é evidenciado pelo terror que os tomou. Além disso, a história testemunha do trágico facto que a maioria deles nunca se tornou crente.

A sua incredulidade foi acariciada em face da poderosa, visível evidência do contrário, porque, à vista de todos, Moisés calmamente subiu o monte e as negras nuvens tinham-se aberto para lhe dar entrada à presença da Divindade. Ali, embora os observadores em baixo não pudessem ver se ele tinha sido consumido ou não, o facto era que, graças à protecção de Cristo, não foi.

Que gloriosa revelação é esta da ascensão dos que se tornarão os totalmente revestidos membros da ordem de Melquisedeque dos eternos reis e sacerdotes! Os filhos de Israel naquela altura estavam num baixo nível de desenvolvimento, enquanto Moisés estava num nível muito mais elevado. Ele estava na realidade de tal maneira mais elevado que eu não conheço outro homem que passasse tanto tempo em íntima comunhão com Deus. Somente um homem tão altamente qualificado como ele podia ter feito isso.

Meditemos um pouco no incrível e desejável privilégio que foi para Moisés estar em íntima comunhão contínua com Deus através de Cristo. Imaginai vós próprios a passar através das mesmas experiências. Revivei a subida ao monte como se cada passo em ansiosa expectativa vos trouxesse mais perto do vosso precioso Salvador, Seu e vosso eterno Pai de Quem pulsa supremo amor sobre todo o vosso ser, porque, “Se formos de Cristo, os nossos melhores pensamentos centrar-se-ão n’Ele. Teremos prazer em falar a Seu respeito; e ao falarmos uns aos outros do Seu amor, o nosso coração será moldado por influências divinas. Contemplando a beleza do Seu carácter, seremos ‘transformados de glória em glória na mesma imagem.’ 2Coríntios 3:18.” {DTN 50}, *O Desejado de Todas as Nações*, 81.

Quando amamos Cristo e o Pai tão intensamente que os nossos mais afectuosos pensamentos são para Ele, então, com ansiosa antecipação devíamos usar nós mesmos toda a oportunidade para estar na Sua companhia, não importa o que envolva ir a Ele. Tudo o mais devia ser deixado de lado quando com propósito específico avançamos para estar com o Pai e com o Filho.

Moisés foi um homem de profundo, intenso amor por Deus e pelo Seu povo. Por ele sacrificou tudo o que este mundo podia oferecer — o trono do mais rico e mais poderoso reino da Terra, fama, honra, adoração, riqueza e muito, muito mais. Nada havia do que se possa desejar neste mundo que ele não pudesse ter tido, mas trocou tudo pelo seu maior amor pelo seu Pai celestial. Isto demonstra alguma coisa da medida do seu supremo, imortal amor pelo seu Criador e seu abnegado amor pela humanidade.

Quão ansiosamente esse grande homem de Deus deve ter subido a íngreme encosta do Sinai de modo a poder alcançar o topo o mais rápido possível. Quando somos guiados por um amor todo consumidor como Moisés, não haverá lugar onde desejamos mais estar do que na divina presença, e, quanto mais próximo melhor.

Imaginai então a vossa chegada ao cimo do monte onde imediatamente entrais em íntima comunhão com o supremo Soberano Legislador do Universo através do Seu incrivelmente amado Filho. Seria impossível pensar noutra coisa mais maravilhosa, tão inspiradora, tão encantadora, tão dadora de vida e tão revigoradora. Pensai nos gloriosos tesouros da mais preciosa verdade que seriam revelados à vossa maravilhada e admirada mente, enquanto contínua e incansavelmente durante quarenta dias e quarenta noites bebêsseis de tudo o que o Supremo Mestre estava revelando perante vós.

Pensai que não tivésseis necessidade de dormir, comer, ou beber durante esse período em que estaríeis continuamente alimentados e carregados de energia enquanto vos banháveis na corrente de energia que emanava do Altíssimo. Não admira que Moisés, na idade de cento e vinte anos, tivesse excelente visão, perfeita saúde e completo vigor. “Era Moisés da idade de cento e vinte anos quando morreu; os seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu o seu vigor.” *Deuterónimo* 34:7.

A sustentação dessa vitalidade num ser humano mortal é possível apenas através de constante e íntima comunhão com a Fonte de toda a vida e energia. Foi apenas assim que o nosso Salvador foi capaz de manter as terríveis pressões que procuravam destruí-lo.

“Como homem suplicava ao trono de Deus, até que a Sua humanidade estivesse carregada com a corrente celestial com a qual pudesse unir a humanidade à divindade. Mediante a comunhão contínua recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. A Sua experiência deve ser a nossa.” {DTN 253}, *O Desejado de Todas as Nações*, 387.

Esta é a mesma revitalizadora comunhão que abençoou e deu energia a Moisés durante os quarenta dias e quarenta noites que esteve no monte. O terrível fogo fluindo incessantemente da Pessoa do Altíssimo não o devorou, mas, pelo contrário, carregou-o com tal vitalidade, força e energia que foi capaz de se sentar como um aluno sem um intervalo durante seis semanas.

Podeis imaginar passardes por essa experiência? Seria realmente impossível visualizar a glória dessa comunhão com Deus se não estivestes ali. Foi um facto triste que, enquanto Moisés estava sendo abençoado tão poderosamente no cimo do monte, ninguém do restante Israel estava preparado para partilhar isso com ele. Josué foi o que chegou mais perto, porque foi capaz de permanecer no monte, mas não podia ascender às alturas a que Moisés chegou. Sem dúvida, da sua posição mais inferior, Josué também passou o tempo numa comunhão muito abençoada que lhe transmitiu do mesmo modo uma grande medida de força e vitalidade.

Mas altamente privilegiado e majestosamente posicionado na escada como Moisés estava, continuava ainda muito abaixo da posição a que todo o rei e sacerdote Melquisedeque será elevado. Isto é tornado evidente pelo seu pedido a Jeová que lhe mostrasse a Sua glória e que está relatado em *Êxodo 33:18*. “então ele disse: ‘Rogo-Te que me mostres a Tua glória.’”

Esta súplica foi feita depois dos primeiros quarenta dias de Moisés no monte com Deus, mas antes dos seus segundos quarenta dias no mesmo monte. É evidente que, durante aqueles primeiros quarenta dias, Moisés compreendeu que o Altíssimo não lhe tinha sido completamente revelado. O que ele tinha visto do Eterno, tinha despertado nele o mais intenso desejo de ver mais e mais da perfeição divina e plenitude de beleza.

Nada havia de pecaminoso naqueles desejos. De facto eles são do carácter certo que o Senhor procura gerar em todos os Seus filhos incluindo Moisés. Tende a certeza que o nosso terno Pai celestial mostrar-nos-á sempre tanto dos Seus gloriosos atributos quanto formos capazes de suportar. As únicas limitações estão connosco — a nossa pequenez de visão, falta de fé, pecado acariciado, ou por estarmos vestidos de mortal carne e sangue pecaminosos. A resposta de Deus ao pedido de Moisés foi limitada por este último factor. Não era possível ser-lhe mostrado tudo o que ele desejava ver sem ser destruído.

Sobre isto Jeová avisou-o nestas palavras:

“Não poderás ver a Minha face, porquanto homem nenhum verá a Minha face, e viverá.” *Êxodo 33:20*.

“Homem algum viu a Deus jamais, excepto na Sua revelação através de Cristo.” *Testemunhos Selectos 3:265*.

Todavia esta limitação que estava em Moisés e todos os remidos enquanto estiverem na Terra, não estará sempre ali. Virá o glorioso dia em que todo o salvo que veja a Sua face, viverá.

“E verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome.” *Apocalipse 22:4*.

“Cristo levou consigo para as cortes celestes a Sua humanidade glorificada. A quantos O recebem, concede Ele a faculdade de tornarem-se filhos de Deus, para que no final Deus os receba como Seus para com Ele viverem através de toda a eternidade. Se, durante esta vida, forem fiéis a Deus, no final ‘verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome’. Apocalipse 22:4. E qual é a felicidade do Céu senão a de ver a Deus? Que maior júbilo poderá ter o pecador salvo pela graça de Cristo, do que contemplar a face de Deus, e tê-lo por Pai?” *Testemunhos Selectos 3:265, 185*.

Desde que a maravilhosa verdade seja compreendida que os remidos se sentarão com Cristo no meio do trono em que o Pai se sinta e literalmente verão a Sua face, então algo é compreendido daquilo que o Senhor revelou a todo aquele que será um rei e sacerdote da ordem de Melquisedeque.

No primeiro caso, torna-se muito claro que não haverá escudo entre eles e o Pai, a Quem eles terão acesso directo. Se houver alguma dúvida sobre a certeza desta incrível condição a ser concedida aos santos em glória, ela desaparecerá devido à lembrança que, quando Cristo estava nesta Terra onde não podia servir de Protecção, a obra era realizada por aqueles membros da ordem de Melquisedeque que já estavam no Céu, especificamente Enoque, Moisés e Elias. Havia então protecções pelas quais toda a criação de Deus era preservada de ser consumida.

Isto significa que eles podiam estar na completa luz do derramamento de poder por um lado, e, por outro servir como agentes através de quem essa luz, vida e poder fluía de modo seguro para toda a criação. Como mensageiros principais no nível mais elevado possível, tinham acesso directo tanto à Fonte de toda a luz e verdade, como a todos os seres que necessitavam dela. Deste modo, toda a comunicação carregada de vida que emanava do Pai passava através destes reis-sacerdotes para todas as outras criaturas do Universo.

Incompreensível como possa parecer, qualquer deles tinha a plena capacidade para fazer esta obra sozinho. Isto é provado pelo facto que um deles, Enoque, sozinho permaneceu no Céu a fim de servir nesta capacidade enquanto Cristo, Moisés e Elias estavam juntos no Monte da Transfiguração.

Esta é uma posição que Moisés, enquanto estava no Monte Sinai, tinha alcançado apenas parcialmente, contudo, que incrível relação foi aquela em que ele entrou quando esteve envolvido na presença do Pai e do Filho. É quase impossível a qualquer um hoje conhecer a intensidade da vitalizadora, iluminadora e gloriosa experiência de estar na presença física do Altíssimo.

À medida que tento entrar numa adequada e realista compreensão da indescritível felicidade, realização e arrebatamento de tudo e para transmitir uma representação de toda a glória que espera a nossa admissão na ordem de Melquisedeque, sinto-me impregnado de um sentido de irreparável inaptidão. Como podia alguém encontrar palavras para descrever uma ilustração daqueles que estarão colocados muito mais acima daquilo que os pensamentos humanos podiam alcançar? Não é possível!

O estabelecimento dos remidos num nível tão elevado que terão um acesso ilimitado a Ele e verão literalmente a Sua face, dar-lhes-á uma tão ampla e profunda e tão elevada, plena felicidade jamais conhecida na Terra. Será a culminação do Paraíso, a obtenção do qual, qualquer sacrifício será maravilhosamente insignificante.

Acrescentai a isto as bênçãos daquilo que será seu quando ocuparem como coobreiros com o seu maravilhoso e adorável Sumo-sacerdote, o privilégio de serem mensageiros que proclamam a todos os habitantes do Universo o incomparável “carácter d’Aquele que habita na luz inacessível ao homem.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Aquele que “vive na luz, e ninguém pode chegar perto dela.” *1 Timóteo* 6:16. (Nova Tradução na Linguagem de Hoje.)

“Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em prol de outrem. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará nossa máxima alegria e mais elevada educação — testemunhando (e aprendendo, novamente, sempre que assim o fizermos) ‘as riquezas da glória deste ministério’, ‘que é Cristo em vós, a esperança da glória’, *Colossenses* 1:27.” *Educação*, 309.

Assim serão os remidos estabelecidos nos seus lugares como membros da sagrada ordem de Melquisedeque, mensageiros principais de Deus aos anjos e seres não caídos. É a mais elevada ordem que existe a seguir à ordem Divina. É a própria posição que Lúcifer aspirava, mas que lhe foi completamente negada, por razões muito válidas.

1. Na altura em que ele procurou ansiosamente alcançá-la, estava completamente desqualificado para ela, porque não possuía as vidas do Criador e criatura.
2. Deixou que o eu se tornasse o elemento controlador no seu objectivo;
3. A sua aproximação envolvia que Cristo fosse deposto da Sua posição;
4. Os seus métodos exigiam a reestruturação do reino;
5. Os seus caminhos têm dado origem a toda a miséria, destruição e morte que tem assolado esta Terra.

Quão diferente será a vinda dos santos à coroação como reis e investidura como sacerdotes.

1. Tendo as vidas de Criador e de criatura, estarão totalmente qualificados para as suas posições.
2. O serviço ao eu nunca encontrará lugar na sua chegada ao lugar que lhes foi atribuído, porque eles não lutaram ambiciosamente e inflexivelmente para obter esta elevada honra que lhes foi dada como um dom.
3. Longe de ser deposto, Cristo será o ser mais honrado de todos os seres vivos. Ele será o Rei dos reis, Senhor dos senhores e mais ilustre Sumo-sacerdote da sagrada, eterna ordem de Melquisedeque.
4. Longe de exigir qualquer reestruturação do reino, a exaltação de Cristo e Seu povo terá imutavelmente estabelecido a ordem evangélica para sempre.
5. E por fim, todas estas coisas abençoarão abundantemente todo o ser criado não importa onde ele possa estar no Universo, com perfeita felicidade, alegre serviço, ilimitado acesso ao conhecimento e radiante luz e vida eterna.

4. A Governação no Reino de Cristo

No capítulo anterior, considerámos a tremenda distância entre o homem onde o evangelho o encontra e o nível a que o evangelho o elevará. Ele encontra-o com diminutas e enfraquecidas capacidades no segmento mais baixo da degradação, tocado de pobreza física, mental e espiritual, tão bem ilustrada pelo filho pródigo. Desta aparente posição de desespero sem remédio, eleva-o à incrível altura em que é capaz de ficar firme perante o Altíssimo e olhar directamente para a Sua face. É assim que, olhando para o futuro com olhos iluminados pelo Espírito para os altos Céus, vemos os remidos à volta e no meio do trono do próprio Altíssimo. Ali ocupam as posições de mensageiros principais de Jeová aos habitantes do Universo, como reis e sacerdotes da sagrada e ilustre ordem de Melquisedeque.

Por falta de espaço, não vos apresentei todas as evidências escriturísticas que revelam esta gloriosa verdade. Sei que muitas páginas seriam necessárias para cobrir este aspecto do destino dos remidos, mas mais do que suficiente foi apresentado para tratar o assunto. Contudo, a fim de reforçar a mensagem, dirijo a vossa atenção para as duas Escrituras que se seguem.

Foi, então, em visão e sob total inspiração que foram mostrados a Daniel, o profeta, os santos reinando em glória. Ele escreveu sobre aquilo que lhe foi revelado nestas palavras: “Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino, para todo o sempre, e de eternidade em eternidade...”

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos, debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão.” *Daniel 7:18, 27.*

Este reino não será um domínio insignificante situado algures num obscuro canto do Universo, mas será todo o domínio do Altíssimo. A extraordinária verdade é que os santos colectivamente juntos com Cristo possuirão o Universo como sua posse real. Que incrível herança espera os fiéis filhos de Deus através de Cristo!

Nunca houve, na história deste mundo, uma potência com um reino tão vasto, tão ilimitado, tão infinito. No melhor, o maior de todos os governantes terrestres nem sequer presidiram sobre todos os povos desta Terra, embora um número deles tenha procurado esse objectivo.

Mas aqui está uma soberania sobre pelo menos um bilião de galáxias cada uma contendo em média um bilião de sistemas solares habitáveis. Realmente está muito além das finitas capacidades de qualquer mente humana compreender perfeitamente a magnitude daquilo que o Altíssimo Monarca do Universo detém em espera para a chegada dos remidos.

Se achardes difícil ou aparentemente impossível crer que estas afirmações sejam verdadeiras, tendes apenas que olhar para herança conjunta que os santos partilharão com Cristo, o Rei dos reis. Paulo declara esta poderosa verdade nestas palavras: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus.

“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados.” *Romanos 8:16, 17.*

O nosso direito a esta herança tem como base, como é hábito, sermos filhos do Pai Eterno. É por causa disso, que somos herdeiros de Deus, uma posição a que nenhum anjo pode aspirar, “Porque, a qual dos anjos disse jamais: ‘Tu és Meu Filho, hoje Te gerei’? Como também: ‘Eu lhe serei por Pai e ele me será por Filho?’” *Hebreus 1:5.*

A resposta àquelas perguntas é. Nunca disse isso a qualquer dos anjos, porque não podia, pois nenhum anjo se tornou um filho de Deus gerado.

Esta qualidade de herdeiro é *juntamente* com Cristo, o que significa que recebemos tudo o que Ele recebe em termos iguais. Esse é o único significado a ser compreendido pela expressão, “co-herdeiros”. Portanto, se Cristo é herdeiro da dignidade real de todo o Universo, que certamente é, então assim também nós seremos. Se Ele é herdeiro do sacerdócio eterno nesse reino, que, uma vez mais, certamente Ele é, então assim nós seremos também.

É por esta razão que o próprio Jesus promete que: “Ao que vencer, lhe concederei que se assente Comigo, no Meu trono, assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai, no Seu trono.” *Apocalipse 3:21.*

Os santos não se sentarão meramente nesse poderoso trono, mas governarão a partir dele, pois, não lhes é dado apenas o reino; mas também o domínio desse reino. Eles serão reis literalmente e reinarão todo o infinito Universo. Podem fazer isto devido à sua total qualificação através da aquisição da vida do Criador e da criatura.

Que glorioso futuro nos espera quando a longa controvérsia sobre a ordem evangélica estiver finalmente resolvida a favor da posição eterna de Deus. É muito mais do que alguma vez podíamos esperar e todos ficaríamos mais do que satisfeitos com muito, muito menos. Precisamente estar ali longe do pecado, morte, sofrimento, trevas, etc. seria suficiente.

“O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano.” {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 330.

“Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera,

“A Esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.” *Efésios 3:20, 21.*

Verdadeiramente, é revelado nestas Escrituras que o Senhor de facto operará com profusa abundância acima de tudo o que podíamos pedir ou pensar. Quem de nós, sem estas revelações da verdade nos serem dadas acerca do Pai através do Filho, podia alguma vez sonhar que Deus tinha tais planos para os remidos? A resposta é que esse pensamento nunca podia ter sido concebido na mente do homem.

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos.

“E qualquer que n’Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro.” *1 João 3:2, 3.*

- Ser igual a Jesus;
- Ter o poder para se sentar com Ele no meio do trono do Pai, do qual grandes correntes de fogo estão constantemente fluindo;
- Ver o Pai face a face;
- Possuir e reinar sobre o reino onde quer que ele se encontre no Universo;
- Ser mensageiros do Altíssimo ao mais alto nível; e
- Ser membros santos da ordem de reis-sacerdotes de Melquisedeque.

Isto é motivação mais do que suficiente para lutar para entrar nessa porta estreita. Seria impossível a qualquer filho de Deus contemplar o que seríamos no Céu sem sermos poderosamente levados a sacrificar tudo e colocar total esforço na preparação para ocupar os nossos lugares designados nesses reinos de glória. A Terra, em comparação, nada tem para oferecer.

Mas, a glória total ainda não foi anunciada nestes estudos, nem será enquanto não houver resposta à pergunta: “Que necessidade há no Universo eternamente livre do pecado, de uma vasta classe de reis e sacerdotes? Seguramente, uma vez que a lei está indelevelmente escrita no coração e na mente de todas as criaturas inteligentes do Universo e toda a alma terá a capacidade, desejo e disposição de se governar a si própria, nem lugar devia haver para reis.” Assim podia ser argumentado.

E porque haveria necessidade de um sacerdócio? Não é este primeiramente um ministério para a remissão do pecado. Então, onde não há pecado, de novo pode ser argumentado, não há necessidade para um sacerdócio.

Contudo, Deus terá numerosa classe de reis e sacerdotes na futura Terra renovada. Disto temos que concluir que há uma vital necessidade desses ministérios e que o Universo será grandemente enriquecido pelo seu ministério, pois Deus não faz nada sem propósito.

Não Como os Reis da Terra

Seria um grave erro pensar acerca daqueles reis de Melquisedeque como se eles fossem semelhantes a reis nesta Terra. Não há verdadeira comparação. Os reis terrestres que têm poder como reis, usam-no para seu engrandecimento pessoal, exaltação própria, e, frequentemente, para opressão do povo. O reino de Deus e os reis que o servem, não são deste carácter.

“Em governos terrenos nada havia que pudesse servir de comparação. Nenhuma sociedade civil Lhe podia fornecer um símile.

“O embrião, contido na semente, cresce pelo desenvolvimento do princípio vital que Deus nele implantou. Seu desenvolvimento não depende de meios humanos. Assim é com o reino de Cristo. Há uma nova criação. Os princípios de desenvolvimento são directamente opostos aos que regem os reinos deste mundo. Governos terrenos prevalecem pelo emprego da força; pelas armas mantêm o seu domínio, mas o fundador do novo reino é o Príncipe da paz. O Espírito Santo representa os reinos terrestres mediante o símbolo de feras; mas Cristo é ‘o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’, João 1:29. Em Seu plano de governo não há o emprego da força bruta para compelir a consciência. Esperavam os judeus que o reino de Deus fosse estabelecido do mesmo modo que os do mundo. Para promover justiça, recorriam a medidas externas. Forjavam planos e métodos. Mas Cristo implanta um princípio. Implantando a verdade e a justiça, frustra o erro e o pecado.” {PJ 33}, *Parábolas de Jesus*, 76, 77.

Não Uma Terra Vazia

Esse é o carácter do divino reino da justiça eterna, mas quais são as suas actividades?

O reino de Deus é um reino de incessante actividade coordenada e imparável crescimento. Todo o minuto é marcado pelo progresso em todo o campo possível de interesse e actividade. Ao contrário da base de Satanás, afirmando as mentiras que Deus e Seu Filho impuseram limites para além dos quais ninguém podia passar, não haverá ponto algum onde todo o possível empreendimento tenha sido levado a cabo, o capítulo final do conhecimento encontrado, a última ciência compreendida e sejamos deixados sem nada mais para realizar ou descobrir. Esse ponto nunca será alcançado, pois Deus e o Seu conhecimento são infinitos. Isto

significa que mesmo com a incrível força e energia que então possuiremos e com poder imensamente superior ao que presentemente temos, não importa quão longe na eternidade avancemos com ávidas mentes activas juntando toda a luz que brilha no nosso caminho, não podemos chegar ao ponto em que sabemos tudo.

“Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objectivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.” *O Grande Conflito*, 674.

À luz deste testemunho é evidente que o Paraíso não é uma terra para férias!

Há muitos anos, conversei sobre a mensagem com uma enfermeira que assistiu a uma série de estudos bíblicos que apresentei. O nosso debate centrou-se à volta da minha afirmação que o Céu e a Nova Terra serão lugares de ocupada e incessante actividade com está escrito:

“Porque, eis que Eu crio Céus novos e nova Terra; e não haverá lembrança das cousas passadas, nem mais se recordarão...

“E edificarão casas, e as habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto.

“Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do Meu povo serão como os dias da árvore, e os Meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até à velhice.

“Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação; porque são a semente dos benditos do Senhor, e os seus descendentes com eles.” *Isaías* 65:17, 21-23.

Que a Nova Terra seria um lugar de trabalho era um pensamento novo e bastante mal recebido para ela. Em vez disso, viu-se a si própria numa absorvente, macia carpete de relva, debaixo de agradável sombra de palmeiras suavemente oscilantes, enquanto ocasionalmente bebia de um copo de limonada gelada.

Eu podia compreender a razão pela qual ela construiu este conceito e podia, por conseguinte, simpatizar com ela. O único tipo de trabalho que ela jamais conheceu era duro, sem sentido, trabalho excessivo. Nele, ela não tinha encontrado satisfações pessoais, nenhum sentido de realização e nenhuma indicação que os seus dedicados serviços eram reconhecidos ou apreciados.

Naturalmente, qualquer menção a um trabalho produtivo no Céu seria interpretado por ela em termos de trabalho como ela o conhecia, levando-a a concluir que, se tinha que ficar presa ao mesmo tipo de trabalho por toda a eternidade, como o que a oprimiu nesta vida, nunca seria levada para o Céu tão cedo.

É desnecessário dizer, que as actividades que ocuparão o tempo e a atenção dos remidos serão de um carácter muito diferente das pesadas responsabilidades suportadas durante o período da nossa existência amaldiçoada pelo pecado. Com ilimitadas energias, executaremos a obra a nós destinada pelo Planeador tal como fizeram Adão e Eva no Éden onde verificaram que as suas actividades não os cansavam, mas eram na verdade revigoradoras.

“Aos moradores do Éden foi confiado o cuidado do jardim, ‘para o lavrar e o guardar’. Sua ocupação não era cansativa, antes agradável e revigoradora. Deus indicou o trabalho como uma bênção para o homem, a fim de ocupar-lhe o espírito, fortalecer o corpo e desenvolver as faculdades. Na actividade mental e física Adão encontrava um dos mais elevados prazeres de sua santa existência.” {PP 22} *Patriarcas e Profetas*, 33.

Assim será novamente quando a restauração de todas as coisas tiver lugar. “Haverá ocupação no Céu. O estado dos remidos não é de ocioso repouso. Ali restará, portanto, um

repouso para o povo de Deus, mas é um repouso em serviço de amor.” *S.D.A. Bible Commentary* 3:1164.

A obra feita por Adão e Eva ao cuidar do Jardim do Éden era apenas o início de campos impressionantemente mais vastos de empreendimento no qual eles deviam desenvolver tanto o seu conhecimento como o avanço das faculdades e à medida que se juntavam a outros na execução dos maiores empreendimentos, no alcance das mais elevadas aspirações e realizando as mais altas ambições, depois do que haverá ainda “novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objectivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo”. *O Grande Conflito*, 674.

Alguns destes magníficos projectos podem necessitar da mais competente participação de milhões de colaboradores, trabalhando todos na mais íntima harmonia e perfeita coordenação. Para tornar tais empreendimentos um sucesso num reino onde o fracasso e a perda são desconhecidos, requererá uma estrutura de organização incrivelmente complexa, eficaz, perfeita e com poder.

Não Átomos Individuais

Pode ser que alguém subscreva a noção que, no reino de Deus, cada pessoa é uma unidade independente, actuando sem referência a outra pessoa, enquanto se considera como um indivíduo que apenas é responsável perante Deus.

Mas o Céu nunca foi um lugar como esse, pelo contrário, ele tem sido mantido como uma organização eficaz, activa, em que cada membro da comunidade desempenha um certo papel específico. “Cada anjo tem o seu particular posto de dever, do qual não lhe é permitido partir para qualquer outro lugar. Se ele partisse, os poderes das trevas ganhariam vantagem...” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Outro raio de luz sobre a organização dos seres imortais sem pecado é dado na revelação daquilo que teve lugar quando Lúcifer se rebelou no início, na altura em que havia grupos de anjos marchando sob o comando de anjos comandantes.

“Até então todo o Céu tinha estado em ordem, harmonia e perfeita sujeição ao governo de Deus. Foi o máximo pecado rebelar-se contra Sua ordem e vontade. Todo o Céu parecia estar em comoção. Os anjos foram dispostos em companhias, cada divisão com um mais categorizado anjo à sua frente.” *Primeiros Escritos*, 145.

A mesma estrutura de organização também se vê a operar quando Cristo estava agonizando no Getsêmane. “O Filho de Deus orava com agonia. Grandes gotas de sangue juntavam-se em Seu rosto e caíam ao chão. Anjos pairavam no local, testemunhando aquela cena, mas apenas um foi comissionado para ir fortalecer ao Filho de Deus em Sua agonia. Não havia alegria no Céu. Os anjos lançaram de si suas coroas e harpas, e com o mais profundo interesse observavam silenciosamente a Jesus. Desejavam cercar o Filho de Deus, mas o anjo comandante não lhes permitiu, para que não acontecesse, ao contemplarem eles Sua traição, que O livrassem; pois o plano tinha sido formulado e deveria cumprir-se....

“Muitos grupos de santos anjos, cada qual com um alto anjo comandante à sua frente, foram enviados para testemunhar a cena. Deveriam registar todo o insulto e crueldade impostos ao Filho de Deus, e todo o transe de angústia que Jesus sofresse; pois os mesmos homens que se uniram nesta cena terrível devem vê-la toda outra vez, em vívidos caracteres....

“Era difícil aos anjos suportarem aquela cena. Desejavam libertar a Jesus, mas os anjos comandantes lhes proibiam isto, dizendo que era grande o resgate que deveria ser pago pelo homem; mas que o mesmo se completaria e ocasionaria a morte d’Aquele que tinha o poder da morte.” *Primeiros Escritos*, 167-170.

Estes testemunhos provam que há uma interacção próxima entre as pessoas que individualmente formam os súbditos do reino. É evidente que eles não são elementos espalhados, desligados, mas são firmemente organizados tal como um exército — “dispostos em companhias, cada divisão com um mais categorizado anjo à sua frente.” *Primeiros Escritos*, 145.

É claro que há vários níveis de comando sem o que a ordem divina não podia operar com sucesso. Reis e anjos comandantes não podem ser dispensados na ordem de Deus, mas cada um deles deve ocupar o lugar a si apontado pelo Comandante de todos os comandantes — Deus, o Eterno Pai. Ele, através de Cristo, é a Cabeça da igreja que é a maravilhosa comunidade dos santos e todas as nomeações para as posições de responsabilidade no Universo são efectuadas por Cristo como expressão da vontade do Altíssimo.

Mais tarde, apresentarei um estudo da organização do acampamento no deserto quando os judeus viajavam no seu caminho para a terra prometida. Quando chegarmos a esta parte da ordem evangélica, veremos que, sob a direcção de Deus, Israel era muito eficientemente organizado sob várias cabeças nos diferentes níveis de responsabilidade e autoridade. Por exemplo, na importante obra de comunicar a vontade de Deus ao povo, a instrução era primeiramente dada a Moisés, que ensinava os anciãos, que a tornavam conhecida às cabeças das famílias, que deviam diligentemente imprimir a mensagem nas receptivas mentes dos filhos.

Uma vez compreendido que, no governo geral do Universo e na execução dos maiores empreendimentos, no alcance das mais elevadas aspirações e na realização das mais elevadas ambições, haverá aqueles que comandarão e aqueles que serão comandados, torna-se evidente que haverá uma clara necessidade que reis governem nos níveis mais elevados. É também claro que estas posições reais da própria autoridade e liderança mais elevada, serão ocupadas unicamente pelos remidos como governantes juntamente com Cristo.

Há muito mais informação nas Escrituras a respeito da estrutura da organização do governo de Deus, mas apresentei o suficiente por agora para demonstrar que há um lugar e obra definidos para a realeza no Céu. Não haverá meras figuras principais com nada para fazer senão receber honra e glória. Pelo contrário, serão chefes e comandantes muito totalmente ocupados com a obra atribuída a eles pelo Comandante dos comandantes, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores.

A Realeza Significa Serviço

Os reis e os comandantes no Céu não se relacionam com aqueles que estão sob a sua direcção como os homens que na Terra têm autoridade para governar pela força e pelo temor e estão satisfeitos com absurda, escravizante obediência destinada a beneficiar a “elite” à custa das “massas”. O reino de Deus não é um reino em que os ricos são cada vez mais ricos ao passo que os pobres se tornam cada vez mais pobres. Pelo contrário, é um governo expressamente planeado para que os mais ricos abençoem todos os que dependem de si. Cada um é um servo que ama todos os outros e quanto mais elevada a posição, maior o serviço a ser prestado. A.T. Jones exprimiu a verdade sobre isto nestas palavras:

“A liberdade cristã é um serviço de amor. E serviço de amor é liberdade cristã.

“Portanto, Jesus disse: ‘todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal’ - ‘qualquer entre vós’ ‘primeiro seja vosso servo.’ Mateus 20:26, 27; Marcos 10:43, 44.

“Aquele que melhor pode servir mais pessoas é o maior. E na natureza das coisas, exactamente em virtude dessa graça, é o chefe.

“A razão pela qual Jesus é o supremamente maior de todos é que Ele foi e sempre será capaz de fazer *muito por muitas pessoas*. E todo aquele que é mais parecido com Ele, mais próximo faz muito por muitas pessoas.

“A graça de voluntariamente servir muitas pessoas, a graça de responder mais alegremente às necessidades de todos, é o distintivo da grandeza, o certificado da chefia. E esta é a primeira e mais elevada qualificação para o ‘ofício’ de ancião ou diácono.

“Um *oficial ‘ancião’*, que tinha obtido a ‘dignidade’ por políticas eclesiásticas, quando foi trazido à presença desta verdade de serviço cristão perante o apelo de todos como sendo a qualificação principal para a responsabilidade de ancião ou diácono, exclamou: ‘Porquê, se isso fosse assim, ninguém *jamais* quereria o ofício!’

“É verdade. Não é uma dignidade exercer as ambições humanas ou políticas de rivalidade. Não é um ofício a ser obtido por métodos políticos.

“É uma oportunidade para maior serviço a mais pessoas; e é o resultado da graça de Deus que já está no cristão, qualificando-o para o lugar de mais ampla oportunidade para o gozo da liberdade cristã do serviço de amor.

“Isto é encontrado apenas na comunhão com Cristo. Porque, quando Ele disse, ‘todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal’ — ‘qualquer entre vós’ ‘primeiro seja vosso servo.’ ‘ *Como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos.*’ e ‘Eu porém, entre vós sou como aquele que serve.’ Mateus 20:26-28. Lucas 22:27.” A. T. Jones, capítulo 13, *Lessons From the Reformation*, 142, 143.

Alguns podem ter dificuldade em chegar a estas definições de grandeza na qual a capacidade e a disposição voluntária para servir são as linhas orientadoras, de acordo com a ilustração dos anjos “dispostos em companhias, cada divisão com um mais categorizado anjo à sua frente.” *Primeiros Escritos*, 145.

Tem-nos sido erradamente ensinada a ideia obtida nos imperfeitos conceitos dos homens que aqueles que estão na posição de comando não são servos, mas senhores, que devem ser servidos, enriquecidos e exaltados em autoridade pelos que estão sob o seu comando.

Todavia, é um grave erro desenvolver ideias daquilo a que o reino divino se assemelha e como ele é organizado, a partir do nosso conhecimento das potestades terrestres e da forma como elas operam. Nunca devemos esquecer que Cristo não podia encontrar nos reinos terrestres com que ilustrar o celestial. “Em governos terrenos nada havia que pudesse servir de comparação. Nenhuma sociedade civil Lhe podia fornecer um símile.” {PJ 33}, *Parábolas de Jesus*, 76.

Portanto, as funções desempenhadas pelos anjos comandantes e por aqueles que estão sob o seu comando quando se relacionam uns com os outros, são muitos diferentes das que se encontram em qualquer governo terrestre. Isto é algo que deve ser compreendido pelos que estão determinados a instituir completamente a ordem evangélica nas suas vidas.

No reino de Deus, ninguém está em qualquer posição com o objectivo de obter o serviço para si próprio, mas a fim de prestar serviço aos outros, seja ele um anjo comandante ou um que esteja sob comando. Esse é o princípio da vida no Céu — serviço de amor, altruísta, a outros não importa o custo que isso possa ter para o que serve. Em lado algum isto é melhor compreendido do que na escola celestial quando: “À luz do Calvário se patenteará que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que ‘não busca os seus interesses’ tem sua fonte no coração de Deus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o carácter d’Aquele que habita na luz inacessível ao homem.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Portanto, um anjo comandante deve ser aquele cuja contribuição para o bem-estar do reino a ele designada é grande demais para ele fazer sozinho. Nesse caso, Deus aponta-lhe ajudantes, de modo que eles possam, como um grupo coordenado, juntamente com o seu coordenador, o

anjo comandante, realizar o que doutro modo não podia ser feito. Entre todos eles há um maravilhoso relacionamento de amor e respeito. É absoluta alegria para eles trabalharem em conjunto, servindo-se todos uns aos outros e ao projecto para o qual foram designados e ao qual estão dedicados.

Assim, partindo da evidência disponível para nós nas Escrituras, é claro que no perfeito reino de Deus, haverá necessidade de reis a fim trabalharem para o eficaz governo do reino. É para essa posição que os remidos, juntamente com Cristo, foram eleitos.

5. O Sacerdócio no Reino de Cristo

Tal como haverá necessidade de reis para governar todo o Universo na eternidade futura, assim haverá a necessidade de um dedicado sacerdócio, embora não existam mais pecados confessados para serem perdoados e transferidos para o santuário, a fim de serem no final colocados sobre o bode expiatório. Toda essa obra já foi completada até ao encerramento do tempo de graça e feito o anúncio solene: “Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.” *Apocalipse 22:11*.

Pensai na indescritível alegria e privilégio que será ser um sacerdote num Universo sem pecado, de modo que nenhuma parte da vossa obra será envolvida na desagradável e detestável tarefa de purificação, transferência e por fim afastamento do pecado. Esta verdade pode ser melhor entendida quando se compreende que, do mesmo modo como o pecado é em si mesmo a fonte de todo o sofrimento, perda e tristeza, lidar com ele é também um processo doloroso. Portanto, apesar do sacerdote ao officiar não estar sofrendo a própria dor por causa do pecado confessado através dele, está sofrendo a natureza dolorosa do serviço que está a executar.

A Dor de Lidar com o Pecado

Os serviços típicos do santuário do Velho Testamento, de cujo simbolismo aprendemos tanto acerca da verdade de Deus, claramente revelam os aspectos desagradáveis do ministério do sacerdócio. Apesar desta mensagem do santuário ter sido grandemente passada por alto, faríamos bem inteirar-nos deste aspecto da obra feita ali por Arão e seus filhos.

Para tornar este conhecimento o mais vívido possível, procuremos reviver a dor sentida pelos sacerdotes verdadeiramente cristãos enquanto ministravam em favor dos arrependidos pecadores. Deixai que a vossa imaginação, esclarecida e guiada pela reveladora verdade e iluminada pela inspiração do Espírito Santo, vos leve através de uma experiência do tratamento com a expiação do pecado pela convicção do que erra, através do arrependimento e confissão, à transferência da iniquidade para o santuário.

Todo o procedimento começa com a entrega do pecado, primeiramente com a aparente impunidade, mas mais cedo ou mais tarde com a amarga colheita de dor e remorso, doença e perda. Não apenas faz sofrer aquele que comete pecado; mas também envolve outros com ele naquilo que pode ter consequências terríveis. Esta é a dor do próprio pecado. Porém, há ainda outra carga de sofrimento — o tratamento com o problema.

Como ajuda para compreender isto, imaginai-vos agora como sacerdote que espera, porque é a sua missão no drama que estamos mais interessados em estudar no qual desejamos ver o

contraste entre o sacerdócio levítico, servindo na remoção do pecado e o de Melquisedeque em que nenhuma desta obra terrível, mas maravilhosa, estará envolvida.

Com a vossa imaginação pensai que estais esperando o penitente trazendo o seu sacrifício de substituição, o cordeiro, consigo. Enquanto ele se aproxima, o vosso coração é tocado quando reconheceis a doce inocência do inocente sacrifício e dilacerados pela dor, compreendeis que o puro morre por causa da transgressão do pecador. Um sentido de horror vos invade quando testemunhais o corte do cutelo na garganta da vítima e quando apanhais o sangue na bacia. Imaginai então o que seria sentido por vós como sacerdotes ao mergulhardes os vossos dedos no quente sangue vermelho, espargindo-o perante o véu que separa o lugar santo do lugar santíssimo depois de com ele tocades as pontas do altar do incenso.

Se vos imaginardes como sacerdote realizando este sangrento ritual expiatório, não tereis dificuldade em compreender como esse ministério de libertação do pecado é realmente um serviço penoso e desagradável.

Isto não é diminuir o facto que esse ministério pelo qual o homem obtém libertação do pecado é um ministério glorioso, pois na verdade é o que ele é, mas apesar disso é doloroso.

Considerai como se sentiu Adão quando verificou que ele próprio foi obrigado a matar a vítima sacrificial pela primeira vez! “Para Adão, a oferta do primeiro sacrifício foi uma cerimónia dolorosíssima. Sua mão deveria erguer-se para tirar a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se ele tivesse sido obediente a Deus não teria havido morte de homem ou animal.” {PP 37}, *Patriarcas e Profetas*, 64.

Porém, aquilo que tornou a cerimónia mais dolorosa foi a compreensão que a sua transgressão custaria a vida do amado Jesus.

“Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensamento de que seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Esta cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida da grandeza de sua transgressão, que coisa alguma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia expiar. E maravilhou-se com a bondade infinita que daria tal resgate para salvar o culpado. Uma estrela de esperança iluminou o futuro tenebroso e terrível, e o aliviou de sua desolação total.” {PP 37}, *Patriarcas e Profetas*, 68.

Tal como Adão sofreu, assim deve todo o verdadeiro convertido, terno, compassivo sacerdote ter sofrido quando ministrava continuamente para levar a libertação do pecado através de Cristo ao povo. Tudo o que eles, fortalecidos pela fé suportaram, era uma clara ilustração no tipo, dos sofrimentos de Deus e Seu Filho quando trabalhavam “para extinguir a transgressão e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos”. *Daniel 9:24*.

Tanto para o Pai como para o Filho, salvar o homem do pecado e da morte é um ministério de sofrimento. Ninguém terá dificuldade em ver que foi assim durante os anos em que Ele andou entre os homens, quando foi perseguido, rejeitado e por fim executado. Esse foi um sofrimento mais do que suficiente, mas ainda pior foi a agonia de ver homens e mulheres escolherem a morte em vez da vida e ainda pior outra vez foi a tortura mental que Ele passou quando voluntariamente aceitou o peso dos pecados de todo o mundo.

Vede-O no Getsémani transpirando grande gotas de sangue e sabeí que o Seu sofrimento era tão intenso, tão grande, tão terrível, que nunca houve nada que se comparasse com isso. Ele foi literalmente esmagado até à morte e teria tirado a Sua vida nessa altura se não fosse um alívio temporário do peso. No dia seguinte, na cruz, todo o peso estava de novo sobre Ele, com o inevitável resultado que a Sua vida Lhe foi retirada. Somente Deus, inflamado com o mesmo amor infinito que Ele tinha, podia ter triunfado sobre o sofrimento como Ele triunfou a fim de salvar o perdido.

Mas isto não significa que Cristo, de todos os seres celestiais, suportou sozinho um ministério de sofrimento, porque o Altíssimo Pai sofreu com o Seu amado Filho. Deus não se manteve afastado de Cristo como um executor dos Seus justos deveres, mas estava em Cristo, sofrendo com Ele no ministério conjunto da salvação.

“Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação;

“Pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação.” *2Coríntios* 5:18, 19.

“Deus não mudou Sua lei, mas sacrificou-Se a Si mesmo em Cristo, para a redenção do homem. ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.’ *2Coríntios* 5:19.” {DTN 540}, *O Desejado de Todas as Nações*, 827, 828.

“A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez do nosso próprio caminho. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça. Nossa vida e nós mesmos somos já Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela. A verdade, correção, e pureza, têm sido designadas como segredos do êxito da vida. É a fé que nos põe na posse destes princípios.” *Educação*, 253.

“Uma coisa é considerar a Bíblia como um livro de boa instrução moral, a que se deva atender tanto quanto seja compatível com o espírito do tempo e nossa posição no mundo; outra coisa é considerá-la como realmente é: a palavra do Deus vivo, palavra que é a nossa vida, que deve modelar nossas ações, palavras e pensamentos. Ter a Palavra de Deus na conta de qualquer coisa inferior a isto, é rejeitá-la. E esta rejeição por parte dos que professam crer nela, é a causa preeminente do cepticismo e incredulidade entre os jovens.

“Parece estar-se apoderando do mundo, em muitos sentidos, uma intensidade qual nunca dantes se viu. Nos divertimentos, no ganhar dinheiro, nas lutas pelo poderio, na própria luta pela existência, há uma força terrível que absorve o corpo, o espírito e a alma. Em meio desta corrida louca, Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele. ‘Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus.’ *Salmos* 46:10.” *Educação*, 260.

“Os que pensam no resultado de apressar o evangelho, ou impedi-lo, pensam isto em relação a si mesmos e ao mundo. Poucos o pensam em relação a Deus. Poucos tomam em consideração o sofrimento que o pecado causou a nosso Criador. Todo o Céu sofreu com a agonia de Cristo; mas esse sofrimento não começou nem terminou com Sua manifestação em humanidade. A cruz é uma revelação, aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus cada desvio do que é justo, cada ação de crueldade, cada fracasso da natureza humana para atingir o seu ideal, traz-Lhe pesar. Quando sobrevieram a Israel as calamidades que eram o resultado certo da separação de Deus — subjugação por seus inimigos, crueldade e morte — refere-se que ‘se angustiou a Sua alma por causa da desgraça de Israel’. ‘Em toda a angústia deles foi Ele angustiado... E os tomou, e os conduziu todos os dias da antiguidade.’ *Juizes* 10:16; *Isaías* 63:9.

“Seu Espírito ‘intercede por nós com gemidos inexprimíveis’. Enquanto ‘toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora’ (*Romanos* 8:26 e 22), o coração do Pai infinito condói-se, em simpatia. Nosso mundo é um vasto hospital, ou seja, um cenário de miséria em que não ousamos permitir mesmo que os nossos pensamentos se demorem. Compreendêssemos nós o que ele é na realidade, e o peso que sobre nós sentiríamos seria terribilíssimo. No entanto, Deus sente-o todo. A fim de destruir o pecado e seus resultados, Ele deu Seu mui dileto Filho, e pôs ao nosso alcance, mediante a cooperação com Ele, levar esta cena de miséria a termo. ‘Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes e então virá o fim.’ *Mateus* 24:14.” *Educação*, 263, 264.

Por isso para o Pai, o Filho, o Espírito Santo, todos os anjos ministradores e todos os remidos que já estão no Céu, onde estão ministrando no santuário, há um terrível aspecto desse sacerdócio que é uma obra muito dolorosa e na verdade triste.

Mesmo quando os santos forem transferidos para o Céu depois do segundo advento de Cristo, haverá a dolorosa ocupação dos remidos quando examinarem os casos de todos os que tiverem sido perdidos e confirmarem as decisões a respeito deles já decididas por Cristo.

“Durante os mil anos entre a primeira e a segunda ressurreição, ocorre o julgamento dos ímpios. O apóstolo Paulo indica este juízo como um acontecimento a seguir-se ao segundo advento. ‘Nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações.’ 1 Coríntios 4:5. Daniel declara que quando veio ao Ancião de dias, ‘foi dado o juízo aos santos do Altíssimo’. Daniel 7:22. Nesse tempo os justos reinam como reis e sacerdotes de Deus. João, no Apocalipse, diz: ‘Vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar.’ ‘Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos’. Apocalipse 20:4 e 6. É nesse tempo que, conforme foi predito por Paulo, ‘os santos hão-de julgar o mundo’. 1 Coríntios 6:2. Em união com Cristo julgam os ímpios, comparando seus actos com o código — a Escritura Sagrada, e decidindo cada caso segundo as acções praticadas no corpo. Então é determinada a parte que os ímpios devem sofrer, segundo suas obras; e registada em frente ao seu nome, no livro da morte.

“Igualmente Satanás e os anjos maus são julgados por Cristo e Seu povo.” *O Grande Conflito*, 657, 658.

Ninguém podia descrever isto como uma obra agradável, este exame das vidas dos perdidos e a determinação da punição que cada um receberá. Tal como temos aprendido no nosso estudo do carácter de Deus, o Juiz de toda a Terra não determina arbitrariamente a aplicação da justiça final, pelo contrário, declara o que os pecados acumulados farão aos transgressores. O pecado, não Jeová, é o executor.

Todavia, depois de terminados os mil anos, de todos os ímpios terem sido destruídos e a Terra criada de novo, não haverá mais qualquer ministério sacerdotal para a erradicação do pecado, com os seus elementos de dor e sofrimento. Tudo isso estará eternamente no passado, mas, o final desse ministério não acabará o sacerdócio de Melquisedeque, que continuará por toda a eternidade sem o aspecto doloroso do tratamento com o pecado. O seu serviço será um serviço de terno amor no qual não haverá conhecimento de coisas como tristeza, sofrimento, desapontamento, tragédia, ou dor. “E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.” *Apocalipse 21:4*.

“O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D’Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.” *O Grande Conflito*, 675.

Assim, haverá um sacerdócio sem sofrimento, mas, uma vez que esta verdade está estabelecida, deve ser levantada a questão: qual a necessidade de haver ali um sacerdócio?

À parte do ministério pelo pecado, mesmo neste mundo de iniquidade, há, para o sacerdócio, outras responsabilidades a serem cumpridas e serviços a serem realizados. Os dois principais são a orientação na adoração e o ensinamento dos princípios da justiça.

Liderança na Adoração

O Céu será um lugar de incessante adoração do Altíssimo e um nunca acabar na aquisição de cada vez maior conhecimento do carácter de Deus como revelado através do plano da salvação.

Portanto, haverá uma vasta e importante obra a ser feita que exigirá os serviços do sacerdócio de Melquisedeque para guiar os habitantes do Universo na sua adoração ao Pai Eterno, ao Filho e ao Espírito Santo e serem os poderosos mensageiros através de quem a luz da verdade brilhará com mais e mais fulgor.

Dêmos primeiramente alguma consideração à obra dos sacerdotes de Melquisedeque como guias na adoração.

Como já foi declarado, os habitantes de todo o Universo estão continuamente adorando e louvando a Divindade, não porque o Altíssimo o exija deles, mas por causa da sua intensa apreciação pelas maravilhas do amor divino e da perfeição da estrutura do reino que Deus construiu para eles. Isto não é uma negação do facto que o Senhor instrui os Seus filhos por todo o Universo e especialmente nesta Terra amaldiçoada pelo pecado a adorá-l'O e a louvá-l'O, mas o ponto é que ao dizer-nos para O adorar não faz uma exigência arbitrária. Não é o Soberano a assegurar que unicamente Ele é mantido seguramente como o exclusivo recebedor da adoração universal, pois, se assim fosse, Deus seria egoísta e pensaria apenas em si.

Este não é o carácter do nosso terno Pai celestial que é a personificação do mais puro amor, que é tão completo, tão infinito, que nem mesmo o mais pequeno traço de egoísmo pode ser encontrado n'Ele. Tudo, sem a mais pequena excepção, é feito por Deus para os outros, nunca para Si próprio.

Portanto, quando Ele nos pede "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome." *Salmos* 103:1. Ele não está a pensar em Si mesmo, mas em nós. Ele é a única Fonte de vida, de modo que a separação d'Ele é morte certa. Verdadeira adoração de Deus fortalece este conhecimento vital da nossa dependência do Altíssimo e assim guarda-nos de perder a nossa ligação com Ele com todas as desastrosas consequências assim implicadas.

De todas as criaturas no Universo, a humanidade remida é a forma de vida melhor preparada e mais desejosa de dirigir todo o seu louvor, apreciação e adoração de si para o seu Senhor. Isto é porque os seus membros aprenderam pela difícil, experiência pessoal o custo de esquecer que somente em Deus "vivemos, e nos movemos, e existimos". *Atos* 17:28. Pecado é auto-suficiência. Ele dirige a nossa atenção para longe da Fonte, e assim seca a corrente de vida e saúde tão essencial à nossa existência e felicidade.

Esta verdade é tão simples, fundamental e inescapável, que uma pessoa imagina como podia alguma vez perdê-la, contudo, chegou altura em que o mais inteligente de todos os seres criados, olhou para a si próprio como mais digno de louvor do que o seu Criador, apesar disto ser impossível. A sua incrível loucura levou-o a perder completamente a compreensão da realidade e afundou-se em trevas eternas e agora a um estado irremediável.

Ainda assim, ele apresentou o seu caso tão habilmente que a família humana foi enganada ao ponto de segui-lo até aos reinos da desolação e da morte. Todos teriam perecido como acontecerá a Satanás e todos os seus anjos, excepto os poucos que fugiram das trevas para a luz. Isto significa que eles, por altura em que forem entronizados no Céu, conhecerão pela experiência pessoal o horror da separação de Deus num grau ou noutro. Eles estiveram ali por si próprios e provaram a amargura, desolação, desespero, sofrendo e agonizando dessa breve existência vivida longe de Deus, a Fonte.

Quando esta classe de pessoas compreendem a profundidade de onde foram elevados, o poço no qual podiam ter sido abandonados, o seu conhecimento da incomparável bondade de Deus terá uma convincente realidade desconhecida daqueles que nunca estiveram do lado das trevas. Eles serão tão arrebatados com maravilha, gozo, gratidão e apreciação, que louvor e adoração literalmente brotará deles, como aqueles que, tendo sido curados por Cristo, não podiam evitar a proclamação dos Seus louvores onde quer que fossem. O Seu poder, perfeição e justiça eram as únicas coisas da sua mente. Surgiram como os melhores qualificados e mais activos a proclamar louvores a Deus e a Cristo. Não podiam conter-se a si próprios no seu

desejo que todos os homens tomassem conhecimento daquilo que tinham visto e ouvido acerca do infinito amor e beleza do poderoso Salvador, Médico e Libertador. Tão influente foi o seu testemunho, que outros foram inspirados para se lhes juntarem nos alegres, exultantes tributos, aumentando assim as antífonas de louvor.

Este padrão será continuado no Céu e na Terra renovada onde os membros do sacerdócio de Melquisedeque, em virtude de terem sido resgatados do reino das trevas, serão exuberantes em adoração e louvor para com o seu Redentor. Naturalmente então, o seu ministério será um ministério de louvor e chefia nessa adoração. Além disso, será um ministério essencial e não meramente uma actividade desnecessária. Esse espírito de independência, de auto-suficiência e de separação de Deus e por conseguinte da vida, que uma vez se afirmou, podia surgir de novo e surgiria com certeza se não fossem as salvaguardas adquiridas durante os seis mil anos de abundante rebelião, da qual mais tarde falaremos mais em particular.

Uma dessas seguranças será o poder do louvor que continuamente dirigirá as mentes de todos os seres criados para longe de si próprios para o poder, amor e perfeição do Altíssimo. Assim o papel do sacerdócio de Melquisedeque será fundamental para estabelecer o governo divino para toda a eternidade.

Muito mais páginas podiam ser escritas sobre o ministério orientador no louvor como um factor vital para a protecção dos habitantes do Universo de hospedar a mais pequena tentação para a separação de Deus, mas deixaremos este aspecto por agora do ministério do sacerdócio de Melquisedeque a fim de considerar a sua missão ainda mais importante como mestres da graça de Deus.

Mestres dos Princípios da Justiça

Uma vez que o reino de Deus tenha sido construído na Terra como no Céu, e, subsequente à criação da nova Terra, tenha sido para sempre estabelecido para além de qualquer dúvida, então o pecado nunca mais aparecerá outra vez no mais pequeno grau. Todo o Universo será uma pureza imaculada para a eternidade.

Notei com interesse que os verdadeiros crentes em Jesus não têm dificuldade em aceitar estes factos, mesmo apesar de alguns não serem capazes de entender *porque* o pecado nunca mais reaparece no Universo. Há razões muito claras para isto e estas têm que ser compreendidas por aqueles que entendam e se preparem para o maravilhoso ministério da ordem de Melquisedeque.

Deve ser conhecido neste ponto que o nosso estudo do ministério destes ilustres reis e sacerdotes não é para satisfação de indolente curiosidade, mas é uma investigação muito séria no estabelecimento da ordem evangélica no reino vindouro. É verdade revelada. Portanto, é-nos exigido estudar profundamente este sacerdócio divinamente determinado a fim de compreendê-lo e ser preparados para a ocupação da nossa posição ali.

Estai certos que se negligenciarmos agora a ordem evangélica, não teremos lugar na ordem de Melquisedeque quando todos os seus membros forem reunidos na ressurreição dos justos no segundo advento.

Por conseguinte, antes da queda de Lúcifer, houve esse período muito longo no qual em qualquer ponto de tempo o pecado podia ter aparecido e no qual num certo ponto de tempo apareceu.

Então, virá o interminável futuro durante o qual será impossível o pecado reaparecer. Ele não pode aparecer e não aparecerá.

Metido entre estas duas eternidades existirão os sete mil anos da grande rebelião.

Destes factos pode ser concluído que haverá uma adição à estrutura do reino eterno do futuro, certas seguranças não encontradas na eternidade do passado e que é precisamente o caso.

Comparemos as duas situações. Quando Deus criou o Universo, determinou em amor que seria dado a todos seres criados inteligência no melhor que lhes era possível dar. Isto incluía a construção de tremendos poderes físicos, mentais e espirituais, assim como colocar sob o seu comando certos poderes na natureza como a electricidade.

Tudo isto era muito maravilhoso, mas continha o potencial para a destruição e para bênção, pois o poder usado de modo errado ou descontrolado é um terrível destruidor. Mesmo o maravilhoso poder do amor será um destruidor mortal se não estiver sob o soberano poder da razão.

O Criador estava perante um problema que não era problema para Ele. A questão a ser decidida era como dar ao homem o bem-aventurado dom de todos estes grandiosos poderes sem o destruir. Isso podia ter sido feito criando-o sem a capacidade de pensar, raciocinar ou escolher, uma mera máquina controlada por um teclado, um ser sem liberdade pessoal.

Se isto fosse o melhor que o Altíssimo podia fazer, então essa teria sido a forma usada, mas há uma forma melhor que envolve a apresentação de um dom de amor, isto é, a lei. Isto removeu totalmente qualquer necessidade de algum ser criado estar sob o controlo de outra mente incluindo a mente do Onnipotente. Essa maravilhosa verdade é tornada clara nestas palavras: “Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita harmonia, com Seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação de Seu carácter. Ele não tem prazer na obediência forçada; e a todos concede vontade livre, para que Lhe possam prestar serviço voluntário.” {PP 9}, *Patriarcas e Profetas*, 14.

Jeová sabe perfeitamente melhor do que ninguém que somente em perfeita, voluntária e inteligente obediência às Suas leis pode a humanidade viver em segurança e prosperidade. Portanto, Ele procura estabelecer esta qualidade de obediência, não tomando o controlo da pessoa em questão, mas educando-a para compreender as bênçãos disponíveis para ela através da obediência incluindo a protecção do desastre, sofrimento e morte.

Esta perfeita e voluntária obediência era tudo o que se conhecia em todo o Universo até Lúcifer se levantar em rebelião contra a divina fórmula de viver e prosperar e a rejeitou. Até essa altura, não havia conhecimento do mal nem seus tristes frutos. Mas quando as primeiras criaturas que caíram voltaram costas à justiça, as próprias coisas que Deus declarou que aconteceria como consequência directa do seu afastamento dos rectos princípios de operação, realmente aconteceram.

Antes deste desenvolvimento, unicamente a palavra de Deus tinha sido a forma de vida para todos os seres inteligentes criados. Todos tinham implícita fé nessa palavra e assim rendiam implícita, inquestionável obediência a ela.

Quando Lúcifer desviou a sua lealdade da Divindade para si próprio, estabeleceu outra voz de autoridade no Céu que obrigou todos a fazerem uma firme entrega a um ou a outro. Os anjos e os habitantes de todos os mundos tinham que permanecer leais a Deus, ou em desafio unirem-se na grande rebelião. Nisto, havia um caso de autoridade de Deus contra a autoridade da palavra emanada de Satanás.

Isto pareceria não levantar qualquer problema, pois a autoridade da palavra de Deus é final e absoluta. Se o Altíssimo o diz, é verdade contra a qual não há argumento. Porém, embora ninguém possa mudar o facto que a verdade é verdade, os homens e o diabo ousaram contender com as grandes verdades do Senhor e fizeram-no com tanto sucesso que fazem a luz parecer trevas e as trevas luz. Pela pena da inspiração isto é descrito como “sofisma

desconcertante por meio do qual a rebelião procuraria justificar-se”. {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16.

A fim de esclarecer o problema pela Sua palavra, o Altíssimo convocou uma reunião dos seres celestiais na qual explicou claramente a estrutura do Seu reino. O problema foi quase resolvido. O brilhante anjo Lúcifer quase se rendeu ao poder dessa palavra, mas o orgulho ganhou a batalha. Desse ponto em diante, a Palavra de Deus não foi suficiente para deter a agitada onda da rebelião; o grande conflito agora devia ser decidido pela demonstração bem como pela declaração.

A prova disto é dada no facto que durante os cerca de quatro mil anos entre o aparecimento do pecado e pecadores e o aparecimento da crucifixão, a mente dos anjos leais não estava completamente satisfeita com a palavra do Deus vivo. Embora seja verdade que fielmente serviram o Criador durante esses quatro milénios, fizeram-no com muitas perturbadoras interrogações não respondidas nas suas mentes, porque só a Palavra não era suficiente. Mas, quando contemplaram a demonstração de sabedoria, perfeição, amor e completa suficiência dessa Palavra, pela qual viram que Deus não tinha feito uma representação errada de Si próprio ou do inimigo, foi suficiente para eles. Agora tinham o factor adicional que os tornou eternamente seguros contra os enganadores sofismas de Satanás como está escrito: “Até à morte de Jesus o carácter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqui-apóstata se revestira por tal forma de engano, que mesmo os santos seres não lhe compreenderam os princípios. Não viram claramente a natureza de sua rebelião.

“O ser que se pôs em oposição a Deus era admirável em poder e glória. O Senhor diz acerca de Lúcifer: ‘Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.’ Ezequiel 28:12. Lúcifer foi o querubim protector. Tinha permanecido na luz da presença de Deus. Fora o mais elevado de todos os seres criados primeiro a revelar ao universo os desígnios de Deus. Depois de pecar, o seu poder para enganar era o mais falaz, e o desvendar do seu carácter o mais difícil, em virtude da exaltada posição que mantivera com o Pai.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 823.

Perante a incomparável demonstração do carácter do eterno Pai e Seu Filho unigénito dada na cruz do Calvário onde a justiça apareceu no seu melhor fulgor e o mal no seu mais repulsivo pior,

“Satanás viu que estava desmascarado. O seu modo de agir foi exposto perante os anjos não caídos e o universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, Satanás perdeu a simpatia dos seres celestiais. Daí em diante a sua obra foi restringida. Qualquer que fosse a atitude que tomasse, não mais podia encontrar-se com os anjos vindos das cortes celestiais, e perante eles acusar os irmãos de Jesus de estarem vestidos com as vestes das trevas e da contaminação do pecado. Estava quebrado o último elo de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.

“Todavia, Satanás não foi então destruído. Os anjos nem mesmo então perceberam tudo quanto estava envolvido no grande conflito. Os princípios em jogo deviam ser revelados mais claramente. E por amor ao homem, a existência de Satanás devia continuar. O homem, bem como os anjos, precisava de ver o contraste entre o Príncipe da Luz e o das trevas. Cumpria-lhes escolher a quem servir.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 826, 827.

Quando aqueles belos anjos sem pecado compreenderam à luz do Calvário aquilo que anteriormente tinha estado envolto em mistério para eles, tinham uma protecção que os privava de cair em pecado como não tinham antes do pecado aparecer em cena, como está escrito:

“A morte de Cristo na cruz tornou segura a destruição daquele que tem o poder da morte, que foi o originador do pecado. Quando Satanás for destruído, ninguém haverá para ser tentado ao mal; a expiação nunca mais precisa ser repetida; e não haverá perigo de outra

rebelião no universo de Deus. Aquilo que unicamente pode eficazmente acabar com o pecado neste mundo de trevas, impedirá o pecado no Céu. A importância da morte de Cristo será vista pelos santos e anjos. Os homens caídos não poderiam ter um lar no Paraíso de Deus sem o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Não exaltaremos a cruz de Cristo?

“Os anjos atribuem honra e glória a Cristo, porque nem mesmo eles estão seguros excepto pela contemplação dos sofrimentos do Filho de Deus. É através da eficácia da cruz que os anjos do Céu estão guardados da apostasia. Sem a cruz eles não estariam mais seguros contra o mal do que estavam os anjos antes da queda de Satanás. A perfeição dos anjos caiu no Céu. A perfeição humana caiu no Éden, o paraíso da bem-aventurança. Todos os que desejam a segurança na Terra ou no Céu devem olhar para o Cordeiro de Deus.

“O plano da salvação, manifestando a justiça e o amor de Deus, fornece uma eterna salvaguarda contra a apostasia nos mundos não caídos, assim será também para aqueles que serão remidos pelo sangue do Cordeiro. A nossa única esperança é a perfeita confiança no sangue d’Aquele que pode salvar completamente todo o que vem a Deus através d’Ele.

“A morte de Cristo na cruz do Calvário é a nossa única esperança neste mundo, e será o nosso tema no mundo vindouro.” *The S.D.A. Bible Commentary* 5:1132.

Estes testemunhos tornam muito claro que no mundo porvir estará presente uma protecção completamente eficaz contra o reaparecimento do pecado que não existia antes da perfeição angélica ter falhado no Céu e a perfeição humana no Éden. Será por causa da presença deste factor que será absolutamente impossível o pecado aparecer de novo.

E qual será esse factor?

Serão os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo no Calvário pelos quais não só foi pago o preço da nossa redenção, mas, do mesmo modo importante, por um lado o verdadeiro carácter de Deus e a natureza dos Seus princípios de operação serão totalmente revelados, enquanto por outro, o pecado e Satanás serão completamente expostos por aquilo que são.

Isto não significa que os princípios da justiça que encontraram a sua maior expressão na cruz, eram novos ou diferentes daquilo que sempre foram. O princípio da cruz é o princípio do amor que se sacrifica a si próprio, de dedicado serviço a outros independentemente do custo para o que serve. Por outro lado, o princípio pelo qual o reino satânico opera é o serviço do próprio eu não importa o que isso possa custar a outros, cuja perda é o seu ganho.¹

Foi o princípio da cruz que Lúcifer rejeitou em favor do serviço a si próprio. A sua ascensão ao objectivo da supremacia pessoal sobre todo o mundo está manchado com o sangue de outros. Não há escrúpulo que ele não despreze, nenhuma lealdade que ele não atraia, nenhum princípio que ele não viole, e nenhum subterfúgio a que não recorra, na sua determinação para reinar.

Mas tudo isto não era claro quando o conflito começou. Em virtude de nenhum desafio ter sido alguma vez efectuado contra a ordem divina anteriormente, nenhuma oportunidade tinha sido dada para testar e provar realmente a integridade da estrutura de construção do reino divino.

Além disso, com a astúcia possível apenas a uma mente altamente desenvolvida como a de Lúcifer obtida por um período de tempo que não se sabe no serviço e presença de Deus, o diabo fez parecer que ele estava certo e Deus errado.

“O ser que se pôs em oposição a Deus era admirável em poder e glória. O Senhor diz acerca de Lúcifer: ‘Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.’ Ezequiel 28:12. Lúcifer foi o querubim protector. Tinha permanecido na luz da presença de Deus. Fora o mais elevado de todos os seres criados e o primeiro a revelar ao universo os desígnios de Deus. Depois de pecar, o seu poder para enganar era o mais falaz, e o desvendar do seu carácter o

¹ Consultai o capítulo 20 “O Caminho da Cruz” em *Eis Aqui o Vosso Deus*, pelo mesmo autor.

mais difícil, em virtude da exaltada posição que mantivera com o Pai.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 823.

Mas, na cruz onde a justiça apareceu no seu maior fulgor, e o pecado na sua maior perversidade, toda a pergunta possível que podia ser feita a respeito do carácter e governo de Deus foi respondida. “O mistério da cruz explica todos os outros mistérios.” *O Grande Conflito*, 652.

Isto não significa que os livros de registo serão fechados quando o longo conflito estiver resolvido. Não será suficiente para os remidos, anjos e habitantes não caídos do Universo estudar o assunto apenas uma vez. Pelo contrário, tem que haver contínuo, sempre mais profundo estudo do inexaurível tema da solução de Deus para o problema, cuja solução é o evangelho de Jesus Cristo, o poder criador de Deus para salvação física, mental e espiritual da escravidão, separação de Deus e por fim morte eterna.

“A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para todo o Universo por todos os séculos vindouros, um testemunho perpétuo da natureza e terríveis resultados do pecado. A consequência do governo de Satanás — os seus efeitos tanto sobre os homens como sobre os anjos — mostraria qual o fruto de rejeitar a autoridade divina. Testificaria que, da existência do governo de Deus e da Sua lei, dependem o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez. Por isso, a história desta terrível experiência de rebelião deveria ser perpétua salvaguarda para todos os santos seres, impedindo-os de serem enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado e de sofrer o seu castigo.” *O Grande Conflito*, 499.

Notai cuidadosamente que a rebelião de Satanás devia ser uma lição, ou um tema de estudo, não apenas uma vez, mas “... por todos os séculos vindouros”. Deverá ser “um testemunho perpétuo”. Nunca virá o tempo em que o assunto será deixado de lado. Os olhos de todos os seres criados devem para todo o sempre contemplar os sofrimentos e morte de Cristo, pois não há outro lugar seguro.

Não deixem formar a impressão que os santos de todo o Universo considerarão a exigência deste estudo um dever como um exercício a ser feito submissamente, pois, pelo contrário, abordarão o assunto com mentes sedentas de conhecimento. “Nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso desígnio de graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para que ‘os anjos desejam bem atentar’, e será seu estudo através dos séculos sem-fim.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Tudo isto nos conduz ao papel educador a desempenhar pelos ilustres membros do sacerdócio de Melquisedeque. Já foi notado que, no Universo livre de pecado, cada um deles será um mensageiro principal. Agora vejamos o que eles devem ensinar.

“Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor, Eu sou Deus.” *Isaías* 43:12. Isto também acontecerá na eternidade.

“Porque foi permitido continuar o grande conflito através dos séculos? Por que foi que se não eliminou a existência de Satanás no início de sua rebelião? — Foi para que o Universo se pudesse convencer da justiça de Deus ao tratar com o mal, e para que o pecado pudesse receber condenação eterna.

“No plano da salvação há sumidades e profundezas, que a própria eternidade jamais poderá compreender completamente, maravilhas para as quais os anjos *desejam* atentar. Apenas os remidos, dentre todos os seres criados, conheceram em sua própria experiência o conflito com o pecado; trabalharam com Cristo e, conforme os mesmos anjos não o poderiam fazer, associaram-se em Seus sofrimentos; não terão eles qualquer testemunho quanto à ciência da redenção, algo que seja de valor para seres não caídos?” *Educação*, 307, 308.

A resposta é que, de todos os seres criados envolvidos, os salvos desta Terra serão capazes de dar as mais válidas e as mais iluminadoras contribuições para o conhecimento da incrível sabedoria e amor do Pai eterno como manifestado no plano da salvação.

Há três classes de testemunho da perfeição da solução divina para o problema do pecado.

1. A primeira destas serão os habitantes dos mundos distantes que, apesar de estarem seguindo o desenvolvimento da luta entre as forças da luz e das trevas com absorvente interesse, não são participantes na batalha. Contudo, o que eles vêem do sofrimento e perda experimentado na Terra juntamente com a morte do amado Filho de Deus, é mais do que suficiente para os guardar da transgressão. Eles estão firmes na sua determinação de não ter nas suas galáxias o que vêem contaminando esta Terra e com justificação. Eles desejam juntamente com os anjos e os remidos procurar mais profundamente os assuntos e as soluções do grande conflito.
2. A seguir estão os santos anjos ministradores que estão muito mais intimamente envolvidos na guerra contra o mal. Eles terão cumprido um papel importante na protecção do povo de Deus da malícia de Satanás e na libertação dos cativos das cadeias do pecado. Obviamente, estarão muito mais familiarizados com o poder do evangelho por um lado e com o grande poder do pecado por outro. Daquilo que eles têm conhecido do contacto próximo com os protagonistas, estarão muito mais seguros do que os habitantes das galáxias distantes.
3. Há então uma terceira e última classe de seres criados — os membros da família humana que foram remidos do poder do pecado e elevados à posição de co-herdeiros com Cristo. Estes conheceram nas suas próprias pessoas o compulsivo, destruidor poder do pecado, a sua frustração, miséria, dor, situação desesperada, trevas, etc. Para eles, a presença do pecado e suas terríveis consequências não foram meramente algo que observaram, mas foram para eles uma experiência pessoal. Conheceram o poder do pecado, pois este tinha-os presos nas suas garras. Conheceram a futilidade da luta contra ele no seu próprio poder. Compreenderam o absoluto desespero da sua situação até terem abandonado toda a esperança de se salvarem a si mesmos e lançaram todo o seu desespero na misericórdia do seu Redentor.

Então conheceram o verdadeiro poder do evangelho para os salvar pessoalmente da pecaminosidade e enchê-los com a paz dos pecados perdoados. Para eles, o evangelho não é uma teoria especulativa, mas uma viva, operante, salvadora, recriadora solução total para todos os problemas que alguma vez podiam surgir.

Obviamente, os remidos que formarão os membros do sacerdócio de Melquisedeque, serão as testemunhas mais eficazes nas mãos de Deus para serem mensageiros através de quem Ele pode continuamente revelar as maravilhas salvadoras do evangelho. Este será o seu eterno ministério como sacerdotes e reis para Deus.

“Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em prol de outrém. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará nossa máxima alegria e mais elevada educação — testemunhando (e aprendendo, novamente, sempre que assim o fizermos) ‘as riquezas da glória deste ministério’, ‘que é Cristo em vós, a esperança da glória’, Colossenses 1:27.” *Educação*, 308, 309.

Portanto, há uma urgente necessidade e uma obra de uma ordem de reis e sacerdotes altamente qualificados para servirem a complexa necessidade de um Universo salvo do pecado do qual aprenderemos mais à medida que o tempo passe.

6. O Testemunho do Amor Redentor de Deus

Consideraremos agora a obra dos reis e sacerdotes da ordem de Melquisedeque depois do pecado ter sido exterminado.

Por mais trágico que seja essa terrível perda da vida humana, isto é absolutamente necessário a fim de estabelecer a paz sem fim no Universo. A mente da pessoa treme com horror perante a compreensão disso. Oh! Que peso para o perdido e moribundo começa a desenvolver-se quando somos levantados ao ver quase toda a raça descendo sem salvação às sepulturas sem Cristo enquanto fazemos tão pouco para evitar isso.

Temos estado silenciosos na presença daqueles que nada conhecem do poder de Deus para os salvar do pecado e eterna ruína em virtude de, na nossa fraqueza, termos sido incapazes de penetrar a indiferença manifestada por tantos em relação aos assuntos espirituais, mas, se tivermos que ser contados entre os que pertencem à ordem de Melquisedeque, temos primeiramente que aprender a ter um testemunho eficaz por Cristo agora.

De todos os seres criados que habitam o Universo, aqueles que, deste planeta rebelde, tiverem realmente experimentado a libertação pessoal do pecado e da morte, estão melhor preparados para dar testemunho para a santidade, equidade, amor, justiça e perfeição do Pai eterno.

Isto, tal como vimos anteriormente, não é apenas a única qualificação com que eles serão dotados. Não deve ser esquecido que estas nobres criaturas também estarão na posse de outra vida gerada — a do Criador.

Em virtude desta vida superior estar neles serão capazes de entrar nos conselhos do Omnipotente como nenhuma outra criatura pode fazer. Assim estarão constantemente recebendo vida e luz de Deus para comunicar a outros. Apesar de necessitarmos estar conscientes disto, neste ponto do nosso estudo estamos a investigar como é que a sua experiência de escapar do pecado os prepara para as mais elevadas posições como instrutores da justiça no reino, quando este for por fim estabelecido livre de qualquer desafio futuro.

Também necessitamos compreender como será que aquilo que eles ganharam pela experiência pessoal na batalha para recuperar do pecado, quando ensinado a outros, servirá para dar toda a inerente imunidade de alguma vez mais se entregarem ao poder do pecado.

Deus É a Fonte de Toda a Luz

Quero agora delinear mais especificamente como isto será feito em estrita observância da Ordem Evangélica, porque há o perigo que possamos compreender mal a fonte da qual o testemunho da experiência vem.

Eu digo isto porque tem sido salientado que é por causa daquilo que os membros da ordem de Melquisedeque passaram que têm um testemunho superior em comparação com outros. Isto pareceria atribuir às nossas experiências o elevado papel de fontes de informação

partilhada por mais ninguém. Se isto fosse verdade negaria o facto que Deus é a única Fonte de toda a verdade, que ninguém pode ter alguma coisa excepto aquilo que vem do Pai eterno através de Jesus Cristo.

Estas duas verdades são eternamente verdadeiras, mesmo apesar de à primeira vista parecerem contraditórias. Toda a luz vem realmente do Senhor, ao passo que aqueles que têm a mais forte experiência nessa luz têm um testemunho mais poderoso para dar.

Quando a luz de Deus chega no início ao culpado pecador, ela encontra-o experimentando as trevas e desespero que é a sorte daqueles que estão no abismo do pecado. Nos casos daqueles que respondem à oferta de misericórdia divina, segue-se a passagem pela experiência de *Romanos 7*, e, se avançam na aceitação da luz que lhes é oferecida, ascendem à experiência da gloriosa libertação do pecado para a justiça. Daquilo que passaram aprenderam muito que permanece para sempre desconhecido dos que nunca pecaram.

Para a pessoa que passou das trevas para a luz, a experiência que passa é o produto dessa luz e não algo adicional a ela, ou à parte dela. É aquilo em que se torna por causa do poder salvador que existe na luz que brilha sobre si. Essa luz é a Palavra de Deus e chega a ela como a promessa de Deus. Nessa luz viva que brilha do alto sobre ela está nada menos do que o poder criador do Altíssimo em Pessoa.

“O mesmo poder exercido por Cristo enquanto andava visivelmente entre os homens, acha-se em Sua Palavra. Era por Sua palavra que Jesus curava a moléstia e expulsava os demónios; por Sua palavra, acalmava o mar, e ressuscitava os mortos; e o povo dava testemunho de que Sua palavra tinha autoridade. Ele falava a Palavra de Deus, a mesma que falara a todos os profetas e mestres do Velho Testamento. Toda a Bíblia é uma manifestação de Cristo.

“As Escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, mas falada também. Quando os aflitos iam ter com Cristo, Ele os via não somente a eles que pediam auxílio, mas a todos quantos, através dos séculos, haviam de buscá-l’O com igual necessidade e idêntica fé. Quando disse ao paralítico: ‘Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados;’ quando disse à mulher: ‘Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz,’ dirigia-se a outros sofrendores, oprimidos do pecado, que haviam de ir ter com Ele em busca de auxílio. Mateus 9:2; Lucas 8:48.

“O mesmo se dá quanto a todas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão directamente, como se Lhe pudéssemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são folhas daquela árvore que é ‘para saúde das nações’ (Apocalipse 22:2). Recebidas, assimiladas, elas serão a fortaleza do carácter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar o ânimo, e a fé que dá energia vital a todo o ser.” *A Ciência do Bom Viver*, 121, 122.

“Qualquer dom que Ele prometa, está na própria promessa. ‘A semente é a Palavra de Deus.’ Lucas 8:11. Tão certo como o carvalho está na bolota, o dom de Deus está em Sua promessa. Se recebemos a promessa, temos o dom.” *Educação*, 253.

Por conseguinte, aquele que no abismo do pecado recebe a promessa de Deus, está recebendo a vida e a luz que seguramente está na promessa como o carvalho está na bolota. Quando recebe esta comunicação de luz e vida, e unicamente quando o faz desta maneira, pode correctamente interpretar as experiências a que está sendo guiado pela verdade contida na Palavra. Portanto, não apenas a luz que está brilhando no seu caminho encontra a sua Fonte no Ser Omnisciente, mas as mensagens que lhe são transmitidas na sua experiência também são de cima.

O Testemunho de Deus em Comparação com o Nosso Testemunho

Permiti que saliente o pensamento que apenas quando o pecador compreende a sua experiência à luz que brilha sobre ele do Céu, pode correctamente avaliá-la e interpretá-la. Isto é confirmado pelas reacções dos ímpios às experiências que passam na sua escravidão ao pecado. A menos que sejam iluminados pelo Espírito Santo, nunca compreenderão correctamente a situação em que eles próprios se encontram.

Há muitos exemplos registados nos escritos sagrados dos que rejeitam a graça divina não compreendendo as experiências pelas quais o pecado os está levando. Um caso evidente foi o conflito entre Jó e os seus profundamente religiosos, conselheiros apontados por si próprios. Eles apresentaram uma interpretação da situação, contra a qual o servo do Senhor apresentou a verdade.

Por fim, o Senhor declarou o Seu reconhecimento que Jó, e não os seus “amigos”, tinha a correcta visão dos seus sofrimentos.

"Sucedeu, pois, que, acabando o Senhor de dizer a Job aquelas palavras, o Senhor disse a Elifaz, o temanita: 'A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque não dissestes de mim o que era recto, como o meu servo Job.'" *Jó 42:7.*

Outra ocasião foi quando Jesus declarou que aos judeus: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” *João 8:32.*

O Salvador estava a falar da escravidão espiritual, e não da física, mas aqueles a quem Ele falou foram incapazes de ver nas Suas palavras algo mais do que uma aplicação física. Mesmo assim, andavam tão profundamente em trevas que negaram que alguma vez estiveram em sujeição a qualquer homem, quando, nessa mesma altura, eram dominados pelos romanos.

Talvez o mais conhecido de todos os fracassos em compreender correctamente a situação é encontrado na interpretação errada de Nicodemos no diagnóstico de Cristo sobre a sua condição espiritual.

Há também a avaliação dos laodicenses da sua riqueza, dizendo que eram ricos e de nada terem falta, quando na verdade eram indignos, miseráveis, pobres, cegos, nus, e necessitavam de tudo.

Uma Verdadeira Avaliação das Nossas Experiências

Tenho verificado pela Palavra de Deus que brilha em numerosas experiências, que os pecadores que procuram a salvação devem ser guiados pelo ministério do Espírito Santo a fim de se verem a si próprios como realmente são. Este é sempre um passo fundamental, que, uma vez realizado, desimpede o caminho para aquilo que se deve seguir. É seguro dizer que todo aquele que encontra a verdadeira conversão envolvendo a libertação do senhor do pecado, obteve a verdadeira avaliação da sua experiência.

Assim, se tanto a luz pela qual somos guiados no caminho para o Céu, e a correcta avaliação das experiências que passamos, são todas do Céu, então qual é a vantagem em termos lições difíceis? Como é que os remidos aprendem tanto delas que se tornam os mais qualificados para toda a eternidade para declararem as maravilhas da salvação?

A resposta é muito simples. Embora Deus não lhes tenha dado origem, porque Ele a ninguém tenta, estas situações, problemas, e experiências são educadores divinamente ordenados, tal como são a palavra escrita, a verdade criada encontrada na natureza, o ministério de Cristo, o Espírito Santo, a obra dos anjos, e o testemunho daqueles que já se juntaram a Cristo.

Nenhum destes educadores são a Fonte daquilo que comunicam aos que os estudam. Cada um deles ensina apenas aquilo que primeiramente recebeu do Omnisciente Ser — a eterna Fonte de toda a luz e verdade.

Mesmo Cristo É Ensinado Pelo Pai

Alguns podem considerar que Cristo seria uma exceção a isto, que Ele sendo igual ao Pai, é também a Fonte, mas Ele declara outra coisa sobre Si próprio.

“Eu não posso, de mim mesmo, fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou.” *João* 5:30.

“Mas Jesus respondeu, e disse-lhes: ‘Na verdade, na verdade vos digo que o Filho, por si mesmo, não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque, tudo quanto ele faz, o Filho faz igualmente.

“Porque o Pai ama o Filho, e mostra-lhe tudo o que faz, e ele lhe mostrará maiores obras do que estas, para que vos maravilheis.” *João* 5:19, 20.

Tudo isto Jesus resumiu neste testemunho: “Como o Pai Me ensinou, assim falo.” *João* 8:28. (Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, Rio de Janeiro, 1974.)

Estas declarações de Jesus asseguram-nos que Ele compreendeu a Sua posição como “O Mestre enviado de Deus” (*Educação*, 73), e fielmente ocupou essa posição.

Ele não veio a esta Terra como a Fonte, mas como o Mensageiro.

“Todo o raio de luz divina que já atingiu o nosso mundo decaído, foi comunicado por meio de Cristo.” *Educação*, 73.

Deus sempre tem sido a Fonte que revela tudo o que pode ser revelado, através do Seu Mensageiro, “Emanuel,... Deus conosco”, {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15.

Isto significa que não estamos limitados à mensagem de Jesus no Seu aparecimento e jornada nesta Terra. Raios de luz vieram para o nosso mundo caído muito tempo antes do Seu primeiro advento, e têm vindo através dos filhos dos homens desde então. Portanto, em toda a história da humanidade, Cristo tem sido, é, e sempre será o Mestre de todos os mestres, o Mensageiro de Deus.

O que faz este ministério de Cristo ser uma causa de admiração, maravilha, e adoração é o facto que Cristo é tão verdadeiramente Deus com todos os poderes possuídos pelo Seu Onnipotente Pai, que, se não tivesse escolhido permanecer submisso ao papel de Mensageiro, Ele podia ocupar a posição de Fonte. Satanás fez a sua melhor pressão demoníaca sobre Ele para O afastar da Sua posição mesmo por um instante, mas, felizmente, falhou completamente.

“Houvesse-se podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à horrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado. Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme a Sua fé em Deus, e a Sua submissão a Ele.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 731.

Incrível foi a exaltação de Cristo por todos os habitantes do Céu, mas isto não fez a mais pequena mudança na posição de Cristo. Ele era, e é, sempre será o poderoso Mensageiro que ensina apenas aquilo que recebeu do Seu Pai. O Seu testemunho de Si próprio ainda é verdadeiro: “Como o Pai Me ensinou, assim falo.” *João* 8:28. (Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, Rio de Janeiro, 1974.)

Esta verdade é poderosamente confirmada nos versículos de abertura do último livro da Bíblia:

“Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.” *Apocalipse* 1:1.

A absoluta submissão à vontade de Seu Pai que caracterizou a Sua vida nesta Terra, é continuada no Céu depois da Sua ascensão, como é poderosamente evidente por esta introdução ao *Apocalipse*.

Jesus Cristo no Seu regresso ao Céu, certamente tinha a onisciência de conhecer tudo o que havia para conhecer acerca de Si próprio, e tinha o poder para revelar isso à igreja, mas, se Ele

o tivesse feito por Si próprio teria sido o mesmo que pôr de lado a estrutura de construção do reino, como Lúcifer tentou fazer na sua terrível rebelião.

Em vez de apresentar a revelação de Si próprio por Si mesmo, comunicou apenas aquilo que o Seu Pai Lhe deu, estabelecendo desse modo o exemplo para todos os outros membros do reino de Deus. Aparentemente, isso é verdade mesmo quanto ao Espírito Santo de quem Jesus disse:

“Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir.” *João 16:13*.

Assim com meticolosa fidelidade, tanto Cristo como o Espírito Santo vivem de acordo com os princípios da Ordem Evangélica. A Sua fiel submissão à beneficente vontade de Deus, e a perfeição da bênção que em consequência flui para toda a criação, é um radiante testemunho da eficácia da ordem divina. Em resposta a este brilhante testemunho da glória de Deus, faz com que tomemos a decisão de copiar o Padrão.

O Papel das Nossas Experiências Pessoais

Agora que já vimos a forma na qual toda a verdade ensinada por Cristo e o Espírito Santo não vem deles, mas através deles, estamos preparados para compreender o papel das experiências pessoais na luta da pecaminosidade para a justiça. Elas são maravilhosos ensinamentos quando o seu verdadeiro significado é visto na luz brilhando neles vinda de Deus, através de Cristo, o Espírito Santo, e os puros e imaculados anjos. Mas, deve ser claramente compreendido que nada daquilo que eles ensinam vem de si mesmos. Eles são simples instrumentos nas mãos divinas para dar a educação nas coisas eternas para aqueles que se submetem a esta instrução.

Estes importantes instrutores e as suas preciosas lições estão disponíveis apenas para uma classe de pessoas, nomeadamente, as que foram concebidas em pecado. Infelizmente, nem todos os que são elegíveis para receber instrução destes professores o fazem realmente, mas rejeitam-nos em favor das suas próprias interpretações das experiências da vida. Estas pessoas acabam por odiar Deus, culpando-O da sua triste situação, e blasfemam do Seu santo nome.

Mas daqueles que nasceram em pecado, há os poucos que respondem realmente aos apelos divinos para aceitarem a salvação, e, ao fazerem isso, entram na escola onde, pela experiência pessoal, ganham profundo entendimento do plano da salvação como está escrito: “Apenas os remidos, dentre todos os seres criados, conheceram em sua própria experiência o conflito com o pecado; trabalharam com Cristo e, conforme os mesmos anjos não o poderiam fazer, associaram-se em Seus sofrimentos.” *Educação*, 308.

Há muitos relatos bíblicos discriminando a verdade destes testemunhos. Escolho um deles, uma experiência da vida de Davi como sendo um tipo do resto.

Como o campeão que venceu Golias, Davi distinguiu-se em Israel, e pelo seu incorruptível comportamento durante o seu período de serviço ao rei Saul na sua corte, conquistou o respeito do monarca. Em consequência, “A Davi foram confiadas importantes responsabilidades; todavia ele conservou sua modéstia, e ganhou a afeição do povo bem como da casa real.” *{PP 479}*, *Patriarcas e Profetas*, 695.

Mas, quando o rei caiu em apostasia, chegou a sentir que o filho de Jessé era olhado mais favoravelmente pelo povo do que ele, e portanto, representava uma ameaça ao seu trono. O medo e a inveja cresceram nele cada vez com mais força.

Deus estava a ensinar Davi na preparação para esta importante posição que deveria ocupar como rei de Israel.

Para conseguir isto, Ele trabalhou através de vários professores: Jesus Cristo, o Espírito Santo, os anjos, as palavras escrita e criada e pelas experiências pessoais. Notai o uso feito deste último na sua vital educação.

“Foi a providência de Deus que ligou Davi a Saul. O cargo de Davi na corte dar-lhe-ia conhecimento dos negócios desta, em seu preparo para a sua futura grandeza. Habilitá-lo-ia a captar a confiança da nação. As vicissitudes e agruras que lhe ocorreram, em virtude da inimizade de Saul levá-lo-iam a sentir sua dependência de Deus, e a depositar n’Ele toda a sua confiança. E a amizade de Jonatas por Davi era também da providência de Deus, a fim de preservar a vida do futuro governante de Israel.” {PP 479}, *Patriarcas e Profetas*, 695.

Chegou a altura em que Davi tinha que fugir para não perder a sua vida. No caminho da sua fuga, chegou ele a Nobe, a residência do sumo sacerdote, e o lugar do santuário. “O sacerdote olhou para ele com espanto. Ao chegar à pressa, e aparentemente só, com o rosto assinalado pela ansiedade e tristeza. Indagou o que o levava ali.” {PP 484}, *Patriarcas e Profetas*, 703.

A tentação para dar uma resposta enganadora pressionava fortemente sobre Davi e ele cedeu. Foi um erro trágico que custou a vida do sumo-sacerdote e da sua casa de cerca de oitenta pessoas inocentes. Entretanto Davi fugiu para se refugiar entre os filisteus; um acto de cobarde incredulidade. Agora Davi estava aprendendo pela experiência pessoal na batalha contra o pecado, quão fraca e de pouca confiança é o braço da carne, e quão vital é manter inabalável fé nos altíssimos poderes do Céu. Mas aquilo que verdadeiramente me impressiona é o papel desempenhado por Deus que usou estas experiências, não para dirigir juízos condenatórios contra Davi, mas para o restaurar, e prepará-lo para a obra da sua vida e para um lugar no Céu.

“Davi fugiu para Aquis, rei de Gate; pois achava que havia mais segurança no meio dos inimigos de seu povo do que nos domínios de Saul. Mas, referiu-se a Aquis que Davi era o homem que matara o campeão filisteu anos antes; e agora aquele que procurara refúgio entre os adversários de Israel, achou-se em grande perigo. Fingindo, porém, loucura, enganou seus inimigos, e assim escapou.

“Contudo, esta experiência estava servindo para ensinar sabedoria a Davi; pois levava-o a compenetrar-se de sua fraqueza, e da necessidade de constante dependência de Deus. Oh, quão preciosa é a doce influência do Espírito de Deus vindo ela às almas deprimidas e desesperançadas, encorajando os desfalecidos, fortalecendo os fracos e comunicando coragem e auxílio aos provados servos do Senhor! Oh, que Deus é nosso Deus, o qual trata mansamente com os que erram, e manifesta Sua paciência e ternura na adversidade e quando somos vencidos por alguma grande tristeza!” {PP 485}, *Patriarcas e Profetas*, 704.

Não foi Deus, mas a desafiadora rebelião de Saul e a falta de fé de Davi que produziram a situação em Davi falhou tão mal. Mas logo que o errante servo de Deus se colocou em dificuldades demasiado grandes para ele resolver, o seu terno Pai celestial ali estava a fim de lhe dar uma correcta avaliação da situação e revelação do caminho para escapar.

Sob o convincente, iluminador poder do Espírito Santo, Davi sabia que merecia a mais severa punição, mesmo a morte. Ele deve ter sentido que Deus tinha total justificação para se retirar dele, tratando-o friamente, mantendo uma atitude de condenação para com ele, e manifestando grande descontentamento em virtude do seu comportamento.

Porém, nenhuma destas expectativas se realizou. Pelo contrário, o Ser eterno revelou-Se como um compassivo, terno Salvador trabalhando para tornar as experiências de Davi restauradoras em vez de destruidoras. Sob essas circunstâncias, pode entender-se como a experiência de Davi lhe estava a dar um conhecimento do carácter de Deus que nunca podia ter sido adquirido pela simples declaração. Davi agora sabia realmente que o seu Pai eterno é verdadeiramente terno e perdoador, não por ter lido isso num livro, mas porque ele o tinha experimentado pessoalmente.

Há grandioso poder num conhecimento pessoal dos caminhos de Deus como esse. É um poder que carrega luz e vida no testemunho daqueles que têm passado por grandes experiências de livramentos divinos. A pessoa que conhece por si própria na experiência pessoal da sua vida que Deus é amor, e que o evangelho é o poder de Deus para salvar do pecado, doença, e morte.

Neste mundo que agora existe, embora os que são verdadeiramente renascidos tenham algo a dizer acerca daquilo que a graça de Deus tem feito por eles, apenas alguns têm grandes testemunhos a dar. Aqueles que mais profundamente mergulharam no pecado:

- Como fez Pedro na noite em que traiu Cristo com maldições;
- Como fez Abraão quando tomou uma segunda mulher;
- Como fez Davi quando pecou;
- E como Moisés que bateu na rocha.

Todos estes e outros receberam um conhecimento pessoal de Deus desconhecido daqueles que têm vivido vidas discretas. Como um factor de crescimento do reino divino, e na sua segurança para toda a eternidade, estes testemunhos são de infinito valor. Quanto maior o pecador, mais notável a sua libertação, mais valioso é ele para Deus. Considerai cuidadosamente o seguinte testemunho:

“Nossa confissão de Sua fidelidade é o meio escolhido pelo Céu para revelar Cristo ao mundo. Cumpre-nos reconhecer Sua graça segundo foi dada a conhecer por intermédio dos santos homens da antiguidade; mas o que será mais eficaz é o testemunho de nossa própria experiência. Somos testemunhas de Deus ao revelarmos em nós mesmos a operação de um poder divino. Cada indivíduo tem uma vida diversa da de todos os outros, e uma experiência que difere muito da deles. Deus deseja que nosso louvor ascenda a Ele, levando o cunho de nossa própria personalidade. Esses preciosos reconhecimentos para louvor da glória de Sua graça, quando corroborados por uma vida semelhante à de Cristo, possuem irresistível poder, o qual opera para salvação de almas.

“É benefício para nós o conservarmos viva na memória cada dádiva de Deus. Por esse meio a fé é fortalecida para reclamar e receber mais e mais. Há maior animação na mínima bênção que nós mesmos recebemos de Deus, do que em todas as narrações que possamos ler da fé e experiência de outros. A alma que corresponde à graça de Deus, será como um jardim regado. Sua saúde apressadamente brotará; sua luz brilhará nas trevas, e sobre ela se verá a glória do Senhor. *A Ciência do Bom Viver*, 100.

Pensai nestes princípios à luz da experiência dos dois homens possuídos de demónios de Gergesa. Ninguém podia estar em pior necessidade espiritual do que eles. Tão possuídos estavam eles por demónios que, não apenas eram totalmente incapazes de se salvarem do poder dominador, como não podiam expressar o seu desejo de libertação. Pior ainda, contra os seus desejos, decidiram tentar matar a única Pessoa em quem vagamente percebiam estar a sua única esperança.

Pelo poder criador da palavra de Cristo eles foram elevados à completa libertação da presença do senhor do pecado, e dos demónios que tinham tomado residência neles. Eles tinham agora a sua mente curada. “Brilharam-lhes os olhos de inteligência. A fisionomia, por tanto tempo mudada à semelhança de Satanás, tornara-se repentinamente branda, tranquilas as ensanguentadas mãos, e louvavam alegremente a Deus por sua libertação.” {DTN 234}, *O Desejado de Todas as Nações*, 321.

Não havia outra pessoa em Gergesa, que, embora atónita perante a incrível transformação nestes homens, conhecia na experiência pessoal o que estes dois conheciam do amor e poder de Deus. Portanto, ninguém podia dar um testemunho que se comparasse com o deles. Nenhuma outra vida naquela região, nessa altura estava qualificada como eles, para ser testemunha de Deus.

→ “Os dois curados possessos foram os primeiros missionários enviados por Cristo a pregar o evangelho na região de Decápolis. Só por poucos momentos tinham esses homens tido o privilégio de escutar os ensinamentos de Cristo. Nem um dos sermões de Seus lábios lhes caíra jamais ao ouvido. Não podiam ensinar o povo, como os discípulos, que se achavam diariamente com Cristo, estavam no caso de fazer. Apresentavam, porém, em si mesmos o testemunho de que Jesus era o Messias. Podiam dizer o que sabiam; o que eles próprios tinham visto e ouvido, e experimentado do poder de Cristo. É o que a todo aquele cujo coração foi tocado pela graça de Deus, é dado fazer. João, o discípulo amado, escreveu: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (...); o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos.’ 1 João 1:1-3. Como testemunhas de Cristo, cumpre-nos dizer o que sabemos, o que nós mesmos temos visto e ouvido e sentido. Se estivemos a seguir a Jesus passo a passo, havemos de ter qualquer coisa bem positiva a contar acerca da maneira por que nos tem conduzido. Podemos dizer como Lhe temos provado as promessas e as achado fiéis. Podemos dar testemunho do que temos conhecido da graça de Cristo. É esse o testemunho que nosso Senhor pede de nós, e por falta do qual está o mundo a perecer.” {DTN 236}, *O Desejado de Todas as Nações*, 323.

Assim, aqueles que têm uma poderosa, experiência viva nas coisas de Deus, tem um testemunho mais eficaz para dar em nome de Jeová, mas, nem por um momento temos nós que subscrever a ideia que devemos descer ao pecado a fim de experimentar uma maior manifestação do poder divino na nossa libertação. Seguir um tal procedimento é presunção, um passo que Cristo condenou para sempre quando recusou lançar-Se do pináculo do templo a fim de reclamar a protecção dos anjos ministradores. Aquele que deliberadamente peca para que a graça possa ser mais abundante, é colocar-se a si próprio num campo verdadeiramente perigoso.

Hoje, em virtude da falta de um eficaz, vivo testemunho da parte do povo de Deus, “está o mundo a perecer”. Os crentes em Jesus têm uma tremenda responsabilidade em manter as suas experiências com Jesus vivas e florescendo de modo que possam ter um testemunho vivo com a capacidade de ganhar almas. A proclamação da verdade atrairá apenas alguns, especialmente quando há muitas teorias em circulação, mas há uma resposta diferente quando o missionário tem uma experiência pessoal nessa verdade. Ele verificará que está diligentemente procurando os que anseiam a salvação.

Eu tenho verificado pessoalmente que isto é verdade na minha própria experiência. Antes da mensagem da vida em justiça se abrir à minha mente e transformar a minha vida, eu era um ganhador de almas muito ocupado que nunca conquistou almas, apesar de sair em busca delas sempre que tinha oportunidade.

Porém, quando fui abençoado com uma experiência viva, não tinha que buscá-las, porque agora, sentindo que tinha o que necessitavam, elas viriam a mim. Que refrescante mudança foi esta, e tem permanecido desde então.

Não só são homens e mulheres que têm fome e sede de justiça abençoados pelo testemunho vivo de uma experiência interior. Os anjos e os habitantes não caídos de todos os outros mundos são grandemente abençoados quando vêm o poder vivo de Deus transformando os pecadores em santos. Toda a realização na obra da justiça os inspira com alegria, gratidão, e mais firme lealdade às normas divinas. É espantoso ver que seres santos que viveram e serviram a Deus durante incontáveis períodos de tempo, pudessem avidamente aprender com os homens que têm uma tão curta existência, mas assim é!

“Porque foi permitido continuar o grande conflito através dos séculos? Por que foi que se não eliminou a existência de Satanás no início de sua rebelião? — Foi para que o Universo se pudesse convencer da justiça de Deus ao tratar com o mal, e para que o pecado pudesse receber condenação eterna. No plano da salvação há sumidades e profundezas, que a própria

eternidade jamais poderá compreender completamente, maravilhas para as quais os anjos desejam atentar. Apenas os remidos, dentre todos os seres criados, conheceram em sua própria experiência o conflito com o pecado; trabalharam com Cristo e, conforme os mesmos anjos não o poderiam fazer, associaram-se em Seus sofrimentos; não terão eles qualquer testemunho quanto à ciência da redenção, algo que seja de valor para seres não caídos?

“Mesmo agora, aos ‘principados e potestades nos Céus’, ‘a multiforme sabedoria de Deus’ se faz conhecida ‘pela igreja’. ‘E nos ressuscitou juntamente com Ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais,... para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.’ Efésios 3:10; 2:6, 7.

“No Seu templo cada um diz: Glória!’ (Salmo 29:9) e o cântico que os resgatados entoarão, cântico este de sua experiência, declarará a glória de Deus: ‘Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.

“Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és santo.’ Apocalipse 15:3, 4.

“Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em prol de outrem. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e mais elevada educação — testemunhando (e aprendendo, novamente, sempre que assim o fizermos) ‘as riquezas da glória deste ministério’, ‘que é Cristo em vós, a esperança da glória’, Colossenses 1:27.” *Educação*, 308, 309.

Embora os habitantes sem pecado estejam a aprender muito pela observação do resultado do grande conflito, estão, contudo, separados da directa comunicação com os que têm um envolvimento pessoal na luta. Com ardente desejo, esperam a chegada dos remidos para poderem perguntar sobre os mistérios da salvação, pois o seu interesse neste tema é todo absorvente.

Assim também será com os remidos — os membros da ordem de Melquisedeque de reis e sacerdotes. Será a sua mais elevada alegria testemunhar as maravilhas do amor redentor.

Livre da Mortalidade

Quando meditamos nestas verdades no momento actual, podemos olhar para a fraqueza do nosso presente testemunho, e a fragilidade da nossa existente experiência, e duvidar que pudéssemos alguma vez dar qualquer contribuição válida para a aprendizagem dos anjos e dos seres não caídos. Poderíamos facilmente recluir que quando estes poderosos seres, ricos em conhecimento obtido através de eras desconhecidas de intenso estudo e pesquisa, na realidade nos enfrentem, fiquem completamente desapontados e se afastarão desapontados.

Mas como pode isto ser?

Será assim porque nós não seremos então como somos agora. Consequentemente, o nosso testemunho não será dado nessa altura na fraqueza e na falta de preparação que agora tão drasticamente limita a sua apresentação, mas será declarado em todo o assombroso poder daqueles que terão recebido a imortalidade, e, tendo a vida gerada do Pai eterno, penetraram no meio do trono da Sua presença.

É aí, onde em todo o Universo a luz brilha com o brilho mais brilhante do que milhões de sóis. Ali também, a luz da verdade brilha com infinito brilho que não diminui. É o lugar onde todo o mistério é explicado, toda a pergunta é respondida, todo o problema resolvido e toda a perplexidade removida.

Os remidos levarão consigo todas as suas experiências quando fervorosamente se reunirem na presença do Altíssimo, e, na incrível luz que brilha ali, compreenderão o valor, o significado, o poder, a beleza e a completa eficiência daquilo por que passaram na sua libertação do pecado.

Salientei anteriormente neste capítulo que ninguém pode compreender a sua própria experiência excepto pelo ministério do Espírito Santo. Isso é verdade, tanto agora como na eternidade. Devido às nossas capacidades extremamente limitadas presentemente e da nossa débil compreensão das coisas eternas, o Espírito Santo é capaz de nos mostrar apenas muito pouco a respeito da verdade sobre as nossas experiências, mas quão diferente será, quando à nossa chegada ao Céu, formos imersos nesta inundação da luz mais brilhante que existe. Toda a nuvem obscurecedora desaparecerá e com maravilhosa clareza veremos então toda a mensagem implícita nos nossos testemunhos de louvor ao Senhor.

Será quando emergirmos da presença do Altíssimo, com o nosso crescente testemunho da glória de Deus e eternamente desde então, que os puros que foram para ali muito, muito antes de nós, nos procurarão a fim de aprenderem connosco o que doutro modo permaneceria escondido deles. Aquilo que ouvirão nessa altura não os desapontará, mas fará com que desejem mais.

É evidente que os remidos considerarão a Santa Cidade como o seu lar, mas viajarão como reis e sacerdotes por todos os outros mundos. Depois de governarem e ensinarem ali durante algum tempo, regressarão à cidade, antes de partirem para outro ditoso dever. Tudo isto será perfeita e facilmente organizado pelo Rei dos reis e Senhor dos senhores. A revelação da obra de Enoque no Céu apresenta esta ordem.

“Então fui levada a um mundo que tinha sete luas. Vi ali o bom e velho Enoque, que tinha sido trasladado. Em sua destra tinha uma palma resplendente, e em cada folha estava escrito: ‘Vitória.’ Pendia-lhe da cabeça uma grinalda branca, deslumbrante, com fôlhas, e no meio de cada folha estava escrito: ‘Pureza,’ e em redor da grinalda havia pedras de várias côres que resplandeciam mais do que as estrelas, e lançavam um reflexo sôbre as letras, aumentando-lhes o volume. Na parte posterior da cabeça havia um arco em que rematava a grinalda, e nêle estava escrito: ‘Santidade.’ Sobre a grinalda havia uma linda coroa que brilhava mais do que o Sol. Perguntei-lhe se êste era o lugar para onde fôra transportado da Terra. Êle disse: ‘Não é; minha morada é na cidade, e eu vim visitar este lugar.’ Êle percorria o lugar como se realmente estivesse em sua casa.” *Primeiros Escritos*, 40.

Podemos estar certos que ele não estava a visitar este lugar como turista, porque é como reis e sacerdotes ministradores ocupados que os remidos visitam os vários planetas habitados por todo o Universo. Saindo directamente do próprio coração da presença de Deus, abundantemente carregada de luz, e vida, e bênçãos, “livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes”, *O Grande Conflito*, 541, onde ministram o que adquiriram na sua comunhão com o Onnipotente.

Por sua vez, “Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus.” *O Grande Conflito*, 541.

Tentai visualizar completamente por vós mesmos uma tal vida gloriosa e totalmente satisfatória como as dos membros da sagrada ordem de Melquisedeque. Pensai no que será entrar directamente na própria presença de Jeová absorvendo a vida e a luz de Deus até sermos literalmente carregados em abundância com poder; depois viajar com incrível velocidade para um sistema solar distante onde à chegada seremos saudados com a maior alegria pelos que ali residem. Pensai então acerca da bela comunhão na qual todos entrarão ultrapassando tudo o que foi experimentado aqui na Terra.

Verdadeiramente, não é possível agora ter um conhecimento apropriado daquilo que significará ser um sacerdote e rei da ordem de Melquisedeque. Mas isto faço agora: ao escrever

este estudo, tenho visto o suficiente dessa glória e maravilha para me encher do intenso desejo e determinação de estar ali como rei e sacerdote. Oro para que seja gerada a mesma resposta em toda a pessoa que ler estas palavras.

A respeito de nós quando chegarmos ali serão verdadeiras estas palavras: “Aceita francamente aqueles cuja maneira de proceder Lhe tenha sido a mais ofensiva; quando se arrependem, comunica-lhes o Seu divino Espírito, coloca-os nos mais altos postos de confiança e envia-os... para Lhe proclamar a Sua ilimitada misericórdia.” {DTN 584}, *O Desejado de Todas as Nações*, 895.

7. Qualificações Adicionais

Até aqui, no exame da lista de qualificações necessárias para ser membro da ordem de Melquisedeque, vimos que ele tem que ser um homem, embora houvesse um tempo em que podia ter sido um anjo caído arrependido. Também vimos que o final do grande conflito não deixa de ser necessário reis e sacerdotes.

Agora é altura de continuar o nosso exame da lista de especificações pelas quais Melquisedeque é identificado.

Rodeado de Fraqueza

O próximo requisito é que: “pode compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também Ele mesmo está rodeado de fraqueza.” *Hebreus 5:2*.

O nosso grande Rei e Sumo-sacerdote da ordem de Melquisedeque, podia ter escolhido ter vindo a esta Terra:

1. Com toda a glória do Seu Pai;
2. Na perfeita humanidade sem pecado, como a que Adão e Eva possuíam antes da queda; ou
3. Na fraca, degenerada, pecaminosa, humanidade mortal como ela estava seguindo durante cerca de quatro mil anos de terrível degeneração depois da tentação e queda dos nossos primeiros pais.

A única natureza destas três em que Ele veio apenas podia ter sido a última, por várias razões vitais.² Por isso, tratarei aqui com brevidade alguns pontos principais.

O objectivo principal de Cristo ao vir a esta Terra era salvar o reino da desintegração. Lúcifer tinha montado um poderoso desafio contra o governo do Altíssimo Deus, que reclamava a abolição das Suas leis, na acusação de que elas não podiam ser guardadas pelos seres criados excepto sob circunstâncias muito favoráveis.³

Satanás apontou o seu próprio erro e o da família humana como “clara prova” que os mandamentos de Deus não podiam ser obedecidos. Há muitos testemunhos para este efeito nos sagrados escritos inspirados: “Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos. A queda de nossos primeiros pais, com toda a miséria resultante, ele atribui ao Criador, levando os homens a olharem a Deus como autor do pecado, do sofrimento e da morte.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 20

² Vede *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã*, por A. T. Jones; *Destino de Um Movimento e Os Três Templos*, por F. T. Wright.

³ Vede o Capítulo 15 intitulado “Testemunhas de Deus”, em *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F. T. Wright.

“Desde o princípio, tem sido a especial doutrina do adversário de Deus e do homem, que a lei de Deus era imperfeita e questionável. Ele sempre apresentou a lei real da liberdade, como opressiva e insuportável. Tem-na denunciado como ‘um jugo de escravidão’. Tem declarado que era impossível ao homem guardar os preceitos de Jeová. Esta tem sido, e ainda é, a obra de Satanás”. *The Review and Herald*, 31 de Julho de 1888.

“Por meio dos defeitos do carácter, Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer.” *O Grande Conflito*, 489.

Um sofisma é um raciocínio sedutor inteligente, que é feito parecendo tão semelhante à verdade que qualquer um está no grande perigo de ser enganado por ele. É apresentar as trevas como se fossem luz e a verdade como se fosse mentira. Tão habilmente Satanás tem feito isto que a maioria dos homens têm sido completamente enganados desse modo. Ministros dos seus púlpitos são guias mundiais proclamando este erro mortal. Somente aqueles que foram libertados do poder do pecado e têm o vácuo preenchido com “Cristo em vós, a esperança da glória”, podem de coração crer que a lei é a expressão do amor de Deus, e pode ser guardada pelos Seus filhos.

O sofisma enganador pelo qual o diabo opera incansavelmente para destruir a confiança nos preceitos de Jeová, é chamado como um “fatal” sofisma, o que significa que o seu efeito certo naqueles que são enganados por ele é morte eterna. Assim então, para que sejais salvos da morte, primeiramente tendes que ser salvos dos fatais sofismas de Satanás.

Essa é a obra que Cristo veio fazer a esta Terra, como está escrito: “Jesus devia patentear esse engano. Como um de nós, cumpria-Lhe dar exemplo de obediência.” {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Precisamente aqui está uma verdade crucial. Foi para todos os Seus súbditos que este engano foi patenteado, não apenas para uma classe deles. Certamente que o assunto tinha que ser esclarecido tanto para a humanidade caída, como também para os que nunca tinham caído. Porém, é óbvio que se pudesse ser provado que aqueles que possuíam as maiores limitações possíveis, sob as mais difíceis condições, podiam alcançar perfeita justiça, então todos os abençoados com circunstâncias mais favoráveis não tinham razão para duvidar que também eles podem viver vidas sem pecado. Por outras palavras, se homens caídos, pecadores, mortais, podem obedecer a todos os preceitos de Deus num mundo cheio de pressões e atracções ao pecado, enquanto revestidos com a carne drasticamente reduzida de força, então muito certamente um puro habitante de um planeta distante que nunca conheceu o pecado, não terá desculpa para transgredir.

Portanto, para expor o sofisma fatal de Satanás que a lei não pode ser guardada pela humanidade, com ou sem pecado, Cristo tinha que dar a Sua demonstração sob as piores, não nas melhores, condições possíveis.

Tinha que ser uma demonstração, porque uma declaração não era suficiente. Tanto Cristo, como Satanás, tinham que provar o seu argumento fazendo exactamente aquilo que afirmavam. Por conseguinte, Cristo tinha que prestar perfeita obediência à lei, enquanto habitava na mesma caída carne e sangue mortal pecadora com qual nasce qualquer pecador.

“Como um de nós, cumpria-Lhe dar exemplo de obediência. Para isso tomou sobre Si a nossa natureza, e passou por nossas provas. ‘Convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos.’ Se tivéssemos de sofrer qualquer coisa que Cristo não houvesse suportado, Satanás havia de apresentar o poder de Deus como nos sendo insuficiente. Portanto, Jesus ‘como nós, em tudo foi tentado’. Hebreus 2:17; 4:15. Sofreu toda provação a que estamos sujeitos. E não exerceu em Seu próprio proveito poder algum que nos não seja abundantemente facultado. Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus. Diz Ele: ‘Deleito-

Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração.' Salmo 40:8. Enquanto andava fazendo o bem e curando a todos os aflitos do diabo, patenteava aos homens o carácter da lei de Deus, e a natureza de Seu serviço. Sua vida testifica ser possível obedecermos também à lei de Deus." {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Assim, por necessidade, Jesus veio travar a mesma batalha que nós temos que travar sob as mesmas condições, e na mesma humanidade mortal pecaminosa. Fazendo assim, Ele compreende pela experiência pessoal como o sacerdote da ordem de Melquisedeque deve compreender, o que significa ganhar semelhante vitória. Portanto, Ele "pode compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também Ele mesmo está rodeado de fraqueza." *Hebreus* 5:2.

É importante com esta, assim como com outras Escrituras, que não levemos as coisas ao extremo. Cristo nunca veio para provar que a pessoa em quem o senhor do pecado domina e reina, pode obedecer aos mandamentos de Deus, pois esse homem, enquanto permanecer nessa condição, muito certamente não pode viver em justiça.

Até que ele seja salvo da escravidão ao antigo senhor do pecado, todo o filho de Adão e Eva, é, ao mesmo tempo, o descendente do seu pai, o diabo. Nessa situação, é um desprotegido escravo do pecado. Ele pode saber o que está certo e pode exercer todas as suas energias num determinado esforço para fazer aquilo que a lei requer, mas ele experimentará apenas miserável derrota.

Pelo vivo poder de Deus, o antigo senhor do pecado deve ser expulso e substituído pela presença da vida de Cristo. O pecador deve tornar-se participante "da natureza divina". *2 Pedro* 1:4.

Para ganhar a batalha, Cristo combinou a divindade com a humanidade, porque nenhuma outra combinação podia ter possibilidade de triunfar. Ele era Deus na carne, e, portanto, nós podemos vencer como Ele venceu, a natureza má residente no nosso corpo carnal deve ser trocada pela natureza divina. Então, como no caso do nosso grande Exemplo, a divindade está de novo a habitar na humanidade.

"O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar 'participantes da natureza divina', e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade não comete pecado.

"O Salvador venceu para mostrar ao homem como ele pode vencer." *A Ciência do Bom Viver*, 180, 181.

Há maravilhoso conforto no conhecimento que Jesus tomou sobre Si as mesmas enfermidades que nos cabem, porque isto é compreender que Ele já enfrentou e venceu toda a possível dificuldade e tentação que o diabo pode conceber.

Portanto, "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." *1 Coríntios* 10:13.

O homem que tomou a nossa fraqueza, a quem toda a tentação é familiar, é Cristo Jesus. Satanás estava tão determinado a destruir o plano da salvação, que empregou toda a tentação e combinação possível com esse objectivo, no seu desesperado esforço. Mas ele esgotou o seu arsenal contra o nosso Campeão sem sucesso. "Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação." *O Grande Conflito*, 621.

O conforto de saber que toda a vitória já foi ganha, é aumentado pelo facto que Cristo verdadeiramente veio até nós exactamente onde estamos e venceu exactamente como nós devemos vencer. Assim temos completo acesso a Ele e através d'Ele ao Pai. Esta é uma qualificação muito vital para um sacerdote e rei de Melquisedeque.

Para nos ajudar a apreciar o valor de um tal acesso pessoal a Jesus, temos apenas que recordar a experiência de Daniel e dos sábios de Babilónia. Quando o rei Nabucodonosor exigiu que os sábios revelassem o sonho e a sua interpretação, com tristeza eles admitiram que os seus deuses não moravam com a humanidade, e que por isso o segredo era inacessível ao rei e aos seus sábios. Aqui está a sua admissão:

“Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante dalgum mago, ou astrólogo, ou caldeu.

“Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne.” *Daniel 2:10, 11.*

Mas para Daniel a situação era muito diferente, porque o seu Deus era acessível a ele através do sacerdote e rei Melquisedeque, Jeová Emanuel. Portanto, ele podia dizer com confiança:

“Mas há um Deus nos Céus, o qual revela os segredos; Ele pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há-de ser no fim dos dias.” *Daniel 2:28.*

O facto que temos um sacerdote e rei Melquisedeque, isto é, um que tem acesso total ao Altíssimo por um lado e chega onde nós estamos por outro, foi o meio de salvar as vidas de Daniel e dos sábios naquele dia. Mais importante ainda, foi o meio pelo qual uma das verdadeiramente maiores vitórias para a causa de Deus foi alcançada.

A circunstância de Jesus demonstrar que a lei podia ser guardada em perfeição por crentes que habitavam na caída, pecaminosa, carne e sangue mortal, era apenas uma das razões para a Sua vinda à Terra “rodeado de fraqueza”. Ele também morreu pela humanidade a fim de pagar o preço da redenção da nossa salvação.

Mas, a carne e sangue sem pecado não pode morrer. Adão e Eva eram completamente imortais até pecarem. Paulo torna esta verdade muito clara na sua carta ao Romanos: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” *Romanos 5:12.*

Portanto, a divindade isenta de pecado de Cristo não morreu quando Ele foi crucificado, porque isso teria sido uma impossibilidade. Somente aquilo que o pecado toca pode morrer e morrerá e o pecado nunca tocou a divindade que habitava na Sua carne.

“Quando Cristo foi crucificado, foi a Sua natureza humana que morreu. A divindade não enfraqueceu e morreu; isso teria sido impossível.” *The S.D.A. Bible Commentary 5:1113.*

Tudo isto coloca as professas igrejas cristãs modernas numa posição sem defesa quando ensinam que o nosso Salvador veio na carne e sangue com que Adão e Eva foram abençoados antes da queda. Eles não podem defender essa posição, e, ao mesmo tempo, crerem que Ele morreu no Calvário. Isto significa que têm um Salvador que, em virtude de não poder morrer por eles, não os pode salvar. Para eles não há ordem de reis e sacerdotes de Melquisedeque.

Outra razão para a necessidade de Cristo ter sido rodeado das fraquezas do povo que veio salvar, está no facto que Ele não só tinha que dar a Sua vida *por* eles; mas tinha que dar a Sua vida *a* eles. Dar a Sua vida a eles foi preciso porque, tendo perdido para sempre a vida eterna que Deus lhes deu em Adão, necessitavam que lhes fosse dada outra vida no lugar dessa. A única vida que os podia ajudar era a do próprio Cristo.

Para Ele nos dar a Sua vida era preciso a implantação da Sua semente no obediente recipiente humano. Para fazer isto tinha que entrar num casamento entre a divindade e a humanidade. Quando Ele contraiu esse casamento, teria sido inútil unir-Se com humanidade imortal, sem pecado, uma vez que essa não era a humanidade que necessitava da Sua semente. O pecado e a morte não a tinham tocado, portanto, ela não precisava de uma nova vida.⁴

⁴ Para mais informação sobre este assunto consultai *os Vivos e os Mortos*, pelo mesmo autor.

Assim era necessário para nós que o Sumo-sacerdote da ordem de Melquisedeque fosse rodeado da fraqueza a fim de cumprir a Sua missão e verdadeiramente ocupar a Sua posição. Embora os sacerdotes e reis dessa ordem não possam, pagar o resgate como Cristo fez, o Cordeiro antitípico, continua ainda a ser necessário que estejam rodeados de fraqueza a fim de elevar aqueles a quem eles ministram, levando-os às riquezas da crescente comunhão com Deus.

Deve ser óbvio que nem no tipo nem no antítipo o Espírito Santo pode ser Melquisedeque de acordo com esta especificação, pois Ele nunca foi, nem será, rodeado de fraqueza.

Não foi Cristo o Melquisedeque que se encontrou com Abraão no regresso da batalha contra o reis pagãos, porque, ao mesmo tempo, ele ainda não tinha sido rodeado com a fraqueza, nem o seria até ter nascido em Belém.

Somos deixados sem opção então senão continuar na nossa investigação das marcas identificadoras deste grande homem até descobrirmos quem foi Ele.

A Expição Pelos Seus Pecados

O ponto seguinte é que por causa dele partilhar a fraqueza do povo, tem que receber a expiação pelos seus pecados mesmo que sejam por eles, como está escrito: “E por esta causa deve Ele, tanto pelo povo, como também por Si mesmo, fazer oferta pelos pecados.” *Hebreus 5:3*.

Os sacerdotes do sistema Levítico do Antigo Testamento eram um com o povo e encontravam a libertação dos seus pecados do mesmo modo como o povo. Se o sacerdote pecava, havia um sacrifício estipulado para ele fazer, tal como acontecia com o povo quando pecava, a fim de obterem expiação para as suas transgressões. Vede *Levítico 4*.

No grande dia da expiação, o sumo-sacerdote oferecia o novilho por si mesmo e sua família, antes de fazer expiação pelo povo. Vede *Levítico 16*.

Tal como eles demonstravam assim a sua fé no Sacrifício Antitípico, Jesus, o Cordeiro de Deus, obtinham libertação tanto da culpa como do poder dos seus pecados. Reconheciam-se membros da raça pecadora, nenhum membro da qual tinha escapado da poluição, “Porque todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus”. *Romanos 3:23*.

Isto também é verdade quanto ao sacerdócio de Melquisedeque. Todos os seus membros são tomados da caída humanidade pecadora, cada um dos quais tinha que confiar no sangue do Calvário para expiação dos seus pecados. Isto incluía o Sumo Sacerdote da ordem, Jesus Cristo, como dizem as Escrituras: “E por esta causa deve Ele, tanto pelo povo, como também por Si mesmo, fazer oferta pelos pecados.” *Hebreus 5:3*.

À medida que lemos estas palavras, temos a tendência para olhar para Cristo como uma excepção a esta condição, pois Ele nunca teve qualquer pecado de Si mesmo para confessar e isto é verdade.

Mas, Ele tinha a mesma caída, pecaminosa, natureza humana mortal como aquela que veio salvar. Notai cuidadosamente que foi uma natureza pecaminosa e não uma natureza pecadora, muito embora pudesse ter sido. Mas, tal como sabemos bem, Jesus nunca pecou, nem mesmo em pensamento permitiu uma só acção, em toda a Sua meninice, juventude e idade adulta, apesar de tentado num grau muito superior a qualquer outra pessoa.

Mas a fim de chegar até nós onde estamos antes de renascermos, Ele tinha que ser feito pecado, o que aconteceu no Getsémani. Ele não pecou, mas tomou os nossos pecados sobre Si e

foi contado com os transgressores tão completamente como se Ele próprio tivesse cometido esses pecados. Por estes pecados Ele necessitava de expiação.⁵

“Da amargura que cabe em sorte à humanidade, não houve quinhão que Jesus não provasse. Não faltou quem procurasse lançar sobre Ele desprezo por causa de Seu nascimento, e mesmo na infância teve de enfrentar olhares desdenhosos e ruins murmurações. Houvesse respondido com uma palavra ou olhar impaciente, houvesse cedido aos irmãos em um único acto errado que fosse, e teria fracassado em ser exemplo perfeito. Tivesse admitido haver uma desculpa para o pecado, e Satanás triunfaria, ficando o mundo perdido. Foi por isso que o tentador trabalhou para tornar-Lhe a vida o mais probante possível, a fim de que fosse levado a pecar.” {DTN 53}, *O Desejado de Todas as Nações*, 77.

Mas, não importa quão livre foi Ele de pecar, nem quão puro Ele foi na Sua natureza divina, o próprio facto que Ele habitou na pecaminosa natureza humana mortal, colocou sobre Ele a necessidade experimentada sobre todo o verdadeiro crente, de aproximar-se do Pai através de um intercessor administrando o sangue da expiação.

Nenhum homem, enquanto vive nesta Terra, pode aproximar-se de Deus directamente. Ele tem que o fazer através de um Mediador que seja capaz de aplicar a eficácia obtida por Cristo no Calvário, a fim de tornar eficaz o serviço mediador. O princípio envolvido aqui é plenamente estabelecido nestas palavras:

“Os serviços religiosos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à mão direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, não será aceitável a Deus. Todo o incenso dos tabernáculos terrestres têm de umedecer-se com as purificadoras gotas do sangue de Cristo. Ele segura perante o Pai o incensário de Seus próprios méritos, nos quais não há mancha de corrupção terrestre. Nesse incensário reúne Ele as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, juntando-lhes Sua própria justiça imaculada. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso ascende perante Deus completa e inteiramente aceitável.” *Mensagens Escolhidas* 1:344.

Elas não ascendem com imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, isso não é aceitável para Deus. Todo o incenso dos tabernáculos da Terra deve estar húmido com as gotas purificadoras do sangue de Cristo.

Ele segura diante do Pai o incensário dos Seus próprios méritos, no qual não há mancha de corrupção terrena. Ele reúne nesse incensário as orações, os louvores e as confissões do Seu povo, e com eles coloca a Sua própria justiça impecável. Então, perfumadas com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso sobe diante de Deus total e inteiramente aceitável.

Esta é a forma como acontece com toda a pessoa que busca salvação e sobre quem está a maldição da carne e do sangue pecaminosos e mortais. Cristo, quando estava nesta Terra, não poderia ser isento desta regra. Ele possuía a mesma carne e sangue que os filhos caídos de Adão, de modo que, se eles, naquela natureza pecaminosa, tivessem que cumprir certas condições antes que as suas orações pudessem ser aceitáveis a Deus, então Cristo na mesma natureza teria que reunir as mesmas condições antes que as Suas orações pudessem ser aceitáveis diante de Deus.

Foi somente quando, no Céu, Ele era o ministro da graça de Deus, que Ele poderia ser o Mediador e Intercessor, misturando o incenso de Sua própria justiça com as orações dos verdadeiros crentes. Ele não pôde realizar este trabalho enquanto esteve na Terra, onde Ele

⁵ Para uma explicação mais desenvolvida da extensão da condição pecaminosa de Cristo, vede *O Destino de um Movimento*, Capítulo 10, do mesmo autor.

próprio precisava de um Intercessor, embora fosse pela administração de Seu próprio sangue que Ele e Seu povo recebessem a cobertura vital necessária para se aproximarem do Pai.

Tal como foi estudado anteriormente, os sacerdotes de Melquisedeque, Enoque, Moisés e Elias, que já estavam no Céu tal como deviam estar antes de Cristo deixar a Sua obra ali, foram mediadores e intercessores entre Deus e o Seu povo incluindo Jesus durante todo o período em que o Sumo-sacerdote da ordem de Melquisedeque precisou de estar ausente da presença do Pai. Este ministério intercessor da parte destes três homens, os vinte e quatro anciãos, e as quatro criaturas viventes, é claramente ilustrado em *Apocalipse* 4 e 5, onde são mostrados transportando incensários dos quais ascendia incenso que é a oração dos santos.

Mas, apesar de outros à parte de Cristo poderem preencher o ofício de Mediador, apenas o sangue de Cristo pode tornar as orações dos crentes penitentes aceitáveis perante Deus, quer o suplicante seja o próprio Cristo, ou um do povo. Assim, quando Cristo oficiava como Mediador, era pelo Seu próprio sangue. Quando Enoque, Moisés, Elias, um dos vinte e quatro anciãos, ou um dos sacerdotes simbolizados pelas vinte e quatro criaturas desempenhavam o papel de mediadores, não misturavam o seu sangue com as orações dos santos a fim de as tornarem aceitáveis a Deus.

É pelo sangue de Cristo apenas que eles apresentam ao Pai a penitência, louvor e orações dos verdadeiros crentes.

Mas desde a Sua ressurreição, Cristo foi liberto da pecaminosa carne e sangue mortal e já não precisa de mediação por Si próprio como precisava quando estava na Terra.

Chamado Por Deus

Passaremos agora para a marca identificadora que se segue deste poderoso ministério, que é aquela em que ele nunca será chamado por si próprio, mas sê-lo-á por Deus.

“E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão.

“Assim também Cristo se não glorificou a Si mesmo, para se fazer Sumo Sacerdote, mas Aquele que lhe disse: Tu és Meu Filho, hoje te gerei.

“Como também diz noutro lugar, Tu és Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.” *Hebreus* 5:1-6.

No reino de Deus não há lugares para aqueles que se designam para qualquer posição. O pecado original envolveu a atribuição de Lúcifer a uma posição para a qual Deus nunca o havia designado e, quando o fez, a tragédia começou a desenrolar-se.

O facto de homens com a melhor das intenções e o maior zelo abnegado trabalharem na mais digna de todas as causas — a construção do reino de Deus — não santifica por um momento esse trabalho. Os obreiros enviados por si mesmos sempre serão uma maldição para a missão de Deus e Seu povo.

A qualificação para um lugar divinamente designado entre os membros da ordem de Melquisedeque, passa pela rendição total à vontade divina, porque:

“Ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão.” *Hebreus* 5:1-6.

“E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” *1 Coríntios* 12:28.

Este é um vasto assunto que é consideravelmente bem tratado em *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F. T. Wright. De modo que, em vez de repetir aqui a informação já contida ali, passaremos ao ponto seguinte.

Que vasto campo de estudo é aberto às nossas mentes na leitura da próxima especificação.

“O qual, nos dias da Sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia.

“Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.” *Hebreus* 5:7, 8.

Aqui, Paulo está evidentemente, a falar de Cristo, o grande antítipo da ordem do Sumo-sacerdote, mas, deve ser recordado que aquilo que é verdade quanto ao antítipo, é também verdade acerca do tipo bem como de todo o membro da ordem.

Nesses versículos, é retratado Cristo encarando a morte, um trauma que Ele enfrentou mais ou menos todos os dias da Sua vida terrena, enquanto Satanás fazia o máximo para O destruir, mas nunca com tanta luta e agonia como experimentou no Getsémani. Ali, Ele enfrentou o mais desesperado conflito com os poderes das trevas, quando os pecados do mundo inteiro, ao longo de toda a sua história, foram depositados sobre ele.

“A ira que teria caído sobre o homem, estava agora caindo sobre Cristo.” *The Signs of the Times*, 14 de Agosto de 1879.

Na melhor das hipóteses, podemos apenas conhecer vagamente a experiência do incrível horror produzido quando a ira de Deus cai sobre o homem. Como aprendemos no estudo do amável carácter de Deus, a ira de Deus não é Deus em estado de fúria pessoal. Isto não pode ser, pois Jeová nunca muda, mas é o mesmo ontem, hoje e eternamente. O que muda são as poderosas forças que nosso amoroso Pai celestial investiu na Terra para nosso benefício e bênção.

Enquanto os Seus filhos obedecem à lei e vivem em rectidão, o Todo-Poderoso permanece em perfeito controlo da natureza, que por sua vez é tão pacífica quanto um lago calmo ou uma brisa suave de Verão. Mas, se os homens se dedicarem à maldade como frequentemente fazem, o Onnipotente deixa o Seu controlo orientador da natureza, que então colapsa entrando num estado de fúria descontrolada tal como tantas vezes testemunhamos em tempestades, terremotos, erupções vulcânicas, inundações, e assim por diante.

Essas impressionantes manifestações da natureza, quando libertadas, geram terror absoluto nos que são ameaçados de destruição, pois vêem-se incapazes de evitar a todo-poderosa inundação de forças aniquiladoras prestes a esmagá-los.

Mas essa não é a manifestação da ira de Deus mais temida, aquela que mais se aproximou de esmagar a vida de Jesus no Jardim do Getsémani, e de facto O matou no dia seguinte na cruz.

No jardim, naquela noite, não houve tempestades destruindo as árvores e lançando ramos pesados no ar. Não havia vulcões em erupção, terremotos, inundações, conflitos ou qualquer outra coisa que causasse terror no coração dos homens. Em vez disso, os discípulos conseguiram dormir em paz apenas a uma curta distância de onde a ira de Deus estava destruindo o Filho de Deus.

Além disso, Jesus havia demonstrado que a mais terrível das tempestades no lago não Lhe tinha causado terror algum, nem a perspectiva de ser arremessado de um penhasco por fanáticos religiosos enfurecidos ou de ser atingido por homens possuídos por demónios. Ele provou ser o Mestre em todas essas situações, mas, no Jardim do Getsémani, a situação era muito diferente.

A ira de Deus que o Salvador enfrentou no lago tempestuoso e na presença ameaçadora da vida de homens sob o controlo de Satanás, era apenas o efeito do pecado. No entanto, no Horto, o próprio pecado foi colocado sobre Ele.

Enquanto o anterior provoca terror, o último produz o horror que é a última forma da ira de Deus. No Getsémani ela lançou Jesus num estado de angústia mental que nenhuma linguagem pode descrever e apenas pode ser conhecido pela experiência.

É aquilo que será conhecido por todo aquele que rejeita a misericórdia de Deus, quando, no fim do julgamento final, forem deixados a colherem as consequências daquilo que semearam.

Então, todo o horror do pecado se torna conhecido deles, a dor da fúria do holocausto que os consome será para eles como nada.

No Jardim, “não foi do sofrimento corporal que o Filho de Deus recuou, e que foram arrancadas dos Seus lábios na presença dos Seus discípulos estas desoladas palavras: ‘A Minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui,’ disse Ele, ‘e velai comigo.’ Ele estava curvado sobre a terra com angústia mental, e em agonia orou ao Seu Pai Celestial. Ele sentiu a iniquidade do pecado, e a ira de Deus contra os violadores de Sua santa lei.” *The Signs of the Times*, 14 de Agosto de 1879.

Considerai as palavras, “Ele estava curvado sobre a terra com angústia mental”. Cristo era um homem forte, física, mental e espiritualmente, de modo que foi preciso tremenda ansiedade para “O curvar até à terra”. Tão grande era a força envolvida, que o próprio Filho de Deus estava surpreendido.

“Cristo estava surpreendido com o horror da treva que O envolvia.... O Divino Sofredor estremeceu com assombro perante este misterioso e terrível conflito.” *The Signs of the Times*, 14 de Agosto de 1879.

Esse tremendo conflito era tão terrível que literalmente fez brotar um suor de sangue pelos poros da Sua pele. Foi um horror para além de descrição que O privou de qualquer sentido do amor e presença do Seu Pai. Ele foi rodeado com impenetráveis trevas das quais não encontrava saída senão abandonar o homem à sua horrível sorte. A tentação para o fazer foi mais poderosa especialmente quando em desespero a necessitar de conforto e apoio humano, regressou para junto dos Seus discípulos escolhidos apenas para os encontrar dormindo.

“Os discípulos despertaram do seu sono para encontrar o seu Mestre em pé junto deles num estado de angústia mental e física tal como nunca tinham testemunhado anteriormente. Eles viram a dor e a agonia da Sua face pálida, e o suor de sangue sobre a Sua testa, porque ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens’. Os discípulos ficaram desolados por terem adormecido, de modo que não puderam orar e compartilhar os sofrimentos do seu Senhor. Eles ficaram mudos com tristeza e surpresa.

“O sofredor Filho de Deus deixou os Seus discípulos, pois o poder das trevas apertava sobre Ele com uma irresistível força que O curva até ao chão. Ele ora como anteriormente, e derrama o peso da Sua alma com forte clamor e lágrimas. A Sua alma estava oprimida com tal agonia como a que nenhum ser humano podia suportar e viver. Os pecados do mundo estavam sobre Ele. Ele sentiu que estava separado do amor de Seu Pai; pois sobre Ele repousava a maldição por causa do pecado.” *The Signs of the Times*, 14 de Agosto de 1879.

Foi por causa d’Ele ter orado com clamor e lágrimas agonizantes, que alcançou a vitória sobre o pecado e a morte eterna, e assim Se qualificou para ser Sumo-sacerdote de Melquisedeque. Conhecendo pela experiência pessoal aquilo que significa ser deixado no desamparo total do poder do pecado e da morte e sabendo qual o custo para obter a completa libertação do profundo, horrível charco, pode Ele por sua vez, “também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus.” *Hebreus 7:25*.

Da mesma maneira, todos aqueles que serão membros dessa ordem sagrada devem saber o que significa estar naquele poço e como escapar dele, agarrando-se à oração incessante da fé para com Ele.

“... Ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia”. *Hebreus 5:7*.

É mais uma vez claro e certo que, em nenhum momento, incluindo os dias de Abraão, a quem Melquisedeque apareceu, o Espírito Santo teve que orar pela salvação da morte.

Portanto, o Espírito Santo nunca poderia ter sido o Melquisedeque que apareceu a Abraão como alguns acreditavam.

Nenhuma quantidade de estudo com espírito de oração e iluminado pode esgotar a luz que brilha no Getsémani. O que apresentamos aqui é apenas a mais simples introdução ao tema, e é altamente recomendável que cada crente faça um estudo profundo do que aconteceu no Getsémani naquela noite fatídica.

Aprendendo a Obediência Através do Sofrimento

Entretanto, nós avançamos para as últimas especificações dos reis e sacerdotes de Melquisedeque descritas em *Hebreus* 5. Ei-las:

“Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu, e, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem.” *Hebreus* 5:8, 9.

Uma coisa é obedecer à santa lei de Deus no puro ambiente do Céu enquanto no perfeito e poderoso gozo de saúde física, mental e espiritual. Sob estas condições, a obediência é alcançada sem sofrimento, mas nunca pode ter a qualidade da obediência que é mantida sob as piores condições possíveis.

A incessante obediência apresentada por Cristo para O qualificar para o sacerdócio eterno, foi amarga e resolutamente contestada em todos os passos por todas as forças apostatadas das trevas, tanto dos homens como do demônio. Estes tornaram a fiel obediência às divinas leis tão difícil quanto possível, fazendo sempre parecer que desobediência é libertação das leis que são autoritárias, limitadoras e escravizadoras.

Obedecer nestas condições é realmente aprender a obediência através do sofrimento por causa da justiça. Desde a queda de Adão e Eva, todas as pessoas que aspiram a um lugar no Paraíso tem que aprender a obedecer apesar:

- Da perseguição dos inimigos da verdade;
- Das pressões dos amados e amigos;
- Do aterrador testemunho da vista e circunstâncias;
- Da ameaça da perda de todo o apoio material;
- Da traição, etc.

A história do patriarca Jó é, por exemplo, uma excelente ilustração daquele que aprendeu a obediência através das coisas que sofreu.

Considerai também a dor sofrida por Abraão quando foi chamado a obedecer à ordem de Deus para sacrificar o precioso filho, Isaque.

Por essa obediência estes homens chegaram à compreensão do amor de Deus, a estrutura do Seu reino, a justiça da Sua santa lei, a justiça dos Seus requisitos e a perfeição do plano da salvação. Tudo isto serviu para os tornar perfeitos e assim qualificá-los para serem os autores da salvação.

É apenas num certo sentido que os remidos se tornam os autores da “eterna salvação para todos os que Lhe obedecem”. A plenitude da autoria pertence a Jesus Cristo que é o único que podia dar a Sua imaculada vida *por nós e a nós*.

Num sentido muito mais limitado, cada alma remida é autora da salvação naquilo que, como explicado antes, contribuirá com grandes verdades aprendidas através das experiências que apenas os homens caídos podem conhecer, que servirão para salvar os seres sem pecado de caírem em pecado. Através deles, Deus dará uma salvaguarda contra o mal que não foi capaz de dar antes da rebelião se desenvolver no início. Neste sentido, os reis e sacerdotes de Melquisedeque serão autores da eterna salvação de qualquer rebelião posterior, para sempre.

Na finalização deste capítulo, façamos uma lista das especificações identificadoras de um Rei-sacerdote de Melquisedeque. Elas são:

1. Ele deve ser tirado dentre os homens, para benefício dos homens;
2. Ele deve estar rodeado de fraqueza de modo que tenha compaixão dos fracos e compreender completamente as suas necessidades;
3. Ele deve fazer oferta tanto pelos seus pecados como pelos do povo;
4. Ele deve ser chamado para esta posição por Deus;
5. Ele deve ter experimentado a libertação da morte;
6. Ele deve ter aprendido a obediência através do sofrimento;
7. Ele deve tornar-se o autor da salvação de todos aqueles que Lhe obedecessem.

É óbvio que o Espírito Santo nunca satisfaz estes requisitos e deste modo nunca podia ser o Melquisedeque nos dias de Abraão. Semelhantemente, nessa altura, nem Cristo podia ser.

Quem então podia ser o rei-sacerdote a quem Abraão pagou os seus dízimos? A sua identidade será revelada no capítulo seguinte.

8. A Identidade de Melquisedeque

Tendo estabelecido as sete principais especificações que deverão ser satisfeitas por aqueles que se tornarão sacerdotes e reis, Paulo, na sua maneira bondosa mas directa, advertiu os Hebreus do seu tempo que eles deviam estar muito mais avançados do que estavam na sua capacidade para compreender as coisas espirituais. Ele tinha muito para lhes ensinar acerca de Melquisedeque, mas a apatia do seu ouvido impediu-os de receberem grande luz do Céu.

Ele escreveu para eles: “Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento.

“Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino.

“Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.” *Hebreus* 5:12-14.

Quem da geração actual pode sequer imaginar o que Paulo sabia acerca deste grande homem, o qual temos a alegria de conhecer hoje. Sem dúvida que era muito mais do que aquilo que ele era capaz de lhes comunicar na sua carta, que é conhecida por nós como *A Epístola aos Hebreus*. É um pensamento solene que o seu fracasso em manter o passo com o avanço das revelações de Deus, não apenas lhes roubou grande luz, como também privou futuras gerações, incluindo a actual, das verdades essenciais para a finalização da obra.

Isto deve impressionar-nos com o conhecimento da nossa solene responsabilidade de manter o passo com a luz, a menos que a nossa negligência em ouvir seja o meio para nos privar a nós próprios e a outros, da verdade essencial para a preparação para o conflito que se aproxima e de um lugar no reino.

Ao mesmo tempo, devemos ser encorajados com o pensamento que, embora nem tudo o que podia ser manifestado foi revelado naquela altura, uma grande revelação da posição e obra de Melquisedeque foi registado apesar do baixo nível da experiência dos hebreus. Assim aconteceu que, depois de expressar o seu lamento por tão pouco poder ser revelado naquela altura, Paulo regressa no capítulo sete à apresentação de mais informação acerca deste grande rei-sacerdote.

“Porque este Melquisedeque, que era rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, e que saiu ao encontro de Abraão quando ele regressava da matança dos reis, e o abençoou;

“A quem também Abraão deu o dízimo de tudo, e primeiramente é, por interpretação, ‘rei de justiça’, e depois também rei de Salém, que é ‘rei de paz’;

“Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.

“Considerai pois quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos.

“E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que tenham saído dos lombos de Abraão.

“Mas aquele cuja genealogia não é contada entre eles tomou dízimos de Abraão, e abençoou o que tinha as promessas.

“Ora sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior.

“E aqui certamente tomam dízimos homens que morrem: ali, porém, aquele de quem se testifica que vive.

“E, para assim dizer, por meio de Abraão até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos.

“Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro.

“De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Aarão?

“Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei.

“Porque aquele de quem estas coisas se dizem pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu no altar.

“Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, e concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio.

“E muito mais manifesto é ainda se à semelhança de Melquisedeque se levantar outro sacerdote,

“Que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível.

“Porque d’Ele assim se testifica: ‘Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.’

“Porque o precedente mandamento é abrogado por causa da sua fraqueza e inutilidade.

“(Pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou) e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual chegamos a Deus.

“E visto como não é sem prestar juramento (porque certamente aqueles, sem juramento, foram feitos sacerdotes,

“Mas este com juramento por aquele que lhe disse: ‘Jurou o Senhor, e não se arrependerá: “Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque”),

“De tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador,

“E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer,

“Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo.

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus;

“Que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo.

“Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre.” *Hebreus 7:1-28*.

Na primeira parte do capítulo, Paulo centra a nossa atenção no Melquisedeque que viveu na Terra nos dias de Abraão, enquanto a última parte do capítulo trata com Melquisedeque, o antítipo. Não há o mais pequeno problema na identificação sobre quem é o grande antítipo, pois não pode ser outro senão Jesus Cristo. Mas a identificação específica do Melquisedeque a quem Abraão pagou o seu dízimo é algo mais difícil embora não seja impossível. De facto, uma vez identificado, maravilhar-nos-emos da simplicidade e clareza da solução.

Quem É Ele?

Assim quem é este homem que não tinha pai nem mãe, sem genealogia ou descendência, sem princípio de dias, e não tinha fim de vida? Pareceria que não podia existir um homem assim e continuar a ser homem. Há evidentemente alguns que podiam satisfazer parte das especificações, tal como Adão que não tinha pai nem mãe, e sem genealogia, porque ele era um ser criado, e directamente feito pelas mãos do Criador. Mas Adão certamente tinha um começo, e a sua vida chegou a um fim. Por isso, em virtude do Melquisedeque que estamos a procurar ter que satisfazer todas as especificações, Adão não podia qualificar-se, pois ele apenas podia satisfazer algumas mas não todas.

Há a sugestão que Sem, o filho justo de Noé, foi Melquisedeque, mas, embora seja verdade que ele estava vivo no tempo de Abraão, não pode satisfazer as outras especificações.

- Ele tinha um pai, Noé, e uma mãe;
- Tinha genealogia que se estendia até Adão;
- Tinha um princípio, pois nasceu no ano 1558 depois da criação;
- Teve um fim de vida, tendo morrido no ano 2158 depois da criação. Abraão viveu depois de Sem morrer apenas 25 anos.

Elias, sendo trasladado, satisfaz a especificação chamada por uma vida sem fim, mas ele viveu muito tempo depois de Abraão, assim não podia ter sido o grande rei-sacerdote que se encontrou com Abraão e o abençoou.

Elias, sendo trasladado, estava de acordo com a especificação que exige um vida sem fim, mas ele viveu muito tempo depois de Abraão, assim não podia ter sido o grande rei-sacerdote que se encontrou com Abraão.

Voltemo-nos agora para uma positiva determinação de quem foi este maravilhoso homem. Nesta fase, como um fundamento para o que deve seguir-se, estabeleçamo-nos no facto que ele foi na verdade um homem, mesmo apesar de parecer uma impossibilidade. Paulo escreveu: “Considerai pois quão grande era *este*.” *Hebreus* 7:4. Esta, tal como vimos de *Hebreus* 5:1, é a primeira das sete especificações que deve ser satisfeita por todo aquele que aspira a ser um sacerdote e rei segundo a ordem de Melquisedeque. Ele tinha que ser um homem.

Uma ajuda muito grande para se chegar ao verdadeiro conhecimento de quem ele era é fornecida na comparação feita por Paulo entre os dois sacerdócios — o de Melquisedeque e o de Levi. Desta comparação, a ordem de Melquisedeque aparece como a superior das duas.

Abraão, em cujos lombos repousavam o Levi ainda não nascido, pagou seus dízimos a Melquisedeque, o que significava que Levi em Abraão pagou seus dízimos a Melquisedeque, embora os próprios levitas quando chegasse a hora deles recebessem dízimos de seus irmãos.

Além disso, Melquisedeque abençoou Abraão e portanto Levi em Abraão. O facto que “para lá de toda a contradição o menor foi abençoado pelo maior”, colocando Melquisedeque como o sacerdócio superior e Levi como o inferior mesmo apesar do último realizar um ministério maravilhoso.

Mas, o ponto mais importante da comparação para o propósito da nossa identificação aqui é esta:

“E aqui certamente tomam dízimos homens que morrem: ali, porém, aquele de quem se testifica que vive.” *Hebreus* 7:8.

Os “homens que morrem” que recebem dízimos são os membros da ordem levítica, tão diferentes dos homens imortais que são membros da ordem de Melquisedeque. O sacerdote e rei que se encontrou com Abraão “não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre,... segundo a virtude da vida incorruptível.” *Hebreus* 7:3, 16.

Portanto, o Melquisedeque que abençoou Abraão, nunca morreu e ainda está vivo mesmo agora. Ele também estava vivo nos dias de Paulo como é confirmado pelo Espírito Santo falando através do inspirado apóstolo nestas palavras: “de quem se testifica que vive.” *Hebreus* 7:8. Com confiança e autoridade, Paulo declara que, no seu tempo, o Melquisedeque que abençoou Abraão ainda estava vivo. Hoje, podemos dizer como Paulo: “de quem se testifica que vive.”

Abraão viveu cerca de dois mil anos antes de Cristo e nós estamos perto do segundo milénio depois do primeiro advento do Salvador, o que significa que Melquisedeque tem pelo menos quatro mil anos de idade. Mas onde está ele?

Se ele estivesse nesta Terra, um homem tão extraordinário não podia passar sem ser notado, nem ele tentaria esconder-se do povo de Deus, mas reunir-se-ia com ele como fez Abraão nos seus dias.

Recordai, ele era um sacerdote do Deus Altíssimo, um facto que o limitava ao ministério contínuo. Não havia possibilidade de ele se esconder do povo de Deus, pois não o podia fazer e continuar a ser um verdadeiro sacerdote e rei enviado por Deus, para estar apenas e unicamente envolvido num ministério de amor.

Então, é claro que hoje, embora ainda vivo, o Melquisedeque que se encontrou com Abraão certamente não está nesta Terra. Ele partiu deste planeta para lugares no Universo de Deus desconhecido para nós, assim como para o próprio Céu. Isto só pode significar que, como Elias, ele foi trasladado desta Terra sem ver a morte.

É uma experiência tão rara para um ser humano ser trasladado da Terra para o Céu sem ver a morte, que, até agora, houve apenas dois homens que foram abençoados com isso – a saber, Enoque e Elias. Este facto é confirmado na declaração a seguir, que trata da aparição de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração:

“Os discípulos, despertando, contemplam a inundação de glória que ilumina o monte. Com temor e espanto, fitam a radiosa figura do Mestre. Ao poderem resistir à assombrosa luz, vêem que Cristo não Se encontra só. Ao Seu lado acham-se dois seres celestiais, entretidos em íntima conversa com Ele. São Moisés, que falara com Deus sobre o Sinai; e Elias, a quem foi concedido o alto privilégio — outorgado unicamente a mais outro dos filhos de Adão — de não passar sob o poder da morte.” {DTN 297}, *O Desejado de Todas as Nações*, 407, 408.

O testemunho reconhece que o alto privilégio da transladação dado a Elias foi concedido apenas a outra pessoa. A pessoa referida não pode ser outra senão Enoque, porque, sem dúvida, Enoque foi trasladado tão seguramente como Elias.

“Pela fé Enoque ‘foi trasladado para não ver a morte,... visto como antes da sua transladação alcançou testemunho de que agradara a Deus’ *Hebreus* 11:5. Em meio de um mundo condenado à destruição por sua iniquidade, viveu Enoque uma vida de tão íntima comunhão com Deus que não lhe foi permitido cair sob o poder da morte.” {PP 53}, *Patriarcas e Profetas*, 85.

Agora temos outro daqueles aparentes problemas, porque, enquanto a Bíblia revela que Melquisedeque foi trasladado tal como Enoque e Elias, o Espírito de Profecia limita-nos a duas pessoas que nunca passaram pelo poder da morte.

Isto não significa que a irmã White foi privada de informação acerca de Melquisedeque que a levasse a crer que houve apenas duas transladações quando devia haver três? Notai que ela não diz apenas que Enoque e Elias foram trasladados, mas que eles foram os *únicos* dois assim abençoados. Tão positivo foi o seu testemunho para este efeito que se, tal como parece ser, havia três que foram trasladados, então ela devia ser acusada de ensinar o erro.

Mas ela não espalhou erro acerca deste ou outro assunto. De facto, ela escreveu sob a inspiração do mesmo Espírito Santo que inspirou Paulo e o levou a escrever o que ele escreveu.

Portanto, apenas pode haver perfeito acordo entre Paulo e a irmã White, tal como será sempre visto quando ambos forem correctamente compreendidos.

Deste modo, começamos por aceitar o facto testemunhado em *O Desejado de Todas as Nações*, que apenas dois foram trasladados — isto é, Enoque e Elias.

Sendo isto verdade, como seguramente é, então Melquisedeque deve ser Enoque ou Elias. Obviamente, ele não podia ter sido Elias, porque nem sequer tinha nascido quando Melquisedeque abençoou Abraão. Portanto, ele apenas podia ter sido Enoque que ainda estava vivo nos dias de Paulo, não nesta Terra, mas no Céu.

Sem Pai e Sem Mãe

Neste ponto, podia ser argumentado que, embora Enoque tivesse o poder de uma vida sem fim nos dias de Abraão, tinha com certeza um pai e uma mãe e portanto tinha uma genealogia que se estendia no passado até Adão. Estas coisas sendo assim, podia ser argumentado que Enoque não satisfaz as especificações requeridas para ser Melquisedeque.

Argumentar desta maneira é passar por alto as diferenças entre Enoque enquanto Enoque e Enoque quando Melquisedeque, porque, depois de vistas e compreendidas aquelas diferenças, todas as dificuldades desaparecerão. Serão então claramente visto que Enoque era Melquisedeque, depois de ter sido trasladado. Saliente-se que Melquisedeque não apareceu na Terra senão quando Enoque foi trasladado.

Desde o seu nascimento até à trasladação, Enoque não foi Melquisedeque. Durante esse tempo, ele tinha um pai e uma mãe, uma descendência que tinha setenta gerações desde Adão e Eva, e tinha um princípio de dias. Não tendo sido ainda abençoado com carne imortal, esperou pelo fim dos seus dias como qualquer outro.

Todavia, no momento da sua trasladação, grandes mudanças tiveram lugar em Enoque, tal como as que terão lugar nos santos quando ressuscitarem na manhã da ressurreição e forem transportados para o Céu com os cento e quarenta e quatro mil. Estas mudanças completam as suas qualificações para se tornarem Melquisedeque.

Consideraremos primeiramente aquilo que aconteceu ao corpo de carne e sangue mortal, corruptível, pecaminoso que Enoque recebeu de seu pai, Jared e sua mãe. Esse nunca pode ser levado para o Céu, mesmo apesar de necessitarmos de corpos de carne e sangue no Éden restaurado. O Espírito Santo através do inspirado profeta, Paulo, declarou que os corpos humanos de carne e sangue nunca alcançarão o Céu nem a Nova Terra:

“E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.

“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

“Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

“E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.

“Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” *1 Coríntios* 15:50-55.

“Vimos pelos textos citados, que, quando o Filho do homem vier, os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e os vivos serão transformados. Por esta grande mudança ficam preparados para receberem o reino; pois Paulo diz: ‘E agora digo isto, irmãos: que a carne e o

sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.’ 1 Coríntios 15:50.

“O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição actual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros.” *O Grande Conflito*, 321, 322.

Mas quando Jesus vier, Ele confere a imortalidade ao Seu povo; e depois chama-os para herdarem o reino do qual até agora eram apenas herdeiros.

Vendo que apenas uma humanidade imortal e incorruptível pode entrar no Céu, torna-se necessário que toda a pessoa que dedicou o seu coração a ocupar o seu lugar designado no reino restaurado, adquira esse tipo de carne e sangue de uma Fonte celestial. Certamente não é transmitido por mães e pais que só podem transmitir aos seus filhos o que eles próprios têm – humanidade mortal e corruptível, do tipo que não pode ir para o Céu, nem mesmo em qualquer estado modificado ou melhorado.

É preciso salientar que nenhum aperfeiçoamento modificado de qualquer coisa que o pecado tenha tocado será concedido um lugar no Céu.

“A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e uma vida toda nova.” {DTN 111}, *O Desejado de Todas as Nações*, 152.

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” *2 Coríntios* 5:17.

“Porque, eis que Eu crio Céus novos e nova Terra; e não haverá lembrança das cousas passadas, nem mais se recordarão.” *Isaías* 65:17.

Assim o Senhor declara que Ele não está determinado a reconstruir o antigo, mas está decidido a dar-nos “um novo céu e uma nova terra”, e um novo corpo e um novo espírito. Um momento de reflexão sobre estas declarações do Altíssimo rapidamente mostrará quão certamente a “vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza.”

Quando o Criador deu existência aos Seus dons de amor para a família humana, Ele primeiramente criou um maravilhoso lar chamado “o Planeta Terra”. Do pó da terra, moldou um imortal, incorruptível corpo humano, no qual soprou uma força de vida espiritual sem pecado.

Quando o pecado entrou nas vidas de Adão e Eva, a família humana foi confrontada com uma destruição total destes três dons. Se Cristo não tivesse agido a fim de dar à família humana um tempo de prova para que pudesse ser remida, esta destruição teria sido instantânea, permanente e total. O cumprimento destas palavras: “no dia em que dela comeres certamente morrerás.” *Gênesis* 2:17, teria sido cumprido de imediato.

Mas, “No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás, e fez exactamente as coisas que Deus disse que não fizesse, Cristo, o Filho de Deus, colocou-Se entre a vida e a morte, dizendo, ‘Que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei no lugar do homem. Ele terá uma outra oportunidade.’” *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1085.

Por causa da incrível intervenção de Cristo, o homem não perdeu o que possuía nesse instante.

1. A natureza espiritual foi a primeira a ser perdida, porque foi perdida no momento em que o pecado entrou.
2. Em seguida a perda do corpo de carne e sangue quando a morte o vencesse.
3. Por último virá a destruição da Terra que era tão incrivelmente bela ao sair das mãos do Criador. Este desaparecimento dos dons originais de Deus para o homem

acontecerá no holocausto que totalmente consumirá tudo o que existe na Terra no final do milénio.

Através da eficácia do plano da redenção, estes dons serão de novo restaurados para o homem na ordem inversa em que eles foram dados:

1. A natureza espiritual no renascimento;
2. A imortal, incorruptível natureza humana na ressurreição dos justos; e
3. A Nova Terra no final do milénio.

Vejam agora que, a respeito de cada um destes três dons, há total eliminação de tudo o que o pecado tocou, e a substituição de tudo com uma nova criação. Nada do antigo será mantido. Pelo contrário, apenas aquilo que é novo ficará ali.

O lugar mais fácil para ver isto é a respeito da recriação da Terra depois dos ímpios chegarem ao seu escolhido e último fim. Quando isto foi mostrado a João na visão profética, ele exclamou: “E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e primeira terra passaram, e o mar já não existe.” *Apocalipse 21:1*.

Não temos dificuldade em compreender que o antigo Céu e a antiga Terra serão completamente destruídos, que nada será deixado para modificar ou melhorar. Os fogos que realizarão isto farão a Terra regressar ao estado em que era sem forma e vazia como era no início do primeiro dia da criação. A única forma de a tornar habitável será repetir a mesma obra criadora que ocupou os primeiros seis dias da história da Terra.

Na restauração da vida espiritual no renascimento, os mesmos procedimentos são repetidos. A natureza má é substituída por uma criação completamente nova. “As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” *2 Coríntios 5:17*.

Não pode ser de outra maneira senão uma troca da mortal, corruptível carne e sangue pela imortal, incorruptível carne e sangue. O antigo deve morrer e ser completamente substituído.

Isto significa que todo aquele que for levado para o Céu irá para ali sem qualquer coisa do corpo de carne e sangue adquirido de uma mãe ou de um pai, mas com um corpo que lhes é dado num momento pela directa obra criadora de Deus. Acerca dos remidos será verdadeiramente dito nessa altura que não terão pai nem mãe.

Foi assim que Enoque como Enoque tinha um pai e uma mãe, Enoque, como Melquisedeque, certamente não tem pai nem mãe, pois, no instante em que foi trasladado, perdeu aquilo que os pais lhe tinham dado e recebeu um corpo de carne e sangue criado de novo em seu lugar.

Isto também é verdadeiro quanto à nova vida espiritual do crente, da qual apenas Deus é o Pai. Nenhum pai humano pode afirmar que seja a fonte da nova criação em qualquer crente renascido.

Todavia, apesar da perda daquilo que veio dos pais terrestres, os laços familiares e outras ligações emocionais legítimas desenvolvidas aqui serão mantidas no Céu. Na grande manhã da ressurreição, por exemplo, “Criancinhas são levadas pelos santos anjos aos braços de suas mães. Amigos há muito separados pela morte, reúnem-se, para nunca mais se separarem, e com cânticos de alegria ascendem juntamente para a cidade de Deus”. *O Grande Conflito*, 643.

Assim, num sentido limitado, os remidos terão ainda pai, mãe, laços familiares e amigos, que, estabelecidos aqui, continuarão por toda a eternidade.

Sem Descendência

O ponto que a seguir tomaremos na identificação de Melquisedeque como o imortal Enoque é o testemunho de que ele era “sem genealogia” ou ascendência.

Uma vez mais, Enoque como Enoque certamente teve uma genealogia que não era segredo para ele ou para nós. Ela estendia-se até Adão, que recebeu a sua vida directamente de Deus,

através de Sete, Enos, Quenã, Maalalel e Jaredé, até ele próprio, Enoque. As forças vivas foram passando numa linha de descendência de pai para filho.

Mas este sistema não é usado por Deus para dar a cada um dos Seus remidos a carne e sangue imortal que é a única que possui a preparação para entrar no Céu e habitar ali. Todo aquele que recebe essa preciosa, incorruptível imortalidade, não a receberá através de uma longa linha de progenitores, mas directa, pessoal e individualmente por Deus através de Jesus Cristo.

Assim foi com Enoque. Quando ele foi trasladado para o Céu, certamente deixou tudo o que anteriormente veio por descendência. Como Melquisedeque, ele era sem genealogia terrestre.

Sem Princípio de Dias Nem Fim de Vida

Também é dito dele que não tinha “princípio de dias nem fim de vida”. *Hebreus 7:3*.

Levanta-se agora a questão como podia isto ser verdade acerca de Enoque como Melquisedeque? Seguramente, apenas Deus é sem princípio!

Isto é verdade, pois apenas a Divindade é tão eterna no passado como é no futuro. O que deve ser compreendido é que quando os recebedores da salvação recebem Cristo neles, eles tornam-se verdadeiramente participantes dessa vida que não tem princípio nem fim. Esta é uma maravilhosa e poderosa verdade que necessita de ser claramente conhecida no poder da experiência pessoal de todos os filhos de Deus. Reconhecendo esta necessidade, Jesus procurou ensiná-la aos judeus dos Seus dias nessa maravilhosa mensagem que lhes proclamou no dia a seguir em que os cinco mil foram alimentados. Ele disse-lhes:

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna.” *João 6:47*.

Através do apóstolo João, a mesma verdade foi mais tarde reiterada com ênfase:

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho.”

1 João 5:11.

Nestas duas Escrituras, é declarado claramente o pensamento que o crente filho de Deus já possui a vida eterna. Não é algo que lhe será dado quando Cristo regressar, é sua agora.

Isto não é ensinar a doutrina da carne santa, porque, tal como foi claramente afirmado anteriormente neste capítulo, todos nós estamos revestidos de carne e sangue mortal, corruptível, impura, que não pode viver eternamente. Pelo contrário, é a pura vida de Cristo que no tabernáculo carnal do crente que é eterna.

Não pode ser outra coisa, porque é Cristo habitando no crente pela implantação da Sua semente. Por este meio a Sua verdadeira, imortal, incorruptível, perfeita e eterna vida é reproduzida no crente. Deste modo há imortalidade residente na mortalidade, perfeição na imperfeição, justiça na injustiça, e vida eterna na vida temporária. É Cristo em vós; a esperança da glória.

Temos a tendência para pensar na vida eterna como algo que se prolonga interminavelmente no futuro, mas esta é uma visão limitada. Vida eterna é uma vida sem começo no passado como interminável no futuro. Portanto, quando é com segurança afirmado que o cristão “tem vida eterna” em si, significa que ele tem vida que não tem princípio nem fim.

Isto não significa que o crente como entidade pessoal não tem princípio, pois isso nunca podia ser verdade. Enoque certamente teve um princípio quando foi concebido. Era a vida eterna de Cristo implantada nele no momento em que foi renascido, que não tinha princípio nem fim. Mesmo assim chegou o momento em que essa vida eterna começou a residir nele, isto não fez alteração ao facto que essa vida não tinha princípio nem fim.

Deve ser evidente por esta altura que as Escrituras que temos estado a analisar, não estão meramente a apontar para a nossa vida no Paraíso para sempre de um ponto de partida futuro, nomeadamente, o segundo advento de Cristo. Pelo contrário, estamos a verificar que elas falam

de uma força de vida que, sendo a própria vida de Cristo, é em si mesma eterna na eternidade do passado e na eternidade futura. É quando essa entidade viva está implantada no crente que ele tem a vida eterna como uma propriedade pessoal.

No princípio, Deus deu a Adão e Eva vida imortal com o poder para transmitir esta vida à sua posteridade através do processo reprodutor. A sua vida nessa altura não era a própria vida de Deus neles, mas a vida de um ser criado diferente da possuída por um filho de Deus gerado.

Quando eles pecaram, perderam a sua imortalidade, a partir de então a sua desesperada necessidade era mais do que perdão. Eles precisavam de outra vida imortal que substituísse aquela que perderam, porque um homem morto perdoado não é melhor do que um homem morto não perdoado. A vida que eles necessitavam não se encontraria em Adão, porque ele, tendo perdido a única vida que lhe tinha sido dada como pai da raça humana, não tinha vida para dar. Alguém tinha que tomar o seu lugar como dador da vida e produtor de semente. A única Pessoa capaz era Cristo que tinha vida em Si mesmo que podia ser transmitida pela implantação da Sua semente naqueles que estivessem dispostos a recebê-la.

Naturalmente, a vida dada pelo segundo Adão é muito superior à vida que o primeiro Adão tinha, porque ela coloca os recebedores dessa vida muito acima dos anjos que nunca tinham pecado, onde serão reis e sacerdotes como co-herdeiros com Jesus Cristo para todo o sempre.⁶

Nós precisamos compreender que apenas aqueles que não têm princípio de vida em si ressurgirão na ressurreição dos justos.

“Cristo tornou-Se uma mesma carne connosco, a fim de nos podermos tornar um espírito com Ele. É em virtude dessa união que havemos de ressurgir do sepulcro — não somente como manifestação do poder de Cristo, mas porque, mediante a fé, Sua vida se tornou nossa. Os que vêem a Cristo em Seu verdadeiro carácter e O recebem no coração, têm vida eterna. É por meio do Espírito que Cristo habita em nós; e o Espírito de Deus, recebido no coração pela fé, é o princípio da vida eterna.” {DTN 268}, *O Desejado de Todas as Nações*, 370.

Aqui reside um grande mistério ainda escondido ao nosso entendimento. Ele causou a Paulo a exclamação:

“Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados.” *1 Coríntios* 15:51.

Se, enquanto Ele desce na solene majestade, manifestasse simplesmente o Seu poder criador transformando cada um dos santos de acordo com a lista daqueles que passaram o juízo escrutinador, não haveria majestade envolvida. Mas, ressuscitar em resposta ao chamamento de Cristo pela virtude da vida eterna colocada neles quando foram renascidos, é na verdade um mistério. É visível que a ressurreição deles será uma cópia da Sua da qual está escrito:

“Quando foi ouvida no túmulo de Cristo a voz do poderoso anjo, dizendo: ‘Teu Pai Te chama’, o Salvador saiu do sepulcro pela vida que havia em Si mesmo.” {DTN 555}, *O Desejado de Todas as Nações*, 753.

Assim será com os justos na manhã da ressurreição como está escrito:

“Por entre as vacilações da Terra, o clarão do relâmpago e o ribombo do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Ele olha para a sepultura dos justos e, levantando as mãos para o céu, brada: ‘Despertai, despertai, despertai, vós que dormis no pó, e surgi!’ Por todo o comprimento e largura da Terra, os mortos ouvirão aquela voz, e os que ouvirem viverão.” *O Grande Conflito*, 642.

Obviamente, eles não ouvem a voz com os seus ouvidos físicos, pois terão sido reduzidos ao pó. Nem podemos nós ainda explicar em que sentido o chamamento do Dador da vida será ouvido, mas aceitamos pela fé a Palavra de Deus que nos diz ser em virtude da vida neles que não tem princípio nem fim.

⁶ Vede *Os Vivos e os Mortos*, pelo mesmo autor, para um mais completo tratamento destes pontos.

Assim, Enoque, quando se tornou Melquisedeque, cumpriu todas as especificações estabelecidas nas Escrituras: Ele era “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.” *Hebreus 7:3*.

Toda a palavra escrita na identificação de Melquisedeque será igualmente verdadeira a respeito de todo o remido que já foi ou será levado para o Céu. O ministério deste primeiro de todos os sacerdotes e reis é dado para revelar o incrivelmente elevado destino elevado que espera todos aqueles que serão salvos pelo sangue do Cordeiro.

É evidente que quando Enoque foi levado para o Céu, recebeu imediatamente um novo nome de família, Melquisedeque e começou a sua nobre obra como sacerdote do Altíssimo Deus, e rei de justiça e paz. No decorrer da sua obra, ele regressou a esta Terra por um específico período de tempo nos dias de Abraão para revelar, como somente ele podia fazer, o tipo de ministério que espera o povo de Deus nos séculos que ainda estão no futuro.

9. O Número de Melquisedeque

Antes de deixarmos o estudo das evidências que identificam exactamente quem era o Melquisedeque que se encontrou com Abraão e o abençoou, necessitamos considerar o notável simbolismo de certos números na Bíblia. Estou a referir-me em particular aos números 6, 7, 12, 13, e 666. A informação contida nestes números confirma para além de dúvida que Enoque, depois de trasladado, recebeu o seu especial, pessoal, novo nome — Melquisedeque.

Começaremos pelo estudo do número 666 de *Apocalipse* 13:11-18.

“E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão,

“E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe tinha permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

“E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

“E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas;

“Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.” *Apocalipse* 13:11-18.

Vendo que este misterioso número está no livro das coisas reveladas, podemos descansar no facto que o número 666 pode ser segura e correctamente interpretado. Assim é, mas não antes de esclarecer o disparate da falsa interpretação.

Comecemos por ver o que ele não é.

A interpretação comum toma o nome que o Papa de Roma deu a si próprio, isto é, Vicarius Filii Dei, que significa, “o Vigário do Filho de Deus” — e soma os valores numéricos a cada letra do nome em latim. Assim V=5, I=1, C=100, I=1, U=5, I=1, L=50, I=1, I=1, D=500, e I=1. A soma destes números é exactamente 666.

Tudo isto é tão próprio e conveniente que é tudo o que é necessário para satisfazer aqueles que falham em testar com profundidade a interpretação que parece estar tão obviamente correcta mas que, de facto, está totalmente errada.

Sabemos que o número é, 666, mas qual é a besta aqui referida, e qual é o seu nome?

Ela é a besta que se levanta depois da besta de *Apocalipse* 13:1-10. Esta besta anterior é o papado que obteve o poder em 538 d.C. e reinou durante 1260 anos, primeiramente com crescente, e em seguida decrescente autoridade, até a chaga mortal ser administrada em 1798.

Este poder é representado pela besta composta de um leopardo, um urso, e um leão como está escrito:

“E pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas e sobre as suas cabeças um nome de blasfémia.

“E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.” *Apocalipse* 13:1, 2.

Não somos deixados em dúvida quanto à besta ser o papado, porque ela é declarada assim no Espírito de Profecia:

“No capítulo 13 (vers. 1-10), descreve-se a besta ‘semelhante ao leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande poderio’. Este símbolo, como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano. Declara-se quanto à besta semelhante ao leopardo: ‘Foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfémias.... E abriu a sua boca em blasfémias contra Deus, para blasfemar do Seu nome, e do Seu tabernáculo, e dos que habitam no Céu.

“E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.’ Esta profecia, que é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado.” *O Grande Conflito*, 437.

Mas, apesar do facto de tantos terem ligado a cabeça do papado ao número 666, esta não é a besta da qual se declara o 666 ser “o número do seu [da besta] nome;” e “o número da besta”. Pelo contrário, é a besta que se segue à besta papal a que o número 666 está ligado.

Esta é a besta que tinha chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas que mais tarde fala como o dragão. Ela levanta-se *depois* da besta papal descrita em *Apocalipse* 13:1-10, e é referida como a imagem da besta. Ela é o instrumento que faz com que todo o mundo “adore a primeira besta, cuja chaga mortal foi curada”. Ela consegue isto fazendo grandes sinais e maravilhas que enganam os habitantes da Terra levando-os a levantarem “uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia”. Uma vez que isto tenha sido alcançado, aqueles que recusam reconhecer a autoridade universal desta besta, serão perseguidos, é-lhes recusado o direito de comprar e vender, e por fim serão sentenciados à morte.

Esta besta é o símbolo dos Estados Unidos da América como é plenamente declarado nestas palavras: “Uma nação, e apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; esta aponta inofismavelmente para os Estados Unidos da América do Norte.” *O Grande Conflito*, 439.

“Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a infligência de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.... A ‘imagem da besta’ representa a forma de protestantismo apóstata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas.” *O Grande Conflito*, 444.

Assim a imagem da besta é positivamente identificada como sendo o protestantismo apóstata apoiado pelas autoridades e poder dos Estados Unidos da América. Este poder ainda não fez esta imagem à besta, mas o tempo não está longe para que tudo isto seja realizado.

O ponto deste estudo é que é a esta besta, e não à besta papal, que o número 666 se refere.

Não havia dúvida acerca disto na mente de James White que escreveu: “Este último poder que ameaça os santos é revelado em *Apocalipse* 13:11-18. O seu número é 666.” *A Word to the Little Flock*, 9.

Qual é o poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18, cujo número é 666? É o papado com o Papa de Roma à cabeça cuja chaga mortal foi curada?

Não! Esse poder é descrito em *Apocalipse* 13:1-10.

O poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18 é o cordeiro com chifres semelhantes aos de um cordeiro que se seguiu à besta papal e é de novo conhecido como a Imagem da Besta. *O seu número é 666.*

Em todo o Espírito de Profecia apenas fui capaz de localizar uma referência ao 666, e não dá qualquer apoio à interpretação que liga o número 666 ao Papa designado pelo próprio nome, nem o papado como um todo ou em parte. Em vez disso, o testemunho claramente declara que 666 é o número da imagem da besta. Isto foi mostrado em visão:

“Vi que todo aquele que ‘não recebesse a marca da besta, e da sua imagem, nas suas testas ou nas suas mãos’, não podia comprar ou vender. Vi que o número (666) da imagem da besta foi formado; e que foi a besta que mudou o sábado, e que a imagem da besta a havia seguido desde então, e manteve o sábado papal e não o de Deus. E tudo aquilo que se exigia que fizéssemos, era abandonar o sábado, e guardar o do Papa, e então podíamos ter a marca da besta, e da sua imagem.” *A Word to the Little Flock*, 19.

Os acontecimentos descritos neste parágrafo estavam ainda muito no futuro quando aquelas palavras foram escritas, e ainda estão. A razão para terem sido escritas no presente é porque o profeta foi levado à frente em visão a um tempo em que estas coisas aconteceriam. Para ele, nessa posição, tinham que se tornar presente e descreveu-as de acordo com isso.

Este testemunho confirma duas coisas que estão intimamente relacionadas.

A primeira é que 666 é o número da imagem da besta, e a segunda é que quando o decreto de comprar e vender for posto a circular, então o número 666 terá sido formado. Sendo assim, o número 666 nunca podia ser o número da besta papal porque, quando essa besta esteve no poder entre 538 e 1798, o número 666 não estava formado, nem estará até às fases finais da batalha com a besta e sua imagem. Até lá, o número não existe senão em profecia.

Uma vez que isto tenha sido estabelecido como foi agora, esse número 666 pertence à imagem da besta, e não ao papado, a interpretação em que o valor numérico das letras num nome somam 666, prova ser inválida.

É verdade que o número 666 pode ser encontrado no título papal, *Vicarius Filii Dei*, como foi demonstrado anteriormente neste capítulo. Também pode ser encontrado num nome Ellen Gould White como se segue L=50, L=50, O=0, U=5, L=50, D=500, W=10, I=1. O total deste números é exactamente 666. A letras, E, N, G, H, e T, não têm valor numérico em latim.

Deste modo, se este sistema de interpretação fosse usado, então Ellen G. White continha o número da besta e do seu nome, e por conseguinte, juntamente com o Papa, é a besta. Nós sabemos que isto nunca pode ser verdade, porque ela sem dúvida, foi profetiza de Deus, e como tal, estava em completa oposição à besta e à sua imagem.

Além disso, se este sistema em que os valores numéricos de um nome é a forma correcta para determinar o significado do número 666, então o nome da imagem da besta, que é Protestantismo Apóstata, deve também conter esse misterioso número. Mas não. Há apenas duas letras em todo o nome com valor numérico e são I e M. I=1, e M=1000, fazendo um total de 1001, que está longe de 666.

Nem ele pode ser encontrado no nome “Estados Unidos da América”, o valor numérico do qual é 1607.

Há uma objecção muito conclusiva quanto ao uso do valor do título, “*Vicarius Filii Dei*,” para identificar aquele cujo número é 666. Esse nome, que sendo traduzido, significa “O Vigário do Filho de Deus”, não é, em quaisquer circunstâncias, o título dos pontífices papais. Eles não são, nem alguma vez serão, os representantes de Deus na Terra. Esse não é o seu nome. Pelo contrário, eles representam a obra-prima do engano de Satanás, os inimigos de Deus e do homem.

Portanto, 666 não é o número desse nome, não importa quanto possa parecer, porque é um título que eles atribuíram a si próprios a fim de desviarem a atenção dos seus verdadeiros

nomes. Os seus nomes são: “Babilónia”; “O Homem do Pecado”; “O Filho da Perdição”; “Anticristo”; “A Mãe das Prostituições e Abominações na Terra”; etc.

Há aqueles que, embora acreditem sinceramente que o sistema papal é o anticristo e a abominação desoladora, ao mesmo tempo ensinam que o 666 é o número daqueles que adoptam esse título assumido por si próprios: “Vicarius Filii Dei”. É evidente que o povo não compreende as implicações da posição que tomou, porque, se aceitassem esse título como seu nome, tinham que admitir que ele é de facto o vigário ou representante do Filho de Deus na Terra. Essa posição apenas podia ser correctamente ocupada por designação divina, e a indicação teria que recair na verdade num verdadeiro cristão, e não num anticristo que será de facto a imagem da besta.

Tendo demonstrado a forma incorrecta de interpretar 666, voltamos agora a nossa atenção para a verdade deste assunto.

Para fazer isto, é necessário voltar ao Antigo Testamento para encontrar onde o número primeiramente começou a ser formado e a revelação na Escritura deste desenvolvimento. Este é um são e válido procedimento porque:

“No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.” {AA 326}, *Atos dos Apóstolos*, 584, 585.

Portanto, tão certo como encontrarmos o 666 completamente desenvolvido em *Apocalipse*, podemos estar certos que encontraremos o começo desse crescimento nos primeiros dias da grande rebelião. Como obtenção duma compreensão e explicação do aparecimento desse que no fim se tornaria um 666 completamente amadurecido, Deus deu a Israel leis que se destinavam a protegê-los desse temível poder simbolizado pelo número 6, 66, e 666. Esse estatuto é encontrado em *Êxodo* 21:1-6 e lê-se como se segue:

“Estes são os estatutos que lhes proporás:

“Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá forro, de graça.

“Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sairá sua mulher com ele.

“Se seu senhor lhe houver dado uma mulher, e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá só com seu corpo.

“Mas se aquele servo expressamente disser: ‘Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair forro.’

“Então seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta, o ao postigo, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovelá; e o servirá para sempre.” *Êxodo* 21:1-6.

Quando os hebreus agiam segundo os requisitos desta lei, Deus designou que eles vissem a aplicação da mesma lei a toda a história do grande conflito. Ele semelhantemente espera que nós vejamos mais nisto do que uma instrução limitada aos judeus. Devemos compreender o resultado da determinação do homem de colocar os seus semelhantes numa cruel, perpétua servidão, e as limitações que Deus tinha imposto nesta disposição.

Os seis anos de escravidão que os escravos hebreus eram compelidos a servir, apontam para os seis mil anos durante os quais a família humana como um todo tem servido sob a escravidão do pecado. O facto é que há exactamente seis mil anos entre o início da escravidão do homem e o seu fim.

Esta atribuição de seis mil anos para a escravidão é revelada pelo facto que haverá mil anos de total repouso para a Terra entre a segunda e a terceira vinda de Cristo. Tão seguramente como haverá mil anos de repouso, assim haverá seis mil anos de inquietação e servidão. Há uma lista numerosa de testemunhos para confirmar isto, da qual escolherei dois.

Descrevendo a situação tal como ela será no segundo advento de Cristo, está escrito que: “Seis mil anos esteve em andamento o grande conflito; o Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em conflito com o poder do maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os

filhos dos homens. Agora todos fizeram sua decisão; os ímpios uniram-se completamente a Satanás em sua luta contra Deus. Chegado é o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que fora conculcada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações;’ ‘os ímpios entregará à espada.’” *O Grande Conflito*, 653.

“Durante seis mil anos Satanás tem lutado para manter posse da Terra.” {PP 243}, *Patriarcas e Profetas*, 353.

Saber que seis mil anos passaram entre a queda do homem no pecado, e o regresso do nosso Rei vindouro, não dará a alguém a capacidade para estabelecer o tempo do segundo advento. Isto acontece porque ninguém sabe exactamente quanto tempo passou desde que Adão e Eva transgrediram, porque não foi guardado um completo e exacto relato do tempo. Contudo, podemos estar certos que o tempo é agora muito curto.

Não devemos negligenciar o facto que Deus é o Legislador que limitou o período de servidão a seis anos no tipo, e a seis mil anos nos antítipo. Ele decretou a limitação do tempo durante o qual a opressão pode reinar, e por isto podemos estar verdadeiramente gratos.

No final do período estipulado, era oferecida a liberdade aos servos, mas, eles não eram forçados a aceitá-la. Se amassem o seu senhor e as suas mulheres e os filhos que o seu senhor lhes tinha dado, podiam escolher a permanência na servidão. Se escolhessem esta opção, nunca mais podiam sair livres mas tinham que permanecer escravos para sempre. Para identificar isto, uma marca visível era colocada neles, furando-lhes a orelha. Não era na forma de um seis, mas era o símbolo dele, para que todo o que visse o furo soubesse que tinham servido seis anos e depois haviam escolhido ficar escravos para sempre.

Isto mostra o facto que, embora Deus tivesse estabelecido um tempo limite ao opressor, ninguém era forçado a sair em liberdade. Todo o que quisesse podia permanecer em servidão eternamente.

Mas a questão é:

— Por que razão a escolha entre liberdade perpétua e uma escravidão sem fim é dada no final do período de seis mil anos, e não no início deles.

Embora pareça que os escravos fazem a sua escolha pela liberdade ou escravidão permanente no final dos seis anos de serviço, de facto este ponto de tempo é realmente apenas o momento de ratificar a decisão que ele já havia tomado antes. Em termos práticos, nenhum escravo sonhava chegar ao final dos seis anos e subitamente despertava para tomar uma decisão de ficar escravo ou partir. Ele teria antecipado esse momento e já teria tomado a sua decisão antes disso. Semelhantemente, toda a humanidade terá tomado a sua decisão para liberdade ou escravidão permanente antes de chegar ao final dos seis mil anos à oportunidade de tomar a decisão. O final dos seis mil anos apenas fixa permanentemente as decisões que todos já tomaram anteriormente.

Mas devíamos considerar durante algum tempo o propósito, benefícios, e necessidade dos simbólicos seis anos de escravidão, tal como eles se relacionam com todo o indivíduo que alguma vez viveu ou viverá.

Há uma diferença muito importante entre o homem antes de entrar em escravidão, e o homem depois de a ter experimentado por si próprio. Isto é também verdade apesar de Adão e Eva terem sido continuamente ensinados por Cristo e pelos Seus anjos auxiliares, sobre o que seria uma existência servil. Eles e os seus filhos deviam aprender pela mais amarga, dolorosa, experiência pessoal que conhecer a escravidão é, muito, muito mais do que saber acerca dela.

Para os tornar menos capazes de tomarem uma decisão duradoura, Satanás ali estava para confundir as coisas tanto quanto pudesse. Ele fazia parecer que uma vida sob a sua “gentil orientação” era muito mais preferível do que o “severo controlo” de Deus. Ele fez o mal parecer tão atraente que devia ser desejado acima de tudo o que Deus pudesse oferecer. Em

consequência, Adão lançou a raça humana numa vida de servidão ao pecado; uma aprendizagem que todos são capazes de obter em primeiro lugar pela experiência directa, sobre o monstruoso engano que foi praticado sobre ele. Se, quando Satanás lhe conquistou o acesso, ele tivesse compreendido a miséria de uma vida de escravidão tão claramente como compreendeu quando a viveu, nunca teria dado ouvidos ao diabo por um instante. Quão rapidamente lamentou do mais profundo da sua alma, a triste escolha que fez.

“A vida de Adão foi de tristeza, humildade e contrição. Quando deixou o Éden, o pensamento de que ele deveria morrer fazia-o estremecer de horror. Pela primeira vez teve ciência da realidade da morte na família humana, quando Caim, seu primogénito, se tornou o assassino de seu irmão. Cheio do mais profundo remorso pelo seu pecado, e duplamente despojado pela morte de Abel e rejeição de Caim, Adão prostrou-se com angústia. Testemunhou a corrupção que vastamente se propagava, a qual deveria finalmente determinar a destruição do mundo por um dilúvio; e, posto que a sentença de morte pronunciada contra ele por seu Criador tivesse a princípio parecido terrível, contudo, após contemplar quase durante mil anos os resultados do pecado, compreendeu que havia misericórdia da parte de Deus ao dar fim a uma vida de sofrimento e tristeza.” {PP 48}, *Patriarcas e Profetas*, 78, 79. Vede também *The Signs of the Times*, 6 de Fevereiro de 1879.

Assim Adão provou por si próprio a realidade da vida como ela é sob o governo de Satanás. Ele não esperou até ao final dos seis mil anos para fazer a sua escolha a favor do benigno governo de Deus. Mesmo assim, apesar dele entretanto se arrepender profundamente, ter sido perdoado e liberto do domínio do senhor do pecado, continuou sujeito ao último inimigo, a morte, e não ter entrado na sua herança prometida até os seis mil anos estarem terminados. Então, por causa de ter escolhido ser livre de acordo com os termos e condições estabelecidas por Deus, será livre para sempre.

Todavia, estranhamente, muito poucos na proporção das multidões de homens que viverão na Terra por altura da segunda vinda de Cristo, terão escolhido sair livres. Isto é assim porque eles amam o seu senhor, o diabo, e as coisas materiais que ele lhes deu, como simbolizado pelas mulheres e filhos na lei típica.

Quando uma pessoa faz a sua escolha de permanecer na escravidão do pecado, tem que ser portador da marca da sua escolha. É a marca do número seis que é o número do tempo de provação do homem. Quando na Bíblia é determinado um tempo de graça, será normalmente verificado que ele é uma unidade de seis ou múltiplos dele. O tempo de graça ligado com o dilúvio nos dias de Noé, ilustra este ponto muito bem. Noé nasceu 600 anos antes do dilúvio, e foi avisado da sua vinda durante 120 anos. O próprio dilúvio destruiu o mundo 1656 anos depois da queda de Adão e Eva. Cada um destes períodos é múltiplo de seis.

A marca do número seis que era um furo feito na orelha, era visível a todos os que olhavam para ele, mas a sua contrapartida antitípica não é algo que possa ser visto pelo olho natural mas é um sinal espiritual do qual falarei um pouco mais tarde. Apesar de invisível pelo olho natural, é contudo uma marca muito real.

Até agora neste estudo, a aplicação do número seis foi limitado apenas ao indivíduo e sua chegada ao ponto de decisão. Apesar desta ser uma linha de pensamento válida, carece de uma mensagem mais ampla revelada no estatuto dado a Israel que aponta para o futuro para o dia em que os 6000 anos terminarão e todos forem obrigados a confirmar a escolha que fizeram. Quando esse tempo chegar por fim, o número 666 será totalmente formado.

O desenvolvimento do número 666 até ao ponto em que estiver completamente formado, é obra de milénios. Ele começou com a entrada do pecado, e terminará quando todo o mundo liderado pela Imagem da Besta, adorar a besta cuja chaga mortal foi curada. Quando chegar esta crise final, toda a pessoa sobre a Terra deve, *ao mesmo tempo*, ter escolhido ficar em

perpétua servidão sob o domínio do seu antigo senhor, ou aceitar a vida eterna e liberdade do lado de Deus. Ninguém poderá ficar neutro ou indeciso.

Todavia, esta não será a primeira vez na história em que todas as pessoas da Terra, *ao mesmo tempo*, terão sido incapazes de evitar a decisão mais importante da vida, pois, quando o dilúvio se aproximava, todo o mundo foi trazido a um ponto espiritual crítico, o resultado do qual foi que oito entraram na arca e os restantes ficaram no exterior.

As multidões que tomaram a sua decisão contra a ida em liberdade, fizeram-no, não meramente baseados naquilo que lhes foi dito acerca da vida em servidão, mas em face daquilo que aprenderam sobre ela através da observação e experiência pessoal. Mas eles amavam o seu senhor, o diabo, e as coisas agradáveis que ele lhes dava, assim escolheram a escravidão em vez da liberdade, e o serviço ao eu e Satanás em lugar da lealdade a Deus. Quando tomaram essa decisão final e receberam a marca do número 6, renunciaram à sua liberdade para sempre, e passaram para a eterna escravidão sob o domínio impiedoso do pecado quando o dilúvio os levou no frio abraço.

As poderosas forças do Céu não se sentaram e esperaram que as multidões da Terra chegassem à sua decisão colectiva, mas puseram em prática todo o esforço para dissuadir os homens do trágico rumo em que eles tinham colocado os seus pés. É importante notar que durante o período que levou ao dilúvio, foi o Pai Eterno que foi revelado à raça humana nos dedicados esforços do Céu para salvar aquelas pessoas.

Quando o esforço falhou, Jesus Cristo foi enviado como demonstração seguinte do amor redentor. Ele veio para revalidar essa lei que limitava o domínio do senhor do escravo e oferecia a liberdade perpétua àqueles que escolhessem aceitá-la.

Uma vez mais, através do ministério de Cristo e dos discípulos cheios de Espírito, todo o mundo foi trazido a um ponto de decisão, em que, outra vez, apenas um pequeno remanescente escolheu a liberdade oferecida. A hora da decisão não estava tão ligada a um dia específico como foi nos dias de Noé, mas todo o mundo estava envolvido.

Agora chegamos a um ponto importante na formação do número 666. O ponto é que aqueles que tomaram a decisão nos dias de Cristo foram muito mais responsáveis do que aqueles que fizeram a sua escolha nos dias de Noé. Isto é assim porque os antediluvianos estavam pisando terreno novo. Embora vissem os efeitos do pecado nas vidas das pessoas dos vários povos, nunca viram os efeitos catastróficos de uma simultânea e global rejeição de Deus. Para eles não tinha havido um precedente. Para eles, faltava essa salvaguarda.

Mas não foi assim na situação existente quando Cristo e os inspirados apóstolos trouxeram o mundo ao dia da decisão. Eles tinham o testemunho dos efeitos catastróficos da escolha feita por aqueles que viveram antes deles. Isto significa que, quando em face de tais evidências o povo dos dias de Cristo e dos apóstolos escolheram a servidão em vez da liberdade, estavam a declarar que, se tivessem vivido antes de vir o dilúvio, ter-se-iam unido às multidões. Portanto, sobre eles repousava o número seis pelo qual os homens eram marcados nos dias de Noé. Isto é mais confirmado por Jesus quando disse: "Aquele que Me aborrece, aborrece também a Meu Pai." *João 15:23*.

Mas mesmo antes de Jesus vir, eles já tinham escolhido o primeiro número 6 ao rejeitarem o Pai como Ele foi apresentado nos escritos do Antigo Testamento. A sua condição apostatada no tempo de Cristo é a prova positiva de que eles não estavam fazendo melhor do que os seus pais antediluvianos e com menos razão.

Todavia, isso não foi tudo. Depois de rejeitarem o Pai, foram confrontados com aquilo que deviam fazer ao Filho, que trouxe a mesma oferta que o Pai, mas com um apelo mais poderoso e mais convincente do que alguma vez havia sido possível nos dias de Noé.

Portanto, na adição ao recebimento da marca do número seis pela duplicação do pecado dos antediluvianos, receberam também o seu próprio seis. Assim formando o número 666 juntando 66 à rejeição do Pai e do Filho.

Depois disto, o único Mensageiro que resta para trazer a misericordiosa oferta de liberdade é o Espírito Santo que em breve deverá manifestar-se no poder da chuva serôdia à escala mundial. Com terrível poder Ele contestará os esforços do senhor do pecado para manter os homens em escravidão eterna, e tão furiosa será a batalha a ser travada, que todo o homem, e criança em todo o mundo será forçado a tomar a sua decisão pessoal. Mas nenhum o fará na ignorância da rejeição do Pai nos dias anteriores ao dilúvio, e do Seu Filho quando veio pela primeira vez. O Espírito Santo, como só Ele pode, tornará o assunto tão claro que todo verá por si mesmo a verdadeira natureza das duas grandes rejeições globais que já aconteceram no passado, e o que significará acrescentar a terceira e última preferência pela eterna escravidão em lugar da perpétua liberdade.

Os poderes das trevas sairão desesperadamente para manter os homens em cativeiro mesmo para selarem os santos nas suas sepulturas para sempre. A Imagem da Besta, tal como já vimos, usará todo o engano e medida ao seu alcance para conseguir a supremacia nesta altura.

Incrivelmente, mais uma vez, apenas alguns aceitarão a libertação, o restante demonstrando amor pelo seu mestre e seus dons, que serão mais fortes do que a própria vida. Quando estes, sob a liderança da besta e sua imagem, decidem pela escravidão eterna, receberão a marca do número seis para si mesmos. Ao fazê-lo, demonstram a sua aprovação da decisão tomada antes do dilúvio, pela qual também receberão o mesmo número seis. Eles também endossarão a decisão tomada pela geração que rejeitou Cristo e Seus mensageiros apostólicos. Por causa disto partilharão esses seis também.

Assim eles chegarão ao seu dia de destino e decisão final possuindo já o número 66, e tendo apenas que acrescentar o seu próprio número 6, com o qual fazem por fim o número 666.

O número não é algo no falso título que o Papa de Roma tenha reclamado para si próprio, mas é a designação simbólica dos homens que, em face de todas as evidências da história do passado, têm escolhido nunca mais serem livres. Sobre todo o homem, mulher, e criança que escolha a escravidão em vez da liberdade quando a besta e a sua imagem estiverem violentando a Terra, esse número será a marca.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

O homem do pecado tem feito o seu melhor para esconder esse número da vista dando uma falsa interpretação que, se aceite, desvia a mente da genuína verdade da questão.

Mas não é preciso ir muito longe no engano satânico desta falsa religião para descobrir o 6, 66, e 666 hábil, mas não seguramente escondido da vista. Estes números são encontrados na antiquíssima adoração do Sol que continuará até ao fim do tempo, e que está no coração da falsa religião. É por esta razão que a universal obrigatoriedade da adoração do domingo figurará tão largamente na luta final pela supremacia.

Na adoração do Sol, este é tornado o grande centro à volta do qual rodam os doze sinais do Zodíaco cada um dos quais ocupando trinta graus do círculo. O Sol mais os doze sinais do Zodíaco, forma um total de treze, que é um número de grande significado, tal como veremos.

Cada uma das doze divisões estava ainda dividida em três “decanos” cada qual ocupando dez graus do círculo, fazendo um total de trinta e seis progressões no conjunto.

Os componentes deste número são chamados, “Um, Dois, Três, Quatro, e assim sucessivamente até Trinta e seis. Se a cada um destes números forem adicionados os números que os antecedem, verificaremos que 6, 66, e 666 estão incluídos na religião do Sol. Verificai

por vós mesmos somando $1 + 2 + 3 = 6 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 + 11 = 66$ e a seguir até alcançardes $+ 35 + 36 = 666$.

Assim, precisamente na religião da adoração do Sol que em breve levará todo o mundo cativo, está uma ilustração formando o número 666, a marca daqueles que, no fim do tempo, escolherão a escravidão eterna a ser servida sob o último senhor de todos — a morte.

Voltaremos agora os nossos pensamentos para esse outro número — treze!

Pelo mundo ele é conhecido como o número “da pouca sorte”, ou o “número do diabo”. Muitos hotéis não têm um andar ou quartos com esse número, nem companhias aéreas, assentos. Se um jogador de críquete num encontro alcançar um resultado numa jogada de oitenta e sete que é treze abaixo de cem, fica muito apreensivo, porque receia que a sua sorte se volte contra si. Normalmente fica imensamente aliviado quando passa o resultado sem ser desqualificado.

Assim, treze é um número com uma má reputação quando é de facto um dos números mais maravilhosos em toda a Bíblia. Tanto no tipo como no antítipo, este é um número que designa a estrutura do reino de Deus. Portanto, é o número simbólico da ordem evangélica. Não admira então que o inimigo de Deus e dos homens tenha carregado esse número com infâmia.

Olhemos agora para os exemplos onde este número significa a estrutura do reino de Deus.

As Tribos de Israel

Havia doze filhos de Jacó cada um dos quais se tornou, à medida que se multiplicava, uma das doze tribos de Israel. Houve uma excepção a isto, nomeadamente José, a quem foi atribuído duas tribos identificadas pelo nome dos seus filhos, Efraim e Manassés. Isto fazia um total de treze tribos — Ruben, Simeão, Judá, Issacar, Zebulom, Efraim, Manassés, Benjamim, Dã, Aser, Gade, Naftali, e Levi. Doze eram tribos numeradas, enquanto Levi, a décima terceira tribo não era numerada com as restantes, como está escrito:

“Estes são os que foram contados dos filhos de Israel, segundo a casa de seus pais: todos os que foram contados dos exércitos pelos seus esquadrões foram seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta.

“Mas os levitas não foram contados entre os filhos de Israel, como Senhor ordenara a Moisés.” *Números 2:32, 33.*

No altamente significativo estabelecimento da ordem no acampamento, aos levitas foi ordenado que colocassem as suas tendas imediatamente à volta do tabernáculo. Então, fora da área ocupada pelos levitas, o restante devia acampar à volta dos levitas e do tabernáculo. Judá, Issacar, e Zebulom, acampavam do lado Este; Rúben, Simeão, e Gade ao Sul; Efraim, Manassés, e Benjamim ao Oeste; e Dã, Aser, e Naftali ao Norte. Esta informação está contida em *Números 2*.

No Novo Testamento, uma vez que a morte do Cordeiro de Deus tinha substituído o sacrifício do cordeiro típico, o típico sacerdócio levítico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antítípico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antítípico desse ministério. Portanto, devemos esperar que o número treze esteja presente no Novo Testamento tão certamente como no Antigo Testamento.

Os Discípulos e os Anciãos

Por isso verificamos que Cristo é a figura central rodeada pelos doze discípulos, que mais uma vez formam um total de treze.

Depois de regressar ao Céu a fim de tomar os deveres desse “misericordioso e fiel Sumo Sacerdote”, Ele partilha com Seu Pai, o trono do Omnipotente. Nós esperaríamos, portanto, que

cada um deles fosse rodeado por doze seres ou grupos de seres que estão nas pessoas dos vinte e quatro anciãos. Aqui está o esquema como ele foi revelado a João:

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu e um assentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardónica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.” *Apocalipse 4:2-4*.

Vinte e quatro anciãos mais o Pai e o Filho é vinte e seis que é o dobro de treze. Como deve ser esperado, o maravilhoso número treze estará tão firmemente estabelecido na Terra renovada como jamais esteve na antiga.

A Santa Cidade

Assim lemos que existirão doze portas para a cidade santa, em cada uma das quais estará inscrito o nome duma das tribos de Israel, enquanto em cada um dos fundamentos estará escrito o nome dum dos apóstolos de Cristo. Isto não significa que o nome de Judas aparecerá ali, pelo contrário, em seu lugar o de Paulo a quem o seu lugar foi dado.

“E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

“Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas.

“E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do cordeiro.” *Apocalipse 21:12-14*.

Dentro da cidade estarão o Pai e o Filho que, com os apóstolos e as doze tribos, somam vinte e seis, outro dobro de treze, exactamente no tempo em que a ordem dos sacerdotes e reis de Melquisedeque estarão total e eternamente em operação.

Ora, é absolutamente seguro e certo que, se a estrutura do sistema antitípico da ordem de Melquisedeque envolve o número treze, então assim acontece no típico.

Houve apenas um período do qual o tipo podia ser tirado, mas esse não podia ter sido durante os dias dos filhos de Israel em que não havia reis sacerdotes. Desde o momento em que os levitas foram indicados para o sacerdócio no incidente do bezerro de ouro, até ao fim do sistema levítico na cruz do Calvário, os reis vieram de Judá e os sacerdotes de Levi. Este não era um sistema que simbolizava Melquisedeque em que os ofícios de sacerdote e rei estavam investidos numa só pessoa.

O Período Patriarcal

Para encontrar o sistema típico que realmente representa a ordem de Melquisedeque, temos apenas que localizar essa era durante a qual os sacerdotes eram reis, e os reis sacerdotes. O único intervalo assim foi entre Adão e Jacó, doutro modo conhecido como o período patriarcal. Mas, não só cada um destes homens tinham que ser reis e sacerdotes numa pessoa a fim de representar a ordem de Melquisedeque, tinha também que haver treze deles. Mais ainda, como no sistema antitípico a figura central ou principal é Melquisedeque, assim no sistema típico a figura central tem que ser o Melquisedeque típico.

Entre Adão e Jacó, houve com certeza mais de doze gerações. Houve de facto vinte e duas, mas também deve ser recordado que para ser rei, uma pessoa tinha sobreviver ao seu pai, e dos vinte e dois, foram exactamente treze os que o fizeram. Foram:

1. Adão
2. Sete
3. Enos
4. Cainan
5. Maalalel
6. Jarede
7. Enoque
8. Metusalém
9. Noé
10. Sem
11. Eber
12. Isaque, e
13. Jacó.

Enoque evidentemente não sobreviveu ao seu pai enquanto esteve na Terra, mas fê-lo sendo trasladado.

Ora, o centro de treze é sete. Os seis números 1-6 precedem o 7 e os seis números, 8-13 vêm depois de 7. Portanto, o sétimo rei e sacerdote depois de Adão fornecia o tipo de Melquisedeque e havia apenas um que o podia fazer. Enoque enquanto homem.

Foi assim que Enoque, “o sétimo depois de Adão”, *Judas 14*, foi para o Céu, recebeu o seu novo nome, “Melquisedeque”, e de imediato começou a sua obra como “rei de Salém, sacerdote do Altíssimo Deus”.

Nesse ofício, ele começou a proclamação da graça infinita do Pai eterno cuja glória é perdoar e restaurar. No decurso deste ministério, ele regressou a esta Terra por um período de serviço, pelo qual mostrou como só ele podia, o glorioso futuro que espera os remidos.